BX
2321
.B6P4
1876

Class BX2321

Book .B6P9

1876

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

E

ROTEIRO OU ABREVIADA NOTICIA

DE BRAGA

POR

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1876

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

E

ROTEIRO OU ABREVIADA NOTICIA DE BRAGA

POR

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel

Do Conselho de Sua Majestade,
Deputado da Nação Portugueza,
Commendador da ordem de S. Thiago, Fidalgo cavalleiro da Casa real,
Lente cathedratico da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra,
Socio do Instituto da mesma cidade,
Socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisboa,
Socio Professor correspondente da Academia de jurisprudencia
e legislação de Madrid.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1876

BX2321
.B6P4
1876

387270
'29

AAK 24 A935

Á

MEMORIA SAUDOSISSIMA

DE

SEU QUERIDO FILHO

ALVARO PEREIRA DE SAMPAIO FORJAZ DE SERPA PIMENTEL

Nascido em 26 de março de 1852
e fallecido em 5 de agosto de 1870

D. E C.

O auctor.

... Seu filho era um anjo, que brilhou entre nós, e logo nos fugiu para o céo... Deus vai retirando da sociedade corrompida os espiritos puros e candidos...

(C. da Graciosa)

... E a virtude?... e o talento que esplendia?...
E a esperança que os passos te apontou
A um porvir de glorias e de alegria?!
Ai!... tudo se frustrou!...
. . . . . .

(Cardoso Silva)

Honras... gloria... fama... fortuna... belleza... prazeres... alegria do mundo... o tumulo engulu tudo. Que pois é a vida? um sonho... nada mais...

(Virey)

Tanto sacrificio inutilisado; tanta esperança perdida; tanto amor de pae sem objecto, é caso para lastimar deveras!... Mas depois da natureza a razão... na religião christã achará... lenitivo poderoso á sua dor...

(Anc. de Góa)

... Vaidade de vaidades... tudo vaidade... tudo, por grande e glorioso que seja sobre a terra, vai sumir-se nas sombras do tumulo. As prendas do espirito... os dotes do coração... a flor da mocidade... a hierarchia do nascimento... nada escapa á lei fatal da natureza, convertida em castigo pelo crime do primeiro homem... Curvemo-nos diante da vontade de Deus... Em suas misericordias havia-nos concedido um filho, que era a nossa esperança pela elevação da sua intelligencia, pela bondade do seu coração... Tirou-nol-o na primavera da vida, como a flor que desabrocha e calcada foge como a sombra... Senhor, quizestes levar para vós este anjo de pureza, de bondade, de dedicação, de amor, antes que o corrompesse o halito pestifero do mundo. Seja feita a vossa vontade. Se elle já goza a vossa presença, ouvi-o e attendei-o, quando interceder pelos infelizes paes. Mas se tem a expiar alguma fraqueza, acceitae benigno as nossas preces... e possam estas fazer-lhe gozar em breve a... Bemaventurança.....

(*Album*)

... Ha dores tão acerbas e tão profundas, que se comprehendem mas não podem exprimir-se... Para estas são inuteis palavras de conforto... Só o tempo, a religião e os deveres de familia é que podem dar animo e resignação para supportal-as, nunca para esquecel-as...

(J. M. de Abreu)

. . . E pelo teu anjo pedi como o coração me pede sempre que peça... É quanto posso fazer, e o que juncto ás minhas lagrimas e saudade, profundamente sinceras, tenho para te offerecer no dia 26 de março, tão alegre e festivo outr'ora, tão triste hoje, tão funebre... para nós!... Para nós!... sim... que para elle......

(Miguel A.)

... Grande, immensa é a consolação que te resta ao pensar nas virtudes e singular bondade do filho, de quem, a uma só voz, todos bemdizem a memoria... Mas um christão deve procurar tomar a sua cruz com paciencia, e seguir o mestre que foi na frente; e um pae de dois filhos deve procurar viver para elles, fazendo os possiveis esforços para se resignar á enorme perda soffrida, a fim de que maiores males os não tornem mais infelizes...

(A. P. Forjaz)

... basta olhar para o retrato d'elle para reconhecer-lhe logo o typo d'um mancebo cheio de intelligencia, vivacidade, e ao mesmo tempo de criterio e gravidade...

(*Recife* — Drummond)

... A nobreza dos seus sentimentos, o levantado de suas idèas, a delicadeza de suas maneiras tornavam-no muito notavel entre os moços da sua edade........ Era accessivel a todos; bem vindo para todos; cortez, delicadissimo para todos; sem estudo, sem calculo, sem pretenções, sem essa affabilidade artistica, que lisongeia e engana; sem esse riso facil e estudado, que quasi sempre revela frivolidade, senão cousa in la peior; sem essas maneiras calculadas e ensaiadas, que até incommodam; mas sempre com aquella graça propria das almas ornadas pelas prendas e virtudes, que ennobrecem e elevam os homens...

(Gavicho — *Necrologio*)

... É ámanhã o fatal dia 5 de agosto, dia em que o teu coração soffreu durissimo golpe, profundissima chaga; e vivissimo desgosto todos quantos conheciam bem a virtude, o merecimento d'aquelle, que por isso mesmo o Senhor quiz para Si............ As tuas lagrimas... são puras, sanctas, naturaes e devidas ... Da maneira que posso, recolho-as no meu coração... Mas se te digo — chora, é sempre crendo que a par das lagrimas está a conformidade com a vontade de Deus. Só assim são dignas d'um tal filho, nem elle quer outras lá do seio do Senhor, onde por certo está...

(Miguel A.)

... Creia-me... chorei lembrando-me da criança, que conheci, e com quem brinquei tanto na casa da Cioga... Sirva-lhe de consolo o bom nome, que seu filho lhe deixou...

(*Pernambuco* — Ramos)

... Era quasi imberbe, e mostrava tino de tal quilate, juizo tão prudencial, pensar tão reflectido, que seu pae folgava de practicar com elle sobre cousas as mais sérias e delicadas; muitas vezes o consultava, e não poucas se guiava, como pelo melhor, pelo seu voto e alvedrio....

(Gavicho — *Necrologio*)

...O premio infallivel, que aquelle virtuoso moço, de tão saudosa memoria, conseguiria na bemaventurança... não esquece nunca ao pae catholico... E se nem a religião, nem a familia, nem o tempo podem ser lenitivo para tão justificada dor, que posso eu offerecer-lhe de consolação? Só me resta dar-lhe os braços do amigo que foi de um, e que ainda é do outro, para o deixar á sua vontade derramar lagrimas de saudade e desafogo!,..

(Luiz Albano)

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

EM BRAGA

TERCEIRA EDIÇÃO

MUITO ALTERADA E ACCRESCENTADA

Le vulgaire l'admire, et ne le comprend pas.

LAMARTINE.

O Sanctuario do Bom Jesus do monte não era muito conhecido, apezar da sua nomeada, por falta d'uma descripção individuada. A unica, de que sabemos, muito anterior ás — Memorias do Bom Jesus do monte, e intitulada — *Descripção do prodigioso e augusto Sanctuario do Bom Jesus,* é insufficiente não só como descripção, porque foi publicada em 1793, e portanto muito antes das melhores obras feitas posteriormente no monte, mas como historia, porque diz pouco da instituição e progressos do Sanctuario, e contém principalmente reflexões moraes e religiosas.

As Memorias do Bom Jesus do monte supprem até certo ponto esta falta; bem o mostra a acceitação, que tiveram as suas duas primeiras edições, publicadas em 1844 e 1861.

Estas edições estão extinctas. Depois d'ellas não conhecemos outras publicações sobre o mesmo objecto senão uns livrinhos, que ensinam o modo de visitar

as capellas e templo do Sanctuario com as orações correspondentes, — os artigos da *Illustração popular*, — e dois folhetos, que tem principalmente a natureza de guia muito circumscripto do visitante de Braga.

Algumas d'estas publicações, aproveitando em proprio beneficio o campo arroteado, contém tambem material descripção do Sanctuario, em umas partes transcripta, e em outras visivelmente imitada das anteriores edições das Memorias do Bom Jesus sem referencia nem allusão a estas.

A terceira edição, que publicamos, das — Memorias do Bom Jesus acompanha as obras do monte até agosto ultimo de 1875. Tem algumas estampas ou vinhetas, como as anteriores edições; e como estas é dividida em quatro partes, comprehendendo as tres primeiras a descripção do Sanctuario e do Monumento do monte Sameiro, e a quarta uma noticia abreviada da insti-

tuição e progressos d'aquelle, graças espirituaes concedidas aos que o visitarem, fundos e administração da sua confraria.

A traducção das inscripções e versiculos da Sagrada Escriptura é copiada da — Biblia do padre Antonio Pereira de Figueiredo (Lisboa, Typographia Universal, 1852 e 1853). Devemos a de todas as outras inscripções e versos latinos ao nosso collega no magisterio da Universidade de Coimbra e amigo respeitavel o sr. conselheiro Francisco de Castro Freire. Por isso junctamos a umas e outras traducções as letras iniciaes dos traductores.

Acompanha em appendice as — Memorias do Bom Jesus um roteiro ou noticia de Braga com referencia ao character geral da cidade, suas praças, largos e *campos,* suas ruas, principaes templos e capellas, mosteiros extinctos e existentes, seu notavel paço archiepiscopal, seminarios, asylos, hospitaes, cemiterios,

passeios publicos, antigas fortificações, bancos, associações, estabelecimentos e monumentos publicos, algumas de suas mais notaveis raridades archeologicas, suas actuaes communicações, movimento industrial, genio industrioso, character individual, costumes e espirito religioso. Este roteiro ou abreviada noticia é tão cumprido quanto nol-o permittiram os esclarecimentos colhidos de inspecção propria, ou havidos uns de favor e ajuda de amigos, outros de leitura de antigos escriptores, que dizem o que no seu tempo era Braga ecclesiastica e secular.

Dedicamos esta terceira edição á memoria saudosissima d'um filho querido, de cuja companhia e extremos aprouve á Divina Providencia privar-nos ao cabo de tres dias de penoso e inesperado soffrimento no fatal dia 5 de agosto de 1870 na villa de Tentugal, — moço cheio de vida, porque tinha de edade apenas 18 annos, 4 mezes e 10 dias! — cheio de vi-

gor, porque ninguem tivera até então saude mais robusta, — cheio de innocente alegria, porque poucos dias antes fizera, com a consciencia de ter cumprido seus deveres, os seus actos do primeiro anno das faculdades de mathematica e philosophia na Universidade de Coimbra, — cheio de ventura, porque era estremecido de seus paes, a cuja ternura correspondia com amor, devota dedicação e respeito, — cheio de esperanças de lisongeiro futuro, porque era intelligente e estudioso. A sua morte deixou no coração de seus paes um vazio, que ventura nenhuma do mundo poderá encher,—lagrimas, que o tempo não póde enxugar. Seja permittido a um pae, acerado de profunda e constante dor, vincular o nome do filho querido a esta humilde producção litteraria, — talvez o ultimo esforço d'uma existencia que foge!....

PARTE PRIMEIRA

Topographia do monte, e descripção do portico e das primeiras sete capellas, fontes mythologicas, e estradas para o alto do monte.

I

Topographia do monte, e descripção do portico e das tres primeiras capellas, suas fontes mythologicas, e estradas para o alto do monte

As serras do Oural, Aboim da Nobrega, S. Pedro Fins, Nossa Senhora da Abbadia, Carvalho d'Este, Espinho, Sameiro, Falperra, Sancta Martha, Amarella, Bom Despacho, e Castello, seguindo-se umas ás outras em differentes distancias (1), formam uma larga bacia, no meio da qual assenta sobre a cumiada de pequeno oiteiro a muito antiga e formosa cidade de Braga.

A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros. Sobre um d'elles, que mais particularmente é nomeado *monte Espinho*, extende-se a freguezia de S. Martinho; e pelo outro a de S. Eulalia de Tunões, donde lhe chamam *o monte de S. Eulalia*. Toca este a mais elevada linha horizontal d'aquelle, e fórma para a banda da cidade um plano inclinado e escabroso, em parte ainda coberto de encastelladas rochas e apicadas penedias, o qual se extende e vai declinando até os confins da freguezia de S. Victor na extremidade oriental de Braga.

Sobre a encosta occidental d'este monte está construido o Sanctuario do Bom Jesus.

Conduzem para alli cerca de tres kilometros de boa estrada de mac-adam, accessivel a todos os vehiculos, povoada de casaes, quasi toda orlada de castanheiros, sobreiros e choupos entrelaçados com videiras, e acompanhada sempre de ferteis campos e frescas varzeas, que

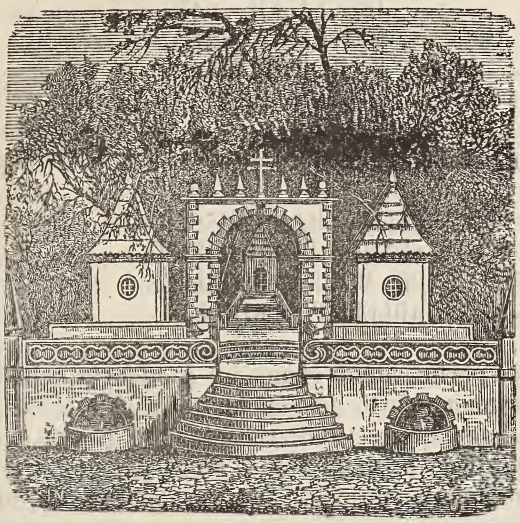
(1) Ficam ao norte as serras do Oural e Aboim da Nobrega; ao nordeste as de S. Pedro Fins e de Nossa Senhora da Abbadia; ao nascente as de Carvalho d'Este e d'Espinho; a sueste a de Sameiro; ao sul as de Falperra e S. Martha; ao poente a da Amarella; a noroeste as do Castello e do Bom Despacho.

demarcam, segundo o costume da provincia do Minho, grandes arvores. Proximo do Sanctuario encontram-se com frequencia assentos de cantaria nos parapeitos e muros da estrada, e a pouca distancia uma fonte com a indicação da era de 1868 e 1869, em que foi reformada.

Após comprida, mas suave e bem lançada subida, voltando de norte para nascente, dá de rosto o visitante com o portico do Sanctuario em meio das duas primeiras capellas do monte. Em frente d'elle abre-se espaçosa rua com assentos em meia laranja, passeios e parapeitos encabeçados em cantaria com altas piramides nas extremidades, e ao longo d'estes comprida fileira de frondosas australias. Daqui sobem, contorneando o monte, e quasi sempre dentro da matta, duas estradas para o alto do monte e hospedarias, — uma pelo norte, a antiga, ainda calçada em parte, hoje desprezada, sempre ingreme e desegual, — a outra pelo sul, de mac-adam, larga e bem lançada com suaves curvas e facil declive. Esta tem pouco adiante do seu começo uma fonte recolhida ao monte em largo de meia laranja com a indicação da era de 1861, em que foi reformada; atravessa para norte em meio do monte; e já proximo do seu termo sobe em frequentes zigue-zagues ao longo de casas particulares, edificadas de fóra da cerca pertencente ao Sanctuario, todas sobre o declive do monte, e por isso com magnifico panorama. Entre estas casas uma, a mais proxima do termo da estrada, merece ser visitada. Construida em fórma de antigo castello sobre grossas penedias; com jardins, terrassos, chalets e mirantes; dominando em differentes direcções vasto tracto de terreno; interiormente adornada com riqueza; e contendo todas as commodidades de luxuosa habitação, é uma casa modelo e uma formosa vivenda.

Sobem da estrada para o portico dois lanços, o primeiro de nove degráus em semicirculo saliente, o segundo de seis em semicirculo re-intrante, maiores uns do que outros na proporção da subida. Medeia entre estes dois lanços uma passagem, que se extende para os lados, formando em toda a largura do portico e das duas primeiras capellas comprido patim, que fecham parapeitos de cantaria com aberturas ovaes e pyramides nas extremidades.

O portico é uma das obras mais curiosas do Sanctuario.



Formado, como as outras obras, de granito escuro, conhecido alli pelo nome de pedra fina, em que as provincias do norte abundam, eleva-se em arco de volta abatida, extradorsado de nivel (1). Tão solidamente e por tal arte construido, que, sustentado apenas em seus delgados pilares, tem resistido aos abalos da terra e vendavaes frequentes naquellas partes, é tambem admiravel por sua fórma simples e singela, mas esbelta e bem acabada.

Sobre o extradorso pousam nas extremidades dois ornatos esphericos e no centro entre pyramides a cruz archiepiscopal com uma imagem de Christo. Por dentro está imbutida uma esphera armillar. Pende do arco o brazão do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles (2).

Na parte exterior de cada um dos pilares do portico está

(1) Tem de altura 7m,26 e de largura 3m,50.

(2) «Em campo vermelho sete castellos d'ouro em tres palas, tendo a do centro tres castellos.»

*

aberta em lapida quadrada uma inscripção com letras maiusculas. A do pilar direito diz:

JERUSALEM SAN-
CTA RESTAURADA,
E REEDIFICADA
NO ANNO DE 1723.

Na do outro pilar lê-se:

PELO ILLUSTRISSIMO
SENHOR DOM RODRIGO
DE MOURA E TELLES
ARCEBISPO PRIMAZ

Desde o portico até os chamados *Escadorios* (chamaremos esta a primeira parte do Sanctuario do Bom Jesus) encontram-se sete capellas, que representam passos da vida e paixão de Christo. Conduzem d'umas para outras, encosta acima, rampas compridas, largas, e da segunda em diante muito ásperas apezar de as suavisarem alguns degráus no principio, no meio e no fim (1).

É formado o seu pavimento de pedra britada encaixilhada em cantaria. Parapeitos encabeçados em cantaria, prendendo nos pilares do portico, e em muitas partes cobertos de musgo onde é maior a fresquidão, acompanham estas rampas e as capellas, deixando estreitas coxias. Tem os parapeitos de espaço a espaço espheras armillares ou pyramides.

As capellas são de architectura simples, em todas egual, São cobertas em cupula de quatro aguas, terminando em grosseiro ornato. Tem porta em arco inteiro com largas gelosias de ferro em caixilho de madeira até ás almofadas inferiores, e uma fresta envidraçada em cada uma das paredes lateraes. Pende da cornija, como do portico, o brazão do fundador e uma lapida com a inscripção commemo-

(1) Em outubro de 1875 encontrámos na rua fronteira ao portico e na subida para elle as obras descriptas no texto. Parece serem estas a ultima reforma, comquanto outro fosse o primitivo programma, que expozemos na anterior edição, e por isso omittimos aqui.

rativa do passo, ahi representado, da vida ou da paixão de Christo. As estatuas, comquanto reformadas, são grosseiras, e não tem merecimento artistico, nem, como as do Bussaco, o de ser similhante em todas as capellas o rosto do Senhor. Antes d'esta reforma era frequente encontrar quebradas ou mutiladas as dos judeus (1). Ainda que este vandalismo não seja hoje tão vulgar no Sanctuario do Bom Jesus, não é raro ouvir ainda agora da bocca do povo rude e supersticioso, de involta com preces e orações a Christo e aos Sanctos, imprecações e invectivas áquelles... A nossa sancta religião não lucra por certo com este e tantos outros excessos e prejuizos, que a luz do Evangelho pela bocca dos ministros do altar ha de pouco e pouco desvanecer, illuminando a intelligencia do nosso povo, felizmente religioso, mas ainda, infelizmente, rude.

Comquanto simplices e pouco espaçosas, não respiram estas capellas a humildade propria de sitio ermo, consagrado á meditação; revelam antes mão poderosa, que preferira erigir monumento de grandeza onde fôra de esperar asylo de penitencia. Embora... Quem visitar o Sanctuario do Bom Jesus do monte, se admira a grandeza de suas obras, não deixará por isso de sentir ahi outras menos mundanas sensações, — que a mesma largueza e propriedade, com que foram representados os passos da vida e paixão de Christo, e o religioso recolhimento, a que naturalmente convidam a solidão do sitio e o melancholico retiro, levantarão seu espirito a profundas considerações religiosas.

Juncto a cada capella ha uma fonte allegorisada por emblemas mythologicos. As duas primeiras sahem dos pilares do portico; as outras estão construidas sobre os parapeitos nos patins das capellas. Umas terminam em esphera, outras em esphera com pyramide, e tem no retabulo o nome, na maior parte d'ellas já muito gasto, d'uma divindade

(1) Este máo costume, filho de ignorancia, maldade ou cegueira, é geral: ainda em 1871 dizia o sr. Andrade Corvo no seu — *Sentimentalismo*, a proposito das capellas da *via-sacra* do Bussaco: «O tempo e a estulta brutalidade de alguns visitadores do Bussaco tem ido destruindo as frageis figuras, de modo que dentro das capellinhas se não vêem hoje mais do que troncos sem cabeça, pernas decepadas, braços partidos, mutilações hediondas, a que a côr vermelha do barro dá o aspecto repugnante de carne em putrefacção.»

pagã, e os emblemas por que esta é conhecida na mythologia. Todas lançam sobre bacia de meia concha jorro abundante de purissima agua. A sua construcção tosca e os emblemas acham-se pela maior parte carcomidos pelo tempo.

Censuram alguns esta mistura do sagrado com o profano, ou de objectos do christianismo com divindades, a que rendeu cultos a antiguidade pagã. É mal cabida a censura. O gosto pela mythologia havia-se tornado outr'ora tão universal, que os maiores genios nas artes de imitação tudo representavam pelos emblemas da fabula. Sirva de exemplo o nosso Camões, que reuniu o maravilhoso da mythologia com o da religião christã (1), e Sannazaro, que fez vaticinar á Sybilla o nascimento do Messias (2). D. Rodrigo cedeu ao gosto do tempo; para desculpal-o bastára o costume geralmente recebido. Foi mais longe porém o pensamento do insigne Prelado. Quizera porventura significar por aquelles emblemas ter o mundo reconhecido em todos os tempos a existencia d'um Ser, que os povos acreditavam haver baixado á terra debaixo de differentes fórmas para ensinar os homens, e adoravam como dispensador de todas as graças. Assim reconheceram na Lua a deusa da castidade e da caça; no Sol o deus da vegetação; em Apollo o da poesia, da medicina, da musica e das artes; em Marte o das victorias; em Mercurio o da eloquencia e do commercio; em Saturno o da agricultura; em Jupiter o senhor omnipotente; e muitos outros. Mas o espectaculo d'um Deus, que se fez homem e martyr para salvar os mesmos que o tinham offendido; a expressão dolorosa de seus tormentos, representados nas capellas da paixão; e defronte d'isto o espelho de antigas superstições, filhas de cegueira dos povos, servem para desarreigar do coração do homem preconceitos de irreligião, e firmar-lhe a crença dos mysterios do christianismo. Significam isto os emblemas da mythologia juncto das capellas da vida e paixão de Christo. Quiz d'este modo o fundador do Sanctuario ensinar as verdades da religião christã pelas falsidades do paganismo.

Majestosas carvalheiras, platanos e outras arvores, plan-

(1) Lusiadas cant. II est. 10 e segg.; cant. x, est. 40, 80, etc.
(2) Poema — *de partu virginis.*

tadas sem regularidade em matta pouco espessa, toldam com extensos ramos as capellas e rampas. Algumas alargando suas cimas cobrem immensidade de rebentos, que do tronco brotaram viçosos e corpulentos. Uns d'estes rompem por entre a enramada coma do commum tronco; muitos outros, elevando-se da base em compridas vergonteas, acham-se enxertados no tronco primitivo por meio de braços, que este lhes extendeu, amparando-os em sua marcha ousada para poderem afoutamente trepar ás nuvens, — emblema do amor paternal, sempre cuidadoso em dar a mão aos debeis filhos, que no verdor dos annos se deixariam ir seu caminho arrebatado sem razão nem força.

As duas primeiras capellas estão, como deixamos dicto, aos lados do portico, uma de cada lado, a curta distancia d'elle (1). Medeia entre ambas um patim (2), para o qual sobem do portico quatro degráus direitos.

A primeira fica á esquerda do portico, ou á direita de quem entra: representa o cenaculo, e tem a inscripção (3):

COENA FACTA...
ACCEPIT JESUS
PANEM..... ET AIT
.... COMMEDITE:
HOC EST COR-
PUS MEUM.
JOAN. 13, 2.
MATH. 26, 26.

A segunda capella, que lhe fica fronteira, representa o horto de Gethsemani. A attitude de Christo em oração, e a dos apostolos, especialmente de S. Pedro, em acção de dormir, são dignas de attenção. Do pavimento rebenta um repucho.

Tem esta capella a inscripção (4):

FACTUS IN
AGONIA PRO-
LIXIUS ORA-
BAT. LUC. 22,
43.

(1) 3^{m}.

(2) $8^{m},36$ de largura, e $6^{m},16$ de comprimento.

(3) «Estando elles ceiando, tomou o pão... e disse:... comei: este é o meu corpo». (A. P.)

(4) «Posto em agonia orava com maior instancia». (A. P.)

As fontes correspondentes a estas duas capellas são as dos pilares do portico, abertas em alto relevo por baixo das inscripções ahi gravadas. A do pilar direito representa o Sol, — a outra a figura da Lua no seu quarto minguante.

A agua d'estas fontes some-se para os cunhaes do portico, e vem cahir em dois tanques, assentes na estrada, um de cada lado do primeiro lanço, que sobe para o portico.

Em seguida ao portico e patim das duas primeiras capellas abre-se a primeira rampa, que sobe para o patim da terceira capella (1). Esta rampa acha-se inteiramente reformada. Tem quinze degráus no principio, egual numero no meio, quatorze no fim, e largo patim de quasi insensivel declive entre uns e outros lanços. As outras serão compostas no mesmo sentido, com o que ficará suavisada a trepada do monte, por ora muito ingreme.

Representa esta terceira capella a traição de Judas, e tem a inscripção (2):

MANUS INJECERUNT IN JESUM, ET TENUERUNT EUM. MATH. 26. 50.

Sobre o parapeito, á direita da capella, ou esquerda de quem sobe, está a terceira fonte com os emblemas de Diana, — mão, aljava e arco.

A entrada do Sanctuario, avistando-se da rua fronteira em meio de verde-escuro arvoredo, com as duas primeiras capellas, que figuram a seus lados como duas sentinellas, e com a terceira alvejando ao longe por entre elle, e formando com aquellas um triangulo, offerece melancholica perspectiva.

(1) A rampa tem de comprimento 33m e de largura 4m. O patim tem de comprimento 5m e de largura 1m,65.

(2) «Lançaram mão de Jesus, e o prenderam». (A. P.)

II

Das seguintes capellas da paixão, suas fontes e rampas

As rampas, que daqui para cima conduzem ás outras capellas da paixão, sobem em zigue-zague, tem largura egual á anterior, mas são mais compridas.

A primeira d'estas rampas, que é a segunda do monte (1), sobe do patim da terceira capella para sul. No patim superior está, á direita de quem sobe, a fonte de *Marte* com os emblemas—alfange, pistola (2) e lança, e em frente a quarta capella, que representa o pretorio, com a inscripção (3):

APPREHENDIT
PILATUS JESU,
ET FLAGE-
LAVIT. JOAN.
19, 1.

Todas as capellas do Bom Jesus do monte são visitadas com frequencia; mas o povo das freguezias do monte Espinho tem por esta respeitoso acatamento, e devoção especial. Não é raro encontrar ahi homens e mulheres, torneando de rastos a capella, e indo depois orar diante d'ella em voz alta e de joelhos.

A seguinte rampa corre do patim d'esta capella para nordeste; é mais comprida que a anterior (4), e termina em extensa escadaria, que dividem tres lanços, o primeiro de onze, o segundo de sete, o terceiro de dez degráus, entre os quaes medeiam grandes intervallos.

O patim superior tem na frente a quinta capella, e ao lado direito d'esta a fonte de *Mercurio* com os emblemas — braço e mão pegando do caduceo. Representa a capella o mesmo pretorio, onde Christo ultrajado, escarnecido, martyrizado, foi por cúmulo de irrisão saúdado Rei de

(1) De comprimento 55m.
(2) A pistola naquelles tempos é um anachronismo.
(3) «Tomou Pilatos a Jesus, e o mandou açoutar». (A. P.)
(4) De comprimento 59m.

Israel, recebendo por coroa uma de grossos espinhos, por sceptro uma cana verde, por manto uma tunica de purpura. A inscripção diz (1):

EXIVIT JESUS
PORTANS
CORONAM
SPINEAM.
JOAN. 19, 5.

A seguinte rampa (2) sobe do patim d'esta capella para sueste, e tem ao cimo a sexta capella, e á direita de quem sobe a fonte de *Saturno* allegorisada pela mão pegando da fouce. A capella representa a varanda de Pilatos, e tem a inscripção (3):

EXIVIT... PILA-
TUS FORAS, ET
DICIT.....
ECCE HOMO
JOAN. 19, 4, 5.

A ultima rampa (4) volta do patim d'esta capella a nordeste, e tem no patim superior a septima capella, á direita da qual, ou á esquerda de quem sobe, está a fonte de *Jupiter*, allegorisada pela mão empunhando o raio. A capella representa Christo com a cruz ao hombro caminho do calvario, e o encontro da piedosa Veronica. Um dos judeus, pegando com a mão direita pela corda, que prende o Senhor, sustenta na esquerda um pergaminho desenrolado com o letreiro — *Justiça, que mandou fazer Poncio Pilatos a Jesus Nazareno por malfeitor e amotinador do povo.* A inscripção diz (5):

BAJULANS
SIBI CRUCEM
EXIVIT IN...
CALVARIÆ
LOCUM
JOAN. 19, 17.

(1) «Sahiu Jesus, trazendo uma coroa de espinhos». (A. P.)
(2) De comprimento 46m.
(3) «Sahiu Pilatos fóra e disse...: eis aqui o homem». (A. P.)
(4) De comprimento 59m.
(5) «Levando a sua cruz ás costas, sahiu para o... logar do calvario». (A. P.)

Discorriamos em formosa manhã do estio por esta parte do monte, sentindo não encontrar alma viva, com quem repartir impressões, lembranças e pensamentos, que nos occupavam o espirito, porque

c'est peu des beaux lieux, des beaux jours, de l'étude, je veux que l'amitié.....
me donne ses plaisirs, et partage les miens (1).

O assento commodo juncto da fonte anterior, o murmurio da agua docemente sussurrando, a serenidade do ar, tudo convidára a descançar. Abria-se em frente a comprida rampa, e ao cimo d'esta estava immovel um vulto, que mal podiamos distinguir, porque pouco adiantada ia a manhã, o sol já um pouco tardio ainda não havia subido para áquem do monte, e nem o sombreado da matta deixava enxergar os objectos distantes. Seria lage desabada do parapeito?.. estatua ainda não vista nas primeiras visitas?.. Era natural a curiosidade... Um homem, já muito entrado em dias, lia de joelhos ante a capella, cabisbaixo e immovel, na sua *via-sacra* (2). Suas cans, junctando a uma figura nobre o respeito da idade; seu pensamento tão enlevado que nem reparou em nós, como se o ruído dos nossos passos lhe não tocára nos ouvidos; esta doce confidencia d'uma alma piedosa na bondade de Deus; este repouso suave, precursor do paraizo, penetraram-nos das mais religiosas commoções. Como eramos mais felizes, nós e esse nosso companheiro, do que tantos outros, que involtos no bolicio do mundo nunca provaram as doçuras da religião de Christo, nem foram ainda saboreal-as no Bussaco ou no Bom Jesus do monte!..

.....

O patim d'esta capella communica por abertura nos parapeitos com a nova estrada do monte. D'elle subia em frente da fonte uma comprida escadaria de trinta e quatro degraus em cinco lanços dentro de matta mais espessa do que a anterior, acompanhando-a ao longo dos parapeitos alas de frondoso arvoredo, que lhe davam sombra e fresquidão. Ao cimo da escadaria atravessava a antiga estrada

(1) Delille.
(2) «Via-sacra ou modo practico de visitar as capellas e igreja principal do Sanctuario do Bom Jesus do monte.»

do norte, que ia entroncar na do sul. Nessa passagem, ao lado direito de quem sobe, e um pouco mettida na matta, estava uma outra capella, então a oitava do monte, a ultima das da paixão de Christo com a inscripção (1):

ERAT
AUTEM HORA
TERTIA, ET
CRUCIFIXE-
RUNT EUM.
MARC. 15, 25.

Era feia a passagem; irregular e informe a calçada; e a mesma escadaria tosca e muito ingreme, como todas as primitivas obras. A capella foi demolida, e nova planta foi riscada para as obras d'este local, nas quaes entra, segundo fomos informados, a demolição da setima capella, e a construcção d'uma outra escadaria, elegante e mais suave, parte da qual, o lanço superior, já está concluida. Por baixo d'este atravessa a nova estrada de mac-adam (2). Ao cimo da escadaria, na antiga informe passagem, estão incompletas as obras. Será formado ahi espaçoso terreiro com duas capellas grandes, á similhança das que desde a proxima cascata ou fonte de Moysés povoam o monte. Uma d'estas ao norte do terreiro substituirá a setima capella, e já está em construcção, sendo sustentada em grossas muralhas de cantaria e fortes cunhaes de toda a grande altura sobre a estrada, que lhe passa na base. A capella do sul, que lhe ficará fronteira, ha de representar o acto, em que Jesus Christo foi despido da tunica.

Não está espessa a matta em todo o espaço marcado para a nova escadaria e terreiro superior, nem acompanharão os seus parapeitos alas de arvoredo. Este foi arrancado. O ar está desaffrontado; nú o espaço da escadaria e terreiro. Em vez da antiga frondosissima ramagem vê-se desassombrada em sua passagem a nova estrada. A commodidade do homem sacrificou a belleza da natureza; no

(1) «Era pois a hora da terça, tempo em que o crucificaram». (A. P.)
(2) Pagina 2.

frenesim actual pelos melhoramentos materiaes este mau gosto é geral (1). Á parte esse defeito, a obra é boa. A escadaria póde ser soberba. O terreiro com seus parapeitos e assentos deve ser commodo repouso á fadiga da subida. A fonte de Jupiter, vista do alto da escadaria, destacando do verde-escuro arvoredo, offerece amena perspectiva. E d'esta fonte, olhando em frente, e principalmente do cimo da escadaria, é imponente o effeito, que produz o panorama dos *escadórios* com as suas tres ordens de estatuas, paredes debruadas de buxo, casas lateraes alvejando por entre cyprestes, e o templo que lá ao cimo avulta, coroando o monte.

. . . . . .

Termina aqui a primeira parte do Sanctuario do Bom Jesus do monte, — rica toda ella de natureza, de poesia e de sentimento. O emmaranhado da matta, o monótono sussurro das fontes, nenhumas vistas através do arvoredo; o sentimento intimo religioso, que sempre occupa a alma do christão na presença dos tormentos do Salvador; tudo aqui infunde natural melancholia, e produz fortes e profundas impressões.

Apezar d'isso o visitante, que tiver percorrido todo o monte, voltará sentar-se juncto das fontes mythologicas ou nos parapeitos das rampas. Cançado das grandezas que viu, sentirá prazer em recolher-se com seu espirito, e a sós comsigo, e quasi a sós com a natureza, *ao limpido jorrar das frescas fontes,* gozar dos encantos da solidão!...

(1) O Bussaco foi victima d'este furor innovador. Uma parte da matta foi cortada, e a poetica rua do Horto foi interrompida, ficando suspensa a grande altura para dar passagem a uma estrada. A fonte fria foi substituida por brincadas fontes e jardins, que destoam do logar. E estes e muitos outros arrebiques da *civilisação moderna.*

PARTE SEGUNDA

Dos escadorios; da cascata; e do templo

Dos escadorios

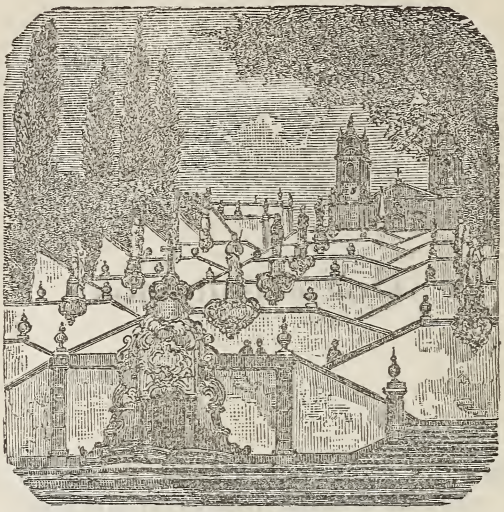
Deixámos o visitante na escadaria e terreiro em construcção, onde era a antiga capella da crucifixão.

Este terreiro dá principio á grandiosa obra dos chamados *Escadorios*. Em frente d'elle está a fonte das *cinco chagas*, assim chamada, porque lança em bacia de meia concha cinco frouxas correntes por cinco aberturas, que semelham chagas. Tem por cima em alto relevo dentro de retabulo trabalhosamente moldurado os dados, o calice, a tunica e os instrumentos da paixão de Christo, rematando em cruz singela, entre cujo pedestal e o retabulo se lê o seguinte letreiro (1):

PURPUREOS
FONTES ODIUM RESERAVIT
ADOXUM
NUNC IN CHRISTALLOS HIC TIBI
VERTIT AMOR

Aos lados da fonte, onde termina a parede em que está construida, começam os *escadorios*.

(1) «*Rubras fontes abriu o odio amargo,*
«*que ora aqui em crystaes amor converte*». (C. F.)



Representam estes um quadrilatero rectangular, dividido em oito *corpos,* eguaes na medição (1), na architectura e em numero de estatuas, mas distinctos no objecto allegorisado. É formado cada um d'estes *corpos* d'uma *escada composta,* isto é, de quatro lanços, de nove degraus cada um (2), subindo os dois primeiros um de cada lado em direcção opposta ao outro, e terminando cada um d'elles em patim, donde seguem em sentido inverso d'elles os outros dois lanços, que vão rematar em patim commum. E d'este, que por isso é maior (3), continúa, como a anterior, a seguinte *escada composta,* e assim as demais. Parapeitos, como os anteriores, encabeçados em cantaria, acompanham todas as escadas e patins dos *escadorios,* seguindo depois todas as ruas do monte, e contorneando, como até aqui, as mais capellas.

Tem cada um dos *corpos* uma fonte e tres estatuas. Col-

(1) Largura cerca de 20^{m}.
(2) De largura 2^{m},75.
(3) O primeiro patim tem 6^{m} de comprimento e 2^{m},85 de largura. O ultimo tem 6^{m} em quadrado.

locada uma d'estas em frente de cada um dos tres patins sobre o parapeito dos patins correspondentes do immediato *corpo*, formam todas tres pelo seu conjuncto um triangulo isosceles.

Sotoposta á estatua do vertice abre na mesma parede a fonte, aos lados da qual começam, como aos lados da fonte das cinco chagas, os primeiros lanços da seguinte *escada composta*. Sobre todas as pilastras assenta uma urna ou uma pyramide.

São os *escadorios* de ingenhosa architectura e perspectiva imponente. A vinheta juncta suppre a deficiencia da descripção. Não sabemos o termo apropriado para designar com precisão construcções d'este genero. Chamando-lhes *escadorios*, e cada um dos corpos *escada composta*, vamos com a linguagem da terra sem respondermos pela genuinidade dos termos.

I

Do escadorio dos cinco sentidos

São dois os *escadorios*, — differentes ambos na allegoria: um representa os cinco sentidos, outro as tres virtudes, Fé, Esperança e Caridade. Chama-se tambem aquelle o antigo *escadorio*, porque data dos primeiros tempos do Sanctuario, e bem o dão a ver o gosto antiquado das fontes e estatuas, e os degraus e pilastras, que o tempo tem carcomido.

Dos oito *corpos*, que formam os dois *escadorios*, pertencem cinco ao primeiro, allegorizando cada um d'estes nas fontes, estatuas e inscripções um dos sentidos. Por isso as fontes figuram em alto relevo, trabalhado em grande retabulo, um meio corpo humano, que lança agua pelos orgãos respectivos do sentido ahi representado; e cercam-o, tambem

em alto relevo, figuras de animaes, em que mais distincto é este sentido. Imitou o inventor o que dizia S. Isidoro (1):

> Nos aper auditu praecellit, aranea tactu,
> Vultur odoratu, linx visu, simia gustu.

Os castellos do brazão do Arcebispo D. Rodrigo estão gravados em todas estas fontes, com excepção da do sentido do olfacto, que tem, tambem em relevo, em vez d'elles a esphera armillar.

As estatuas correspondem á figura humana de estatura agigantada; umas trajam as vestes dos tempos de Israel, outras as de figuras mythologicas; e recordam suas attitudes e inscripções passos da S. Escriptura, ou preceitos evangelicos em relação com o sentido allegorizado na fonte.

Fecham este *escadorio* do norte e sul, acompanhando-o em todos os seus *corpos,* socalcos sustentados por fortes paredões, que, cimalhados de buxo já em grande altura com florões d'este em cada extremidade e um cypreste no centro, semelham mirantes de verdura.

1.º

SENTIDO DA VISTA

O retabulo da fonte contém metade d'um corpo humano, que lança pelos olhos duas fortes correntes de purissima agua sobre bacia suspensa; tem na mão esquerda uns oculos, aos lados e por cima tres aguias, e na parte superior a figura do sol.

Remata a fonte uma estatua de pastor com a mão direita sobre o peito, rosto inclinado sobre a mão esquerda, olhos

(1) «*No ouvir o javali excede o homem,*
«*Vê mais o lynce, a aranha tem mais tacto,*
«*É nos monos o gosto mais subido,*
«*E o abutre voraz vence-o no olfato*». (C. F.)

fechados, cajado ao hombro esquerdo, e na peanha entre a estatua e a tarja a inscripção (1):

VIR PRUDENS.
QUASI IN SOMNIS VIDE ET VIGILABIS.
ECCLES. C. 13, V. 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Moysés em roupas talares, sobraçando a capa no braço esquerdo; na cabeça dois raios de luz; na mão direita a vara com serpente enroscada; e na peanha a inscripção (2):

MOYSES.
QUEM CUM PERCUSSI ASPICERENT, SANABANTUR.
NUM. 21, 9.

A estatua do sul é do propheta Jeremias, que tem na mão direita uma vara com olhos, e na peanha a inscripção (3):

JEREMIAS.
VIRGAM VIGILANTEM EGO VIDEO.
JER. 1.

Todas as allegorias do *escadorio* dos sentidos contém pre-

(1) «Varão prudente. «Toma-as por um sonho, e vigiarás.» (A. P.) Representava d'antes esta mesma estatua o pastor Argos, que diz a fabula tinha cem olhos, cincoenta dos quaes descançavam, em quanto os outros velavam; e significava o amor com que Jesus Christo vela do alto da cruz sobre o seu povo á similhança do pastor Argos vigiando seu rebanho do viso d'um oiteiro. A inscripção antiga dizia:

MONTIS IN HAC SPECULA VIGILANTIOR EMINET ARGOS;
FOELIX, SI PRAE OCULIS TE FERAT ILLE SUIS.

«*Dos Argos o melhor, mais vigilante,*
«*Da serra sobre o viso aqui se altêa;*
«*Ditoso tu, se o seu olhar bondoso*
«*Com teus passos na vida se recrêa*». (C. F.)

(2) «Os que, estando feridos, olhavam para ella, saravam». (A. P.)
(3) «Eu vejo uma vara vigilante (vers. 11)». (A. P.)

ceitos evangelicos, exemplos para imitar-se, espelho de virtudes, castigo de costumes.

Quem sóbe ao calvario deve como o *varão prudente* receiar-se das vans ostentações e lisonjas do mundo, e não desviar os olhos da cruz de Christo, bussola infallivel nas procellas da humanidade, cujo symbolo foi no deserto para o hebreu a milagrosa *serpente de Moysés*. E suba destemido, que Deus prometteu ao propheta receber os que o buscassem, e mostrou-lhes por signal a *vara vigilante* (1).

Mystica sublime! ingenhoso invento do fundador do Sanctuario, que pela formosa encosta vai convidando o visitante a consagrar ao Deus do céu e da terra, que breve adorará no templo majestoso, toda a sua alma e pensamento!

2.º

SENTIDO DO OUVIR

Representa a fonte outra similhante figura humana, que lança pelos ouvidos duas fortes correntes d'agua, e tem por baixo tres cabeças de touro.

A estatua superior é d'um mancebo na acção de tocar em uma cithara, e tem a inscripção (2):

IDITHUM.
QUI IN CITHARA PROFETABAT SUPER CONFITENTES ET LAUDANTES DOMINUM.
1 PARAL. 25, 3.

(1) S. Jeron., P.e Jac. Tir. e Duam. not. ao v. 11, S. Pedr. Ep. 1 c. 3 v. 12, e Psalm. 33 vv. 16 e 17.

(2) «Que cantava ao som da cithara, presidindo aos que cantavam e louvavam o Senhor». (A. P.)

Representava d'antes Orpheu, e tinha a inscripção:

ORPHEUS EN, NOSTRAS QUI DULCIUS ALLICIT AURES.
CRUX CITHARA EST, VOCES VULNERA, PENNA DOLOR.

«*Este Orpheu, que os ouvidos nos enleva,*
«*Que meigo assim as dores nos serena,*
«*Tem por lyra uma cruz, tem fundas chagas*
«*Em vez de canto, e a dor em vez da penna.* (C. F.)

Corresponde-lhe ao norte a estatua de David, com purpura real, diadema na cabeça, cabello solto em anneis, tomando no braço esquerdo parte do manto, e na acção de tocar em uma harpa. A inscripção diz (1):

DAVID.
AUDITUI MEO DABIS GAUDIUM ET LAETITIAM.
PALM. 50.

Do sul é a estatua d'uma mulher com semblante animado, plumas na cabeça, na acção de tocar em uma lyra; e com a inscripção (2):

ESPOSA DOS CANTARES
SONET VOX TUA IN AURIBUS MEIS
CANT. 2.

Os ouvidos do christão deverão estar sempre abertos para ouvir os louvores do Eterno; e de sua bôcca devem resoar canticos de gloria.

Que mais alto assumpto de musica e de poesia! Modelos do emprego d'uma e d'outra são na lei antiga o celebrado cantor *Iditho,* e o sancto rei David, e na lei da Graça a *mystica esposa dos cantares,* a Igreja de Christo (3).

(1) «Ao meu ouvido darás goso e alegria» (vers. 10). (A. P.)
(2) «Sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos» (vers. 14.) (A. P.)
(3) O versiculo 14 diz assim: *Columba mea, in foraminibus petrae, in caverna maceriae, ostende mihi faciem tuam, sonet vox tua in auribus meis.*» Pomba minha, tu nas aberturas da pedra, na caverna do muro ensosso, mostra-me a tua face, sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos». (A. P.)

Os padres da Igreja entendem no sentido mystico pela pedra as chagas das mãos e pés, e pela caverna do muro a chaga do lado; e assim como as pombas costumam de fazer seus ninhos nas aberturas das paredes e concavidades das penhas, assim Jesus Christo exhorta sua esposa a que venha criar seus filhos nas suas chagas, promettendo defendel-a das aves infernaes.

3.º

SENTIDO DO OLFACTO

Outro meio corpo humano, como os antecedentes, lança pelo naríz uma corrente d'agua: tem nas mãos uma caixa aberta, e de cada lado a figura d'um cão.

A estatua superior representa um homem, sobraçando a capa com a mão direita, e pegando d'uma flor com a esquerda; na peanha tem a inscripção (1):

VIR SAPIENS.
FLORETE FLORES QUASI LILIUM ET DATE
ODOREM.
ECCL. 39, 19.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Noé, ancião paramentado de vestes sacerdotaes, com trunfa na cabeça, altar juncto de si, sustentando nos braços um cordeiro; e com a inscripção (2):

NOÉ.
ODORATUS EST DOMINUS
ODOREM SUAVITATIS.
GENES. 8.

(1) «Varão sabio». «Dai viçosas flores como lyrio, e rescendei fragrante cheiro». (A. P.)

Tinha d'antes a seguinte inscripção:

HYACINTHUS.
SANGUINE, QUEM FUDIT HIC HYACINTHUS IN HORTO,
MARCUIT, AT FUSI SANGUINIS EXTAT AMOR.

«*Rubicundo Jacintho ainda mostra*
«*O sangue seu, lá no horto derramado;*
«*Inda, pendendo e murcho, aqui se ostenta*
«*Das tão preciosas gottas orvalhado*». (C. F.)

(2) «O que foi assim agradavel ao Senhor, como um suave cheiro» (vers. 21). (A. P.)

Do sul é a estatua de Sunamites, abraçando-se com uma palmeira; e na peanha a inscripção (1):

SUNNAMITES. (2)
STATURA TUA ASSIMILATA
EST PALMAE....
ET ODOR ORIS TUI
SICUT MALORUM.
Cant. Cantic.
Cap. 7, *vv.* 7 *e* 8.

Mesquinhas são as forças do homem! Que tem elle para offertar ao rei dos reis, á majestade das majestades?! Mas o sacrificio de Noé, apenas desembarcado da arca mystica, que o salvou do diluvio para continuar a série da humanidade, foi bem acceito do Omnipotente; e o arco de alliança inda hoje nos revela por entre as nuvens a ineffavel promessa de não tornarmos a soffrer castigo similhante. Noé era justo, — e o *suave cheiro* das sanctas acções do justo, do verdadeiro sabio, sobe até ao céu: ser-lhe-iam engeitadas as victimas, se o não fôra; nem tivera occasião de offertal-as, sepultado nas aguas com seus irmãos. Filhos da casta esposa de Christo, mais pura que a virgem esposa do Psalmista (3), cuidemos de imital-a, servindo humildemente o filho de David, e recenda em nossas obras e palavras a fragrancia da virtude.

(1) «A tua estatura é assimilhada a uma palmeira.... e o cheiro da tua bocca como o dos pomos». (A. P.)

Á similhança da palmeira, que vai crescendo e subindo, como em escada, de degrau em degrau pelo nascimento de cada palma, a Igreja eleva os fieis de virtude em virtude, insinuando-lhes pela prégação do Evangelho, pelo som suavissimo da palavra divina, o amor da religião.

(2) Abisag era seu nome. Chamou-se Sunamites, de sua patria Sunam, cidade da tribu de Issacar.

(3) 3 Reg. 1. 4.

4.º

SENTIDO DO PALADAR

A figura da fonte lança pela bocca uma corrente d'agua, tem um pomo na mão esquerda, e de cada lado a figura d'um momo.

A estatua superior é de José na acção de conduzir a oblação em um prato na mão esquerda e um calice na direita, — insignias do seu ministerio na côrte de Pharaó; tem a inscripção (1):

JOSEPH.
DE BENEDICTIONE DOMINI IN TERRA EJUS, DE POMIS COELI, ET RORE. *Deuter.* 33, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua d'um mancebo, que tem uma lança na mão direita, um cortiço ao lado esquerdo, e o braço esquerdo em acção de desculpar-se. Na peanha le-se a inscripção (2):

JONATHAS.
GUSTANS GUSTAVI IN SUMMITATE VIRGAE;
ET ECCE MORIOR....
1 REG. C. 14.

(1) «A tua terra seja cheia das bençãos do Senhor, dos fructos do céu, e do orvalho». (A. P.)

Nos primeiros tempos do Sanctuario alludia esta estatua ao joven formoso Ganimedes, que fôra, diz a fabula, arrebatado do monte Ida por Jupiter para servir nos céus á mesa dos deuses; e tinha a inscripção:

NECTAR ET AMBROSIAM GANIMEDES DULCIUS OFFERT:
SANGUINE SIBI PROPRIO POCULA, CARNE DAPES.

«*Cuidoso Ganimedes nos derrama*
«*Nectar celestial, doce ambrosia:*
«*Em taças nos offerta o proprio sangue,*
«*Dá-nos a carne sua em iguaria*». (C. F.)

(2) «Tomei um pouco de mel na ponta d'uma vara, e comi d'elle, e por isso morro!...» (vers. 43). (A. P.)

A do sul representa um sacerdote, pegando com a mão esquerda d'um calice, sobre o qual está um pão, e com a mão direita sobre elle. Na peanha a inscripção (1):

ESDRAS.
GUSTA PANEM, ET NON DERELINQUAS NOS SICUT PASTOR IN MEDIO LUPORUM.
ESDR. 4, C. 5.

É o virtuoso *José,* porque provou o duro pão da desgraça, sempre fiel, resignado e casto,—sentado no carro de Pharaó, entregue das riquezas do Egypto, e mais adiante asseguradas a seus irmãos pela prophecia de Moysés no monte Abarim as copiosas bençãos da terra promettida.

É o innocente *Jonathas,* porque gostou o manjar vedado,—tremendo na flor dos annos entre os loiros da victoria á vista do cutello, mas resignado e submisso á barbara (2) sentença de seu pae.

É o sancto sacerdote *Esdras,* a quem Salathiel recommenda que se erga e coma, porque é chegado o tempo de marchar com o povo de Israel do captiveiro de Babylonia á reedificação do templo de Jerusalem.

Em José—imagem perfeita da felicidade, que espera o justo; em Jonathas—vivo exemplo de respeito e obediencia de filho e subdito; em Esdras—lição evangelica aos pastores do povo de Deus: eis a moral, que ensina a S. Escriptura nestes tres varões da antiga lei.

5.º

SENTIDO DO TACTO

A figura, que representa a fonte, lança agua d'uma bilha, que tem debaixo do braço esquerdo (3). Vêem-se na

(1) «Toma o pão, e não nos abandones, como o pastor, no meio dos lobos». (A. P.)

(2) Chamam-lhe assim os Padres da Igreja.

(3) A ideia do inventor tinha sido representar a figura na acção de apalpar com as mãos um ouriço cacheiro, do qual saissem pelas púas e espinhos gottas d'agua; comtudo a obra não correspondeu á ideia,

tarja imperfeitamente desenhadas algumas aranhas, e as armas do Arcebispo, a mitra e o chapéo archiepiscopal.

A estatua superior é de Salomão (1) com purpura real, diadema na cabeça, sceptro na mão direita; e na peanha a inscripção (2):

SALOMÃO.
VENTER MEUS INTREMUIT
AD TACTUM EJUS.
Cant. cap. 5, *v.* 4.

Corresponde-lhe do norte a estatua do propheta Isaias, de roupas talares, sustentando na mão esquerda uma tenaz

(1) Esta estatua tem tido differentes significações. Chamou-se de princípio Midas; e teve a seguinte inscripção, allusiva á qualidade fabulosa de converter em ouro todos os objectos, em que tocava:

DITIOR ECCE MIDAS; UTINAM CORDA OMNIA TANGAT!
AUREA, SINT QUAMVIS FERREA, REDDET AMOR.

«*Dos Midas o mais rico, assim podesse*
«*Os nossos corações tocar piedoso!*
«*De ferreos, como são, eil-os dourados*
«*Do seu amor ao toque portentoso*». (C. F.)

Teve depois o nome de Assuero com a inscripção:

SCEPTRUM AUREUM PROTENDIT MANU;
QUO SIGNUM CLEMENTIAE MONSTRA-
BATUR. ESTH. 8, 4.

«Estendeu com a mão o sceptro d'ouro para lhe dar mostras de clemencia». (A. P.)

A primeira d'estas inscripções significava a abundancia das graças espirituaes, com que Jesus Christo fertilisa nossos corações; e a segunda, referindo-se á benevolencia, com que Assuero ouviu as queixas de sua esposa Esther, mostrava quanto póde a verdade perante o throno, quando exprimida com pureza e virtude, e dava um exemplo raro, mas sublime, d'um rei, que fechou os ouvidos á lisonja de cortesãos para abril-os aos queixumes do povo opprimido.

(2) «As minhas entranhas estremeceram ao estrondo, que elle fez». (A. P.)

com uma brasa, pegando da capa com a direita, os olhos em elevação; e na peanha a inscripção (1).

ISAIAS.
TETIGIT OS MEUM.
ISAI. 6.

A estatua do sul é de Isaac, que representa um ancião cego, com a cabeça descoberta, mãos extendidas em acção de apalpar; e com a inscripção (2):

ISAAC CEGO.
ACCEDE HUC, UT TANGAM
TE, FILI MI.
Genes. 27.

Como é cego e mal avisado o homem! Jesus Christo chama-o para si, busca entrada em seu coração pelos toques da graça (3); manda-lhe os prophetas prometter-lhe o perdão de suas culpas, se fizer penitencia (4); dirige-o pelo caminho da verdade através de seus erros e paixões (5); e ainda assim o homem, desvairado, desconhece os beneficios do Todo-poderoso!

(1) «Tocou a minha bocca» (vers. 7). (A. P.)
(2) «Chega-te a mim, meu filho, para eu te tocar» (v. 21). (A. P.)
(3) Sentido mystico do v. 4 do c. 5 do Cant. dos Cantic. de Salomão, em que se figura Jesus Christo batendo á porta da esposa, e introduzindo a mão pela fresta para levantar o ferrolho.
(4) *Tetigit os meum* «tocou a minha bocca»; — allusão aos prégadores da Fé, inspirados por Deus. O altar significa o Salvador, o profeta os ministros do Altissimo, a brasa a palavra Divina, e o toque nos labios de Isaias a inspiração e o dom da persuasão.
(5) Assim fez a Isaac: e dirigindo-o pelo caminho da verdade premiou tambem as virtudes de Jacob.

II

Do escadorio das Virtudes

O novo *escadorio* ou das virtudes theologaes, — assim chamado, porque estas são ahi allegorizadas nas estatuas, fontes e inscripções, é continuação do antecedente, regular como elle, e com egual numero de estatuas e fontes em cada um dos *corpos*.

Separa os dois *escadorios* grande terrasso quadrangular (1) com duas columnas á entrada, fechando-o pelo poente parapeitos com assentos e pelo norte e sul altas paredes com vasos.

As suas fontes e estatuas são de melhor trabalho que as do anterior. As fontes são feitas em grandes aberturas ovaes (2); e abaixo das peanhas das estatuas tem lapidas imbutidas com inscripções, que referem, como as do primeiro, preceitos e sentenças da S. Escriptura.

1.º

FÉ

Em frente do patim, que separam os dois *escadorios*, elevam-se em semi-circulo oito degraus. No topo do patim (3) superior a estes uma cruz singela, arvorada em calvario, lançando tres frouxas bicas pelos sitios das aberturas das mãos e pés, representa a fonte da Fé.

Por cima d'esta, ainda dentro da abertura oval, lê-se a inscripção (4):

EJUS FLUENT
AQUAE VIVAE.
JOAN. 7, 38.

(1) De comprimento 14^{m}; de largura a do *escadorio*.
(2) De altura 3^{m}; de largura 1^{m},65.
(3) De comprimento 4^{m},62; de largura 7.^{m}
(4) «*Qui credit in me... flumina de ventre ejus fluent aquae vivae*». «O que crê em mim... do seu ventre correrão rios d'agua viva». (A. P.)

Superior á fonte, sobre grossa e bem trabalhada peanha, eleva-se a estatua da Fé, figurando uma mulher com véu rendado, que lhe cobre os olhos e cáe pelos hombros, sobraçando a capa no braço esquerdo, pegando com a mão esquerda d'um calice com uma hostia, e apontando para o ouvido com o indice da direita. A inscripção diz (1):

FÉ
FIDES.... ARGUMENTUM NON APPARENTIUM...EX AUDITU : AUDITUS AUTEM PER VERBUM CHRISTI. AD HEBR. 11, 1, ROM. 10, 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Docilidade, representada pela figura d'uma mulher com o cabello atado; o braço esquerdo levantado, apertando com a mão uma serpente e na attitude de mostral-a; braço direito estendido a pegar d'um escudo, em que estão gravadas em alto relevo a cabeça d'um elephante, e superior a esta um relogio de areia coberto com uma serpente, que tem aos lados dois espelhos, voltados um para o outro. Na inscripção lê-se (2):

DOCILIDADE
CORDE ENIM CREDITUR AD JUSTITIAM.
AD ROM. 10, 10.

Do sul está a figura da Confissão, representada, como a antecedente, pela estatua d'uma mulher com o cabello atado, sobraçando a capa no braço esquerdo, e sustentando na palma da mão esquerda as táboas da lei de Deus, para cujo primeiro preceito aponta com o indice da direita. A inscripção diz (3):

CONFISSÃO...
ORE AUTEM CONFESSIO FIT AD SALUTEM.
AD ROM. 10, 10.

(1) «Fé... um argumento das cousas, que não apparecem... a fé é pelo ouvido; e o ouvido pela Palavra de Christo». (A. P.)
(2) (3) «Porque com o coração se crê para alcançar a justiça: mas com a bocca se faz a confissão para conseguir a salvação». (A. P.)

2.º

ESPERANÇA

No sitio correspondente á fonte anterior, e como ella, está construida uma outra, que representa a arca de Noé sobre montanha. Por baixo d'esta discorrem veios de crystallina agua para a base, em que se figura pousada a montanha, e dahi para uma mesa.

A construcção da fonte é ingenhosa; a abertura oval, a arca, a mesa, tudo é de bom gosto e adornado de delicados lavores.

Por cima da fonte lê-se o seguinte letreiro (1):

ARCA IN
QUA ANIMAE
SALVAE FA-
CTAE SUNT. . . .
1. PETR. 3, V. 20.

A estatua superior representa uma mulher com o cabello atado, mão esquerda estendida sobre uma ancora, o braço direito levantado na acção de pegar d'uma ave, e na base a inscripção (2):

ESPERANÇA
EXPECTANTES BEATAM SPEM
ET ADVENTUM GLORIAE.
AD TIT. 2, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Confiança, com os cabellos soltos pelos hombros, sustentando nas mãos um navio a todo o panno; a inscripção diz (3):

CONFIDENTIA
IN SPE ERIT FOR-
TITUDO VESTRA.
ISAI. 30, 15.

(1) «*Arca in qua pauci, id est, octo animae salvae factae sunt...*» «Arca na qual poucas pessoas, isto é, sómente oito se salvaram...». (A. P.)

(2) «Aguardando a esperança bemaventurada, e a vinda gloriosa». (A. P.)

(3) «A vossa fortaleza estará na esperança». (A. P.)

E do sul a estatua da Gloria, representada pela figura d'uma mulher vestida com roupão e manto lavrado de estrellas, cabellos soltos pelas costas, cabeça cingida d'uma faxa cravejada de perolas, braço direito alevantado a segurar uma figura do Sol, e a mão esquerda traçando a capa, e pegando d'uma palma. Ao lado esquerdo tem sobre a base um globo, e no sitio proprio a inscripção (1):

GLORIA.
... OCULUS NON VIDIT
NEC AURIS AUDIVIT.
AD CORINT. I c. 2, 9.

3.º

CARIDADE

A fonte da Caridade, construida pelo gosto das antecedentes, é representada por dois meninos em pé, sustentando nas mãos um coração, donde sáe uma corrente d'agua.

A estatua superior representa uma mulher vestida de roupão simples, cabeça coberta com uma especie de capuz, que lhe cáe pelas costas, e tendo nos braços duas crianças. Na inscripção lê-se (2):

CARIDADE.
TRIA HAEC.... MAJOR AUTEM HORUM EST CHARITAS.
AD CORINT. I c. 13, 13.

(1) V. 9. ...*oculus non vidit, nec auris audivit...*
Quae praeparavit Deus iis, qui diligunt illum:
V. 10. *Nobis autem revelavit Deus per Spiritum suum...*
«O olho não viu, nem o ouvido ouviu... o que Deus tem preparado para aquelles que o amam; porém Deus nol-o revelou a nós pelo seu espirito». (A. P.)

(2) Estas tres virtudes... porém a maior d'ellas é a Caridade». (A. P.)

Corresponde-lhe do sul a estatua da Paz, representada pela figura d'uma mulher com a cabeça descoberta; cabello atado; capa sobraçada no braço esquerdo; este estendido; o direito levantado com um ramo de oliveira na mão; olhos em elevação; e a inscripção (1):

PAZ.
PAX FRATRIBUS, ET
CHARITAS CUM FIDE.
EPH. 6, 23.

A estatua do lado do norte representa uma mulher vestida de roupão com franja, cabello solto sobre os hombros; manto; diadema; e sobre este a figura do Sol; braços abertos, pegando com a mão direita d'um ramo de pinheiro. A inscripção diz (2):

BENIGNIDADE.
CHARITAS...BE-
NIGNA EST.
I COR. 13, 4.

Tem este ultimo corpo do *escadorio* duas capellas, uma de cada lado, ambas espaçosas, similhando grutas em monte de grosseiras pedras, por entre as quaes discorrem veios de pura agua, de que se alimentam alguns fetãos e outras plantas aquaticas. O exterior não é de bom gosto, com quanto haja ahi bastante arte e trabalho de lavor. O portico é de volta demasiadamente abatida; e as portas, envidraçadas e com bandeira, já muito largas de si, tem altura egual á largura (3), o que as torna pouco elegantes.

A do lado do norte, ou esquerda de quem sobe, é dedicada a S. Pedro. A imagem do Apostolo, de estatura regular, com joelho em terra, mãos apertadas sobre o peito,

(1) «Paz seja aos irmãos e caridade com fé». (A. P.)
(2) «A caridade... é benigna». (A. P.)
(3) 3m em quadro.

olhos em elevação, lagrimas poucas mas vivas, expressão de profundo sentimento, representa o sancto no momento em que o terceiro canto do gallo veio recordar-lhe a prophecia, que pouco antes lhe fizera o Divino Mestre. Sobre o arco da porta lê-se a inscripção (1):

ET EGRESSUS FO-
RAS PETRUS FLEVIT
AMARE.
Luc. 22, 62.

A capella fronteira recorda a gruta, que Maria Magdalena habitou em Marselha durante trinta annos, entregue a dura provação e penitencia rigorosa. A estatua, de tamanho ordinario, em pé sobre o monte, e com os olhos em elevação, representa-a embevecida na contemplação de córos d'anjos, que de todos os lados a saúdam. No arco do portal tem a inscripção (2):

MARIA OPTIMÃ
PARTEM ELEGIT, QUAE NON
AUFERETUR AB EA.
Luc. 10, 42.

Entre as lages do ultimo patim ha uma comprida lapida, já quebrada, na qual se lê, quasi extincta, a seguinte inscripção:

A
SEPOLT.ª
Q MANDOU
FAZER P.º DO
ROSARIO
PRIMR.º IR-
MITAÕ
1647.

(1) «E tendo sahido para fóra chorou Pedro amargamente». (A. P.)

(2) «Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada». (A. P.)

*

Outras lapidas imbutidas nas paredes fronteiras dos primeiros patins recordam os nomes de tres homens, que lançaram os alicerces d'este monumento religioso, — os Arcebispos D. Jorge da Costa e D. Rodrigo de Moura Telles, e o Deão D. João da Guarda. Em uma está desenhado em relevo o brazão do primeiro d'elles (1); e por baixo d'este escudo outra lapida tem o seguinte letreiro:

ARMAS DA 1.ª CAPELLA
QUE MANDOU EDIFICAR O
SENHOR D. JORGE DA COSTA, ARCEBISPO DE BRAGA EM 1474; FORÃO ENCONTRADAS NAS ESCAVAÇÕES DOS ALICERCES D'ESTA OBRA EM 1839: SENDO PRESIDENTE O ILL.mo JOAQUIM DA MOTTA CARDOSO, ABBADE DE MAXIMINOS.

Outra contém a seguinte antiquissima inscripção:

ESTĀ: EGREJĀ: E CĀPELA MĀ-
DOU FĀZER: O PRETO NOTAIRO
DÕ: JOĀ: DĀ GUĀRDĀ: DĀYĀ
DE: BRĀGĀ: E LĀMEGUO
DO: CÕSELHO: DE: EL REI:
CONDE PĀLĀTINO POR SUĀ EΣ-
EVĀCĀ: A X6 D. DO MEZ: DE:
SETENBRO DO ĀNO: D 1522. ꝏ.

(1) Tem por timbre uma roda de navalhas.

Por baixo d'esta lê-se em outra:

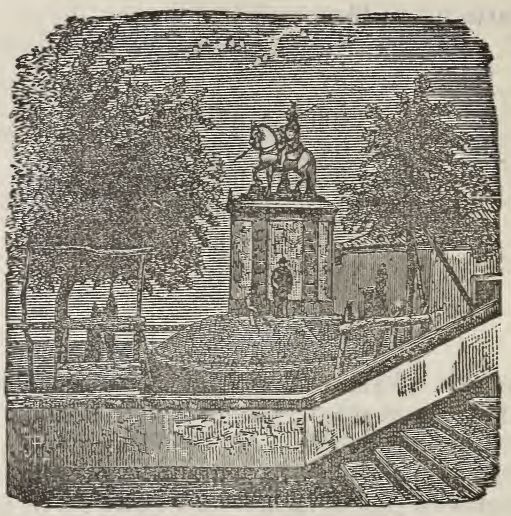
INDICA A REEDIFICAÇÃO DA 2.ª CAPELLA EM 1522, QUE FOI ABOLIDA NO TEMPO DE D. RODRIGO DE MOURA E TELLES EM 1725. ANNO DE 1839.

Em vez dos referidos mirantes de buxo acompanham os *corpos* do *novo escadorio* jardins e terrenos ajardinados, superiores uns aos outros, como aquelles mirantes, na proporção da elevação d'elles, fechados todos por altas paredes, e communicados com os *escadorios* e entre si. Os primeiros d'estes jardins, um de cada lado, acompanham o grande terrasso, que separa os *escadorios,* e o primeiro *corpo* do *novo escadorio,* para o qual, ou para os primeiros patins da sua escada composta, tem portaes de ferro. Criam-se nelles formosas roseiras do Japão de grandes dimensões, flores e arbustos de estimação. Os outros jardins não têm communicação para os correspondentes *corpos* do *escadorio.*

Do lado do norte, ou esquerda de quem sobe, sobranceira aos jardins e ao *escadorio,* existe ainda a velha *casa da torre,* que é assim chamada pela proximidade em que ficava da torre do primitivo templo (1), e serve hoje com outras para residencia de capellães do Sanctuario. Esta casa construida em grande elevação tem para o poente varanda com extensa vista, e realça o panorama dos *escadorios,* alvejando por entre os mirantes de verdura.

Do mesmo lado sobre a referida capella de S. Pedro, faceando com ella, ha um terrapleno com algumas poucas arvores, e nelle a estatua equestre de Longuinhos em grosso e alto pedestal, assente no cume de rocha granitica, hoje quasi soterrada.

(1) Vej. na quarta parte a historia da fundação do Sanctuario.



A estatua de Longuinhos representa um soldado de estatura agigantada, com morrião na cabeça, escudo embraçado, e lança em punho, montado em soberbo e bem ajaezado cavallo. São formados d'uma só pedra cavalleiro e cavallo.

Cercam este terrapleno casas e quarteis, cujas portas, assim como as da contigua *casa da torre*, abrem sobre elle. Habitam ahi alguns capellães. Lançando d'um lado sobre o *escadorio;* sobranceiro por outro aos jardins; confinando pelo nascente com a espaçosa escada, que do immediato terreiro da *cascata* sobe para a capella do descimento da cruz; ligado com esta, com a proxima avenida, e com a hospedaria da *Boa-vista*, é um dos sitios mais naturalmente procurados e frequentados. Gozar ahi as doces impressões das curtas melancholicas horas de noite de luar de agosto, recostado nos largos parapeitos, ou sentado na escada d'aquella capella, apenas ouvindo de espaço a espaço o cadencioso vibrar das horas nas torres do templo... sente-se... diz-se... mas não póde descrever-se (1).....

(1) Recordava nesta occasião o auctor d'estas — *Memorias* os saudosos dias 25, 26 e 27 de agosto de 1860, passados no Sanctuario do Bom Jesus em companhia de sua esposa, suas primas e cu-

Do lado do sul, sobranceiro aos jardins, e lançando sobre elles, eleva-se um terrasso com alguns poucos cedros e no centro mezas e assentos de pedra debaixo d'um majestoso teixo. Este tem o tronco soterrado; e os grossos braços, quasi subindo á flor da terra, cobrem com ramagem densa a meza, os assentos e uma parte do terrasso.

Do mesmo lado, e superior ao terrasso, communicando por comprida escadaria com elle e com os jardins sotopostos, continúa para a matta, e extende-se até o templo, frondosa e grande alameda. Entremeados com as arvores encontram-se com frequencia ao longo dos parapeitos assentos de pedra.

De todas as arvores destaca uma mais que as outras copada. Esta ainda ha pouco tinha em volta assentos e tamboretes de madeira, forrados todos de cortiça. Já os não encontrámos em agosto ultimo. Ouvimos que em bella manhã tinha desapparecido a cortiça, e appareceram quebrados os assentos e tamboretes!... Este e outros factos explicam as contrariedades, que a meza do governo do Sanctuario tem encontrado, e ha de ainda por algum tempo encontrar para emprehender na matta, como lembramos em outro logar, e já é sua intenção, obras de arte e bom gosto, que revelem a epocha em que estamos. Boa parte do nosso povo ainda, infelizmente, é rude; e o silvo da locomotiva, levando em vôo de fogo a civilisação, ainda no Minho não teve tempo de fazer o milagre de romper as trevas com o seu rasto de luz.

Esta alameda e terrasso tem variado panorama. Vêem-se d'alli a curta distancia as cimas ondulantes do arvoredo, que encobre as capellas da Paixão; goza-se, visto de lado, o panorama geral dos dois *escadorios;* disfructa-se o pittoresco terrasso de Longuinhos, parte da cascata e do templo, a capella de S. Pedro, parte da do descimento da cruz, e o principio da avenida com o seu frondoso arvoredo. Para poente folga a vista por extensa zona a perder-se na vastidão do mar.

nhadas M. B. de S. e A. E. de S., e seu filho mais velho, então de oito annos de idade, e dez annos depois fallecido nos braços de seus paes... por estes abençoado e sempre amargamente chorado..... Em agosto de 1875 ahi esteve tambem com sua esposa e filha nos dias 27, 28 e 29.

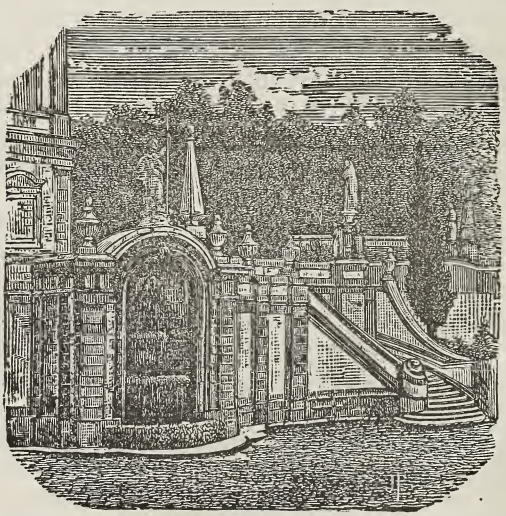
Da Cascata

Rematam os *escadorios* na *cascata,* tambem chamada a fonte de Moysés.

Do ultimo patim do *escadorio* das virtudes sobem tres degráus entre dois elegantes obeliscos para um vasto terreiro ajardinado (1), que tem no centro assentos de madeira e ferro, e em semicirculo dos lados da entrada outros de cantaria.

D'este terreiro sobem duas compridas escadarias, uma para norte ou esquerda, outra para sul, cada uma com quatro lanços, ambas eguaes, direitas, muito largas, e suavemente lançadas (2).

Em frente da entrada do terreiro, em meio de grossa parede, cuja parte central destaca das extremidades, ha uma grande abertura oval (3). Dentro d'ella é representada a *cascata*



(1) De comprimento 21^{m} e de largura 33^{m}.
(2) Largura $\frac{9}{10}^{m}$.
(3) Altura 6^{m} e de largura 2^{m},75.

pelo corpo inteiro d'um pellicano na acção de rasgar-se para alimentar os filhos, que em pé, azas semi-abertas e pescoço estendido, lhe pendem do seio. Fios de christallina agua brotam d'este, e esparzindo-se sobre tres bacias semi-circulares, e proporcionalmente maiores umas que as outras, vêm cahir em abundante chuveiro sobre uma quarta bacia, maior que as tres primeiras, pousada sobre um degráu. Construidas de granito, cuja natural côr claro-escura a humidade e os limos têm numas partes quasi inteiramente escurecido, e noutras tornado em verde bronzeado, os bordos d'aquellas quatro bacias representam um grosseiro imbutido de pequenas e rusticas pedras aguçadas. A abertura oval, em que está construida a fonte, é formada de largas pedras lavradas e fortes cunhaes. Sobre o arco, onde remata, vê-se em cima d'alta peanha uma estatua, que representa Moysés no acto de ferir o penedo para saciar a sêde do povo de Israel no acampamento de Raphidim. Esta estatua imita as do antigo *escadorio*. Em cada uma das extremidades da parede da *cascata* (1) sobem vinte e sete degráus (2) em meia volta d'espira. Entre os parapeitos d'estes, os do adro do templo, e os d'aquell'outras escadas lateraes do terreiro ha pequenos jardins com repartimentos de buxo, cyprestes nas extremidades e alguns arbustos. D'aquelles degráus só os primeiros podem ver-se do terreiro, porque os outros, subindo em meia volta, ficam encobertos pelos parapeitos. As duas escadas terminam em patim (3) por detraz da estatua de Moysés.

Este é um dos mais risonhos sitios do monte; desdobra-se debaixo dos olhos em toda a sua extensão o panorama dos *escadorios;* vê-se em mar de verdura quasi toda a matta desde o portico; e goza-se ao longe a mais arrebatadora vista de terra e mar.

Momentos de consoladora suavidade, deliciosos instantes de doce embriaguez goza alli o visitante, quando em fresca madrugada de agosto ao levantar da aurora, ou em fins de tarde calmosa ao pôr do sol, tão majestoso por entre açafroada aureola de matizadas nuvens, deixar d'alli folgar e

(1) 7^{m} distante da cascata.
(2) Largura 5^{m}.
(3) De comprimento 3^{m},85 e de largura 17^{m}.

espairecer a vista por essa perspectiva, que em frente se abre, verdejante, alegre, variada.

Formoso sitio!

«Quem.....
.....
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida?!
.....

Amena estancia!
Throno da vicejante primavera!
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora de vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá?!» (1)

Do adro do Templo

Do patim superior da *cascata* sobem seis degráus (2) para o adro, a que dão entrada dois obeliscos, pousados sobre os parapeitos.

Comprehende o adro um grande terreiro semicircular (3), cujos parapeitos são divididos por oito grossos pedestaes com quatro estatuas de cada lado da entrada (4). Assentos de cantaria medeiam entre os pedestaes ao longo dos parapeitos. Apezar da altura, em que foram collocadas, as estatuas figuram-se á vista de estatura ordinaria. Lê-se na peanha o nome de cada uma, e no pedestal o verso da Sagrada Escriptura allusivo ao passo, a que se refere, da vida, paixão ou morte de Christo.

As quatro estatuas, que ficam á direita de quem entra, estão collocadas pela seguinte ordem:

(1) Garrett.
(2) De largura 15^{m}.
(3) 54^{m} de comprimento desde a entrada até os degráus, que sobem para a entrada do templo, e 66^{m} de largura.
(4) 8^{m} de distancia d'umas ás outras, e ás columnas da entrada.

I

Hanan ou Annaz na acção de enviar Christo para Kaïapha ou Caiphaz, que lhe fica á direita no extremo opposto do semicirculo; tem o nome e a inscripção seguinte (1):

ANNAZ
ET MISIT EUM ANNAS
LIGATUM AD CAIPHAM
PONTIFICEM
Joan. cap. 18 *v.* 24.

II

Pilatos na acção de entregar o titulo para ser collocado sobre a cruz; tem a inscripção (2):

PILATOS
GOVERNADOR
DE JUDEA.
TRADIDIT EIS ILLUM, UT
CRUCIFIGERETUR...
SCRIPSIT AUTEM ET TITULUM...
HEBRAICE, GRAECE, ET LATINE.
Joan. cap. 19 *vv.* 16, 19, 20.

III

Herodes com os braços estendidos á esquerda em acção de enviar Christo para Pilatos, que lhe fica d'esse lado. Lê-se na inscripção (3):

HERODES.
ET ILLUSIT INDUTUM
VESTE ALBA, ET REMI-
SIT AD PILATUM.
Luc. cap. 23 *v.* 11.

(1) «E Annás o enviou maniatado ao pontifice Caiphaz». (A. P.)
(2) «... lh'o entregou para que fosse crucificado... e escreveu um titulo... em hebraico, em grego e em latim». (A. P.)
(3) «E fez escarneo d'elle, tendo-o mandado vestir de uma vestidura branca, e tornou-o a enviar a Pilatos». (A. P.)

IV

Kaïapha ou Caiphaz na attitude de rasgar os vestidos, como faziam os ministros da Synagoga, e em geral todos os judeus em signal de mágua ou de horror, e em protestação de vingança. A inscripção diz (1):

CAIPHAZ.
... SCIDIT VESTIMENTA
SUA DICENS
BLASPHEMAVIT.
Math. cap. 26 *v.* 65.

Recordam estas estatuas os desprezos e ignominias, que Jesus Christo soffreu de casa de Annaz para a de Caiphaz, e d'esta para a de Herodes até á condemnação na de Pilatos.

Correspondem a estas pelo outro lado do terreiro as seguintes:

I

José de Arimathea apresentando a Pilatos uma petição; e com a inscripção (2):

JOSEPH
DE
ARIMATHEA.
HIC ACCESSIT AD PILATŨ
ET PETIIT CORPUS JESU.
Luc. cap. 23 *v.* 52.

II

Nicodemos com uma taça na mão esquerda; e a inscripção (3):

NICODE-
MOS.
.... FERENS MISTURAM
MIRRHAE ET ALOES QUA-
SI LIBRAS CENTUM.
Joan. cap. 19 *v.* 39.

(1) «Rasgou as suas vestiduras, dizendo — blasphemou». (A. P.)
(2) «Este foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus.» (A. P.)
(3) «Trazendo uma composição de quasi cem libras de myrrha e de aloes». (A. P.)

III

O Centurião, vestido de armas, escudo no braço esquerdo, lança na direita; e com a inscripção (1):

CENTU-
RIÃO.
ET CUM COGNOVISSET A
CENTURIONE, DONAVIT
CORPUS JOSEPH.
Marc. cap. 15 *v.* 45.

IV

Pilatos em acção de receber a petição; e com a inscripção (2):

PILATOS
GOVERNA-
DOR DE JUDEA.
TUNC PILATUS JUSSIT
REDDI CORPUS.
Math. cap. 27 *v.* 58.

Referem-se estas estatuas ao devoto zelo, com que os dois discipulos de Christo, José de Arimathea e Nicodemos, alcançaram de Pilatos o corpo do Divino Mestre para o depositarem involto em toalhas aromaticas, segundo era costume entre a gente judaica para conservar os corpos.

Aos lados do adro e detraz d'elle continúa o terreiro sem fórma regular, por toda a parte mal terraplanado.

Do Templo

1.º — Exterior do templo (3)

O templo representa exteriormente um edificio majestoso e de singular architectura, distinguindo-se nelle as tres or-

(1) «E depois que o soube do centurião, deu o corpo a José». (A. P.)
(2) «Pilatos mandou então que se lhe désse o corpo». (A. P.)
(3) Comprimento do templo $55^{m},50$ e de largura na frente $24^{m},75$.

dens — dorica, jonica e composita. Póde considerar-se repartido em quatro corpos; o primeiro, que se compõe da fachada e torres, e o terceiro, que é o cruzeiro, destacam do segundo e quarto, a que no interior correspondem o corpo da igreja e a capella-mór.

A fachada é dividida em tres partes: — 1.ª até o entablamento sobre a porta principal; 2.ª até ás torres; estas a 3.ª; sobresahindo naquella a ordem dorica, na ultima a composita, e na segunda a jonica.

Do adro sobem cinco degráus para um patim, em frente do qual está a porta principal entre quatro columnas magnificas, inteiriças (1), que destacam da fachada, duas de cada lado sobre largos socos. Entre ellas, e dentro de grandes nichos, coroados de frontaes triangulares, estão as estatuas dos prophetas Jeremias e Isaias, em corpo inteiro de estatura ordinaria. A de Jeremias, entre as duas columnas da

(1) Tem de altura cada uma das columnas 6m, e de circumferencia 2m,75.

direita do templo, tem um livro na mão esquerda, e aponta com a direita para o céu. Na peanha lê-se (1):

JEREMIAS.
...AUDITE VERBUM DOMINI...
QUI INGREDIMINI PER PORTAS
HAS, UT ADORETIS DOMINUM.
Jerem. cap. 7 *v.* 2.

A de Isaias, do lado esquerdo, tem como aquella um livro na mão esquerda, e sobre elle uma caveira, para a qual aponta com o indice da direita. A inscripção diz (2):

ISAIAS.
VIDEBITIS, ET GAUDEBIT COR
VESTRUM, ET OSSA VESTRA
QUASI HERBA GERMINABUNT.
Is. cap. 66 *v.* 14.

No espaço que medeia até os cunhaes, ha dois frestões (3) ou janellas altas, e por baixo d'estas em compridas la-

(1) «Ouvi a palavra do Senhor... vós que entraes por estas portas para adorardes ao Senhor». (A. P.)

(2) «Vós o vereis, e folgará o vosso coração, e os vossos ossos, como herva, brotarão». (A. P.)

(3) *Frestão,* augmentativo de fresta, quando o augmento é em altura. (Noticia do mosteiro de Belem.)

pidas os seguintes letreiros. Na da direita do templo, ou á esquerda de quem entra, lê-se (1) :

S. S. P. PIUS VI.
OMNIBUS CHRISTI FIDELIBUS ECCLOESIAM HANC DEVOTE VISITANTIBUS IN PERPETUUM CONCESSIT: — INDULGENTIAM PLENARIAM IN DOMINICIS PALMARUM, RESURRECTIONIS, ET PONTECOSTES, IN FESTIS ASCENSIONIS D. N. J. C., INVENTIONIS ET EXALTATIONIS S. CRUCIS, CONCEPTIONIS, NATIVITATIS, ANNUNTIATIONIS, PURIFICATIONIS, ET ASSUMPTIONIS B. M. V. Á 1 VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUJUSMODI, PARITERQUE IN QUALIBET FERIA VI QUADRAGÊSSIMAE, ET SEMEL IN ANNO QUOCUMQUE DIE: — ITEM OMNES ET SINGULAS INDULGENTIAS STATIONUM VIAE CRUCIS VISITANTIBUS CAPELLAS HUJUS SANCTUARII.

S. S D. N. PIUS P. P. IX.
DIE II JULII MDCCCLVIII CONCESSIT AD DECENNIUM HANC ECCLOESIAM VISITANTIBUS: — INDULGENTIÃ PLENARIAM IN FESTIS NATIVITATIS, EPIPHANIAE, ET ASCENSIONIS D. N. J. C., S. JACOBI MAIORIS, ET DIE ANNIVERSARIO DEDICATIONIS IPSIUS ECLAESIAE Á I. VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUJUSMODI: — INSUPER VII ANNOS, TOTIDEMQUE QUADRAGENAS QUALIBET ANNI FERIA VI. OMNIA SUB CONDITIONIBUS IN INDULTIS EXPRESSIS.

(1) O SS. P. PIO VI.

«A todos os fieis christãos, que devotamente visitarem esta egreja, concedeu para sempre: — indulgencia plenaria nos domingos de ramos, resurreição e pentecostes, nas festas da ascensão de N. S. Jesu Christo, da invenção e exaltação da sancta cruz, da conceição, natividade, annunciação, purificação e assumpção de N. Senhora, desde as primeiras vesperas até o pôr do sol de cada um d'estes dias; bem como em qualquer 6.ª feira da quaresma, e uma vez por anno em qualquer dia: e outrosim todas e cada uma das indulgencias das estações da via sacra aos que visitarem as capellas d'este sanctuario».

O SS. P. PIO IX.

«No dia 2 de julho de 1858 concedeu por dez annos aos que visitarem esta egreja: — indulgencia plenaria nas festas da natividade, epiphania e ascensão de N. S. Jesu Christo, na de Sanct'Iago maior, e no anniversario da dedicação d'esta mesma egreja, desde as primeiras vesperas até o sol posto de cada um d'estes dias, e mais por 7 annos quarenta dias de indulgencia em qualquer 6.ª feira do anno. Tudo com as condições expressas nos indultos».

O letreiro da esquerda diz (1):

A. D. MDCCCLVII. DIE VERO X. MENSIS AUGUSTI EXCELLENTISSIMUS AC REVE-
RENDISSIMUS D. D. JOSEPHUS JOACHIMUS DE AZEVEDO E MOURA, ARCHIEPISCOPUS
ET DOMINATOR BRACARAE AUGUSTAE, HISPANIARUM PRIMAS, HANC ECCLESIAM IN
HONOREM D. N. JESU CHRISTI CRUCIFIXI CONSECRAVIT. ATQUE IN EJUS ALTARI MAIO-
RI HAS RELIQUIAS INCLUSIT: EX LIGNO SS. CRUCIS, DE COLUMNA FLAGELLATIONIS
EJUSDEM D. N., EX VELO B. V. MARIAE, EX PALLIO SANCTI JOSEPHI SPONSI EJUSDEM B. V.,
ET EX OSSIBUS S. S. APOSTOLORUM PETRI, PAULI, ANDREAE, JACOBI MAIORIS, THOMAE,
JACOBI MINORIS, BARTHOLOMAEI, MATTHAEI, SIMONIS, THADDAEI, MATTHIAE, ET BAR-
NABAE, XL ITEM DIES SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS ECCLESIAM IPSAM DEVOTE VISITANTI-
BUS IN DIE ANNIVERSARIO HUJUS CONSECRATIONIS, QUI DOMINICA SECUNDA AUGUSTI QUO-
TANNIS CELEBRABITUR, DE VERA INDULGENTIA, IN FORMA ECCLESIAE CONSUETA, CONCESSIT.

(1) «No anno do Senhor 1857 aos dez dias do mez de agosto o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, consagrou esta Egreja em honra de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, e encerrou no seu Altar Mór estas Reliquias: as do Lenho da Sanctissima Cruz, da Columna da Flagellação do mesmo Nosso Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Mattheus, Simão, Thadeu, Matthias e Barnabé. Egualmente concedeu quarenta dias de verdadeira Indulgencia, na fórma costumada da Egreja, a cada um dos fieis christãos, que visitarem devotamente a mesma Egreja no dia anniversario d'esta consagração, que se celebrará todos os annos na segunda Dominga de Agosto.» 4

Aos lados d'esta primeira parte da fachada abre uma janella ou fresta grande oblonga.

Segue-se o entablamento, cujo friso tem triglifos, distinctivo da ordem dorica, e imbutida nelle sobre o portal uma lapida com o letreiro (1):

ET ERIT IN NOVISSIMIS DIEBUS PRAE-
PARATUS MONS DOMUS DOMINI IN
VERTICE MONTIUM, ET ELEVABI-
TUR SUPER COLLES, ET FLUENT
AD EUM OMNES GENTES.

Isai. cap. 2.

Os triglifos acompanham, contorneando-o, o resto d'esta parte da fachada.

Na segunda parte tres grandes janellas envidraçadas abrem para uma balaustrada, que na sua maior extensão abrange o espaço das quatro columnas inferiores. Em quatro acroterios, correspondentes a estas, pousam as estatuas dos Evangelistas com os seus emblemas (2). A janella do centro, que é a maior, tem bandeira semicircular, as outras frontões em arco de circulo. Do centro do respectivo entablamento pendem as armas de Portugal. O frizo é liso, e a cornija denticular. Uma e outro acompanham e contorneiam, como o entablamento anterior, esta segunda parte da fachada.

(1) «E nos ultimos dias estará preparado o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e concorrerão a elle todas as gentes». (A. P.)

(2) Os emblemas dos Evangelistas são: o de S. Mattheus um homem, porque o seu evangelho começa pela geneologia temporal de Christo; — o de S. Marcos um leão, porque principia pela prégação de S. João Baptista no ermo; — o de S. Lucas um touro, porque principia pelo sacerdocio de Zacharias; — o de S. João uma aguia, porque remonta ao seio da Divindade, começando pela eterna e ineffavel geração do Verbo.

Por cima dos frontões das janellas lêem-se em lapidas imbutidas as seguintes inscripções; a da direita diz (1):

MONS IN QUO BENEPLACITUM EST DEO HABITARE, IN EO ETENIM DOMINUS HABITABIT IN FINEM
PSALM. 67, 17.

Na da esquerda lê-se (2):

EXALTATE DOMINUM DEUM NOSTRUM, ET ADORATE IN MONTE SANCTO EJUS
PSALM. 98, 9.

No resto d'esta parte da fachada, no espaço que medeia até os cunhaes, ha de cada lado uma sacada tambem com balaustres, mettidos á face da frontaria, com janella envidraçada, e com mostrador de relogio sobre o frontão. D'estes o da direita da fachada communica para o relogio da torre. Dos lados do mesmo corpo corresponde a estas janellas outra sacada e janella pelo mesmo gosto e com similhantes ornatos.

Termina a fachada em frontão com denticulos na empena, cruz singela sobre peanha no vertice, e dois acroterios nas extremidades, assentando em cada um d'estes um ornato em fórma de urna. Do tympano resaltam em alto relevo os instrumentos da paixão, as escadas do descimento da cruz,

(1) «Monte é este em que se agradou Deus de morar, porque o Senhor morará nelle até ao fim». (A. P.)

(2) «Exaltae ao Senhor nosso Deus, e adorae-o no seu sancto monte». (A. P.)

*

no centro d'estes objectos um escudo com as cinco chagas, e entre elles gravadas em uma tarja as letras (1):

S. P.
Q. R.

Prende no entablamento uma platibande, acompanhando o edificio, e contorneando-o, com pyramides sobre os cunhaes.

Aos lados do frontão erguem-se majestosas as torres do

(1) No Almanach de lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1870 encontramos o seguinte artigo:

Quarta-feira de cinza. — S. P. Q. R. — Bem differentes e bem diversas têm sido as interpretações dadas ás quatro iniciaes, que servem de epigraphe a este artigo.

Na dianteira de nossas procissões vemol-as todos os annos neste dia, entretecidas de fios d'oiro nos pendões das mesmas. Velha usança, porventura admittida para rememoração do cruento sacrificio do Redemptor! assignalado indicio que do seu predominio nos deixaram os celebres dominadores do Lacio!

Usaram-n'as primeiro os sabinos em suas bandeiras de guerra, como interrogação insultante e orgulhosa. Depois os romanos, talvez em resposta solemne, pomposa e grave.

D'elles, depois de terem estanceado entre nós e de tudo romanisarem, recebemos esse apparato pagão e outros ritos quejandos, que ainda hoje mesclam as ceremonias da igreja catholica.

Mas o que entre os sabinos passou por uma provocação temeraria, o que entre os romanos se ostentou como signal de preeminencia incontestavel, e que foi tão soberbo quanto incitante precursor de bellicosas legiões — *vexillum* — é entre os christãos uma supplica, humildemente dirigida ao Verbo Humanado.

Entre os sabinos aquellas quatro iniciaes queriam dizer:

Sabino Populo Quis Resistet
(Quem Resiste ao Povo Sabino?)

Entre os romanos:

Senatus Populus Que Romanus
(O Senado E O Povo Romano)

Entre os christãos:

Salva Populum Quem Redimisti
(Salva o Povo Que Remiste)

templo com altos campanarios ou ventanas, e cupulas de architectura elegante, rematando a grande altura em urnas.

Extende-se das torres para norte, sul e poente formoso panorama, superior aos dos escadorios, do patim sobre a cascata, em volta da grande alameda, ou d'outros pontos elevados das cercanias de Braga.

Avista-se d'ahi por entre prados, que circumdados de arvores parecem taboleiros ajardinados, immensidade de povoações, logarejos, capellas, montes, estradas, regatos, e como denso e comprido nevoeiro sobre o horizonte grande porção de mar em varios sitios.

Entre esta immensidade de objectos sobresahe a cidade de Braga com suas espaçosas praças, cupulas rendilhadas, e compridissimas ruas entre campos de verdura (1).

Mais adiante vê-se a villa de Barcellos, extendendo-se em quasi linha recta. Lá mais ao longe descobre-se o monte de Sancta Luzia, em cujas faldas está edificada a cidade de Vianna do Castello, tão celebre por seus arrabaldes, porto de mar, formoso caes, compridissima ponte, e doces margens do sereno Lima. E correndo por todo o horizonte avista-se o sitio das villas de Fão e Espozende sobre a costa, a praia e importante villa da Povoa de Varzim, e o convento das religiosas de Sancta Clara de villa do Conde, sobresahindo majestoso sobre o cume de elevado oiteiro, e dominando da sua eminencia largo tracto de terra e mar.

Do cruzeiro estão salientes duas capellas, uma de cada lado, com paredes quintavadas, e cobertura abobadada, terminando em urna. O zimborio é oitavado, e cada um dos seus oito cunhaes remata em pyramides sobre a cornija. A cobertura em oito aguas termina em urna.

Tem o templo duas portas lateraes, uma de cada lado. Sobre ellas ha frontões semicirculares, cujos tympanos contêm letreiros, que recordam as epochas em que foi principiada e concluida a construcção do templo. O da porta do norte diz:

FOI
POSTA A PRIMEIRA
PEDRA DESTE TEMPLO
NO 1.º DE JUNHO DE 1784.

(1) Veja-se Appendice.

Ao lado d'esta porta uma lapida, mettida na parede exterior, contém os nomes dos membros da Meza do governo da confraria, que pediram a sagração do templo.

Sobre a outra porta lateral lê-se:

FOI
POSTA A ULTIMA PE-
DRA DESTE TEMPLO EM
20 DE SEPTEMBRO DE 1811.

2.º — Interior do templo

O templo não tem grandes ornatos, mas é majestoso e de vastas proporções.

Dedicado ao culto divino desde a sua conclusão, só foi consagrado solemnemente em agosto de 1857.

A capella mór, que separa do cruzeiro uma balaustrada de madeira, é de grandeza proporcionada ao resto do templo. Os tectos d'esta e os do corpo da igreja são formados de abobada semicircular, dividida em partes por artezões ou arcos de cantaria, que se estribam no entablamento das pilastras das paredes lateraes. Nos espaços dos artezões estão desenhadas figuras de anjos e outras pinturas. Nas paredes da capella mór estão pintados dois grandes quadros ovaes de bastante merecimento, que representam Christo na acção de dar vista ao cégo, e de perdoar á adultera.

O altar mór está debaixo d'um soberbo *baldachino* (1), especie de *sobre-ceo*, que sustentam quatro columnas da ordem jonica, tendo o fuste em canelluras. Por occasião da sagração do templo este altar foi reconstruido d'uma só pedra do mais fino granito d'aquelles sitios com lavores em relevo pela frente. Em meio da face superior ha um vão, no qual foi encerrado, coberto com lapida da mesma pedra, um cofre, lacrado e sellado com as armas archiepiscopaes, contendo muitas reliquias, constantes da cedula

(1) *Baldachino*, — d'origem italiana, usado na fórma antiga *baldaquino* por Fr. Pantaleão de Aveiro no *Itinerario da terra sancta*,— obra em fórma de corôa, docel, pallio, sitial ou sustentado por columnas.

em pergaminho, que tambem está encerrada com elle, e que é do teor seguinte:

MDCCCLVII. die X mensis augusti. Ego Domnus Josephus Joachimus de Azevedo e Moura, Archiepiscopus ac Dominus Bracarensis, Hispaniarum Primas, consecravi Ecclesiam, et aitare hoc in honorem D. N. Jesu Christi Crucifixi, et Reliquias ex Ligno Sanctae Crucis, de Columna Flagellationis ejusdem Domini nostri, ex velo Beatissimae Virginis Mariae, ex pallio Sancti Josephi Sponsi ejusdem Beatissimae Virginis, et ex ossibus Sanctorum Apostolorum Petri, Pauli, Andreae, Jacobi Maioris, Thomae, Jacobi Minoris, Bartholomaei, Matthaei, Simonis, Thaddaei, Matthiae, et Barnabae in ea inclusis; et singulis Christi fidelibus hodie unun annum, et in die anniversario consecrationis hujusmodi ipsam visitantibus quadraginta dies de vera indulgentia, in forma Ecclesiae consueta, concessi (1).

Em seguida ao altar mór eleva-se o calvario, que é de madeira, e em parte coberto de folha de Flandres. Sobre elle está arvorada dentro d'um outro docel, que fecham cortinas de damasco carmezim, a bellissima imagem de Christo crucificado, que o arcebispo D. Gaspar de Bragança mandára em 1776 vir da Italia e offerecêra ao Sanctuario. De fóra d'elle estão as cruzes com o bom e máo ladrão; do lado direito Nossa Senhora, duas Marias e S. João; á esquerda a outra Maria; prostrada ante a imagem de Christo Maria Magdalena; e espalhados pelo monte o centurião e oito soldados. Dois d'estes, recostados no chão, jogam os dados sobre a tunica de Christo, outro tem na mão uma trombeta, e outro o estandarte com as letras:

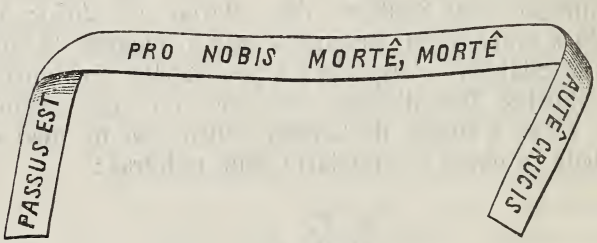
S. P.
Q. R. (2).

(1) «Em 1857 aos dez dias do mez de agosto eu D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, primaz das Hespanhas, consagrei esta Egreja e altar em honra de Nosso Senhor Jesus Christo crucificado; e encerrei nelle as reliquias do lenho da Sanctissima Cruz, da columna da flagellação do mesmo Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Matthæus, Simão, Thaddeu, Matthias e Barnabé; e a cada um dos fieis Christãos, que visitarem a mesma Egreja, concedi hoje um anno, e no dia anniversario d'esta consagração quarenta dias de verdadeira indulgencia na fórma costumada da Egreja».

(2) Veja-se pagina 52.

Estas figuras são de madeira; todas, assim como a imagem de Christo, de estatura natural; e tem algum merecimento. Uma das Marias com os olhos no chão, braços cruzados sobre o peito, lagrimas borbulhando, bocca semi-aberta e faces encovadas; das outras — uma apertando as mãos contra o seio e com os olhos enlevados, e a outra na attitude de fallar-lhe, apontando para a cruz, como quem lhe aconselha resignação, — a Magdalena prostrada aos pés da cruz, desgrenhada e com os olhos embaciados; — um pouco àquem o centurião, extasiado, e nesse tremendo instante de desengano, em que reconheceu ser aquelle o Filho de Deus (1); — os dois soldados em posição natural, jogando a tunica de Christo, e os outros de rostos alegres, como descançados da missão que lhes fôra incumbida, — compõem todas estas figuras um grupo admiravel pela representação de sentimentos inteiramente differentes, e offerecem contraste perfeito entre a impenitencia dos judeus, a dor de Nossa Senhora, das tres Marias, da Magdalena e de S. João, e a conversão do centurião.

Por cima d'este docel dois anjos sustentam uma tarja, que tem o seguinte letreiro (2):



O cruzeiro tem dois altares e alem d'estes as duas capellas salientes das paredes lateraes, como fica dicto (3). A capella do lado do Evangelho encerra sacrario com a maior decencia e grandeza. A capella fronteira tem sobre a banqueta do altar em caixa envidraçada uma boa ima-

(1) «*Vere hic homo filius Dei erat*». — Marc. 15, 39. «Verdadeiramente este homem era filho de Deus». (A. P.)
(2) «Soffreu por nós a morte na cruz».
(3) Pagina 53.

gem de Nossa Senhora da Soledade com rico vestido de tela d'ouro, manto de cabaia azul, ambos bordados a ouro, cinto dourado, resplendor e brincos recamados de brilhantes. Aos lados da imagem estão duas jarras de porcellana, cada uma das quaes tem um ovo de abestruz, e nestes enfiados dois ramos feitos de escamas de peixe, pousando em cada um d'elles, embalsamado, um picaflor de viva côr escarlate.

Sobre o throno do altar d'esta capella vêem-se muitas reliquias dentro de pequenos bustos, dispostos por ordem hierarchica (1). Na caixa do altar estão os ossos de S. Clemente, revestidos de uniforme militar de sêda de ouro e prata, corôa de flores na cabeça, palma na mão, e aos pés um vaso com uma porção do seu sangue.

Os altares do cruzeiro ficam aos lados da capella mór. O da esquerda tem um retabulo grande, figurando Christo na acção de salvar S. Pedro das aguas do mar, e por baixo d'elle outro mais pequeno com a venda de José. O da direita representa Christo entregando as chaves a S. Pedro, e por baixo o sacrificio de Abrahão.

(1) Sobre o throno uma custodia com o sancto lenho; pelos degráus uma urna com a cabeça de S. Donato, pequenos bustos e caixas com reliquias das faixas que involveram o menino Jesus; do lençol em que Jesus Christo foi amortalhado; do véu e camisa de Nossa Senhora; da esponja; da capa de S. José; e outras reliquias — dos quatro Evangelistas; de S. Estevão, proto-martyr; dos Papas S. Anacleto e S. Marcello, martyres; do Bispo S. Braz, martyr; de S. Lourenço e S. Sebastião; de S. Ambrosio, S. Agostinho, S. Jeronymo, S. João Chrysostomo, S. Isidoro, S. Boaventura, S. Bernardo, S. Thomaz d'Aquino, doutores da Egreja; de S. Martinho, S. Pio 5.º, S. Anselmo, S. Antonino, S. Carlos, S. Francisco de Salles, Confessores Pontifices; de S. Antão, S. Domingos, S. Francisco d'Assis, S. Francisco de Paula, S. Ignacio de Loyola, S. Filippe Neri, S. Pedro d'Alcantara, confessores e fundadores d'ordens; de S. Antonio de Padua, S. André Avelino, S. Vicente Ferrer, S. Paschoal Baylam, S. Alberto Carmelita, S. Roque, S. Aleixo, confessores; de S. Joaquim e S. Anna, paes de Nossa Senhora; de S. Agueda, S. Luzia, S. Ignez, S. Apollonia, S. Dorothea, S. Christina, S. Barbara, S. Victoria e S. Eufemia, virgens e martyres; de S. Petronilha, S. Escolastica, S. Clara, S. Catharina de Senna, S. Rosalia, S. Thereza, virgens; e de S. Monica, S. Francisca Romana, S. Margarida de Cortona.

No cartorio estão archivadas as authenticas.

Estes retabulos maiores, e os do corpo da Egreja, que todos são eguaes, são pinturas de merecimento. Não se descobre nelles o nome do auctor; apenas no do salvamento de S. Pedro podem a custo divisar-se as iniciaes — P. A.

Tem tambem o cruzeiro as estatuas, feitas de madeira, dos quatro doutores da Egreja, S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Gregorio Magno e S. Jeronymo.

É majestoso no centro do cruzeiro o zimborio (1). Oitavado como a parte exterior (2), são firmados os artesões, assim como os d'aquelles tectos, no entablamento d'elle, convergindo todos ao centro. D'este pende um candelabro.

O corpo da igreja tem uma só nave, e de cada lado dois altares e uma porta. Defende os altares comprida balaustrada de madeira. Cada um d'elles tem retabulos grandes e por baixo d'estes outros mais pequenos. Aquelles representam a resurreição do filho da viuva de Naïm, a conversão da Samaritana, o perdão da Magdalena, e a cura do leproso; estes contém um quadro das almas, a expulsão do paraiso, a coroação de Nossa Senhora, e a tentação da serpente.

Cada uma das portas dá passagem para a porta lateral exterior do templo; e com o recinto entre estas portas communicam as duas principaes sachristias, uma de cada lado do corpo da igreja.

São grandes estas sachristias, e ambas tem luz propria por duas frestas ovaes abertas nas paredes exteriores.

A da esquerda tambem abre para o cruzeiro. Venera-se ahi dentro d'uma caixa envidraçada uma grande imagem de Christo, toda de marfim em cruz e calvario de ebano com marchetados tambem de marfim. Tem a invocação de —Bom Jesus dos navegantes. É de muita estimação e grande valor. Foi mandada da India pelo Viso-Rei D. Diogo de Sousa, conde de Rio-Pardo. Dentro da caixa existem dois vasos de flores artificiaes, e dois mais pequenos com flores de fio d'ouro e prata.

Guardam-se nesta sachristia, alem d'outros ornatos, alguns vasos sagrados de valor e paramentos de estimação,

(1) De elevação 27m.
(2) Pagina 53.

entre os quaes se distinguem dois de sêda, outros de damasco, e uma antiquissima alva com o nome, bordado a sêda, do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Na outra sachristia é conservada em summo recato a antiga imagem do Bom Jesus do monte, imagem que não é de grande merecimento, mas de muita veneração para os habitantes de Braga, os quaes em occasião de preces costumam pedil-a para as igrejas da cidade.

Vê-se ahi um quadro encaixilhado, contendo um excellente ramo de flores de cera antiga.

Venera-se sobre seu altar uma imagem grande de Nossa Senhora das Dores dentro d'uma caixa envidraçada. Tem esta imagem vestido de setim carmesim e manto de setim azul, ambos bordados a ouro. Aos lados da caixa uma redoma de cada lado contém um vaso de louça com ramos de fio de prata.

Acham-se ahi depositadas muitas offertas de cera, entre estas um cirio de grandes dimensões; alguns quadros representando milagres; e um painel do novo templo, inda incompleto, com o seguinte letreiro:

«É dedicada esta memoria aos bemfeitores, e honrados «lavradores das freguezias circumvizinhas d'este Sanctuario, «que com pio e fervoroso zelo tanto se empenharam em «conduzir gratuitamente em seus carros toda a pedra para «a construcção d'este majestoso templo».

A este fervoroso zelo dos povos foi devido o adiantamento do templo, que tendo sido lançada a primeira pedra no 1.º de junho de 1784 estava concluido a 20 de setembro de 1811.

Em ambas as sachristias está numero consideravel de retratos de bemfeitores, a quem as mezas do governo da confraria do Bom Jesus do monte têm julgado dever seu prestar esse tributo de gratidão.

Ha uma outra sachristia detrás do altar-mór, que por ser muito pequena e humida apenas serve para deposito de cera e castiçaes.

O côro, que fica ao fundo do templo, correspondendo com a fachada, é proporcionalmente pequeno, apezar de dois corpos, que já por isso lhe foram acrescentados aos lados. Um d'estes tem orgão.

Todo o templo tem doze tribunas com sacadas de balaustres de cantaria, sendo tres de cada lado do corpo da igreja, e tres de cada lado na capella mór, umas e outras entre pilastras.

Frestões correspondentes ás tribunas, outros sobre as capellas do cruzeiro, ou entremeadas com frestas circulares nas paredes exteriores d'estas capellas, e nos espaços dos artesões do zimborio, e frestas quadradas sobre a cornija nos espaços da abobada entre os artesões do corpo da igreja e da capella-mór, dão a todo o templo luz por toda a parte, talvez em demasia. Todas estas frestas, frestões, janellas e tribunas têm communicação com o interior do templo.

Termina aqui a grande obra dos *escadorios,* da cascata e do templo.

Construida no meio do monte em espaço inteiramente descoberto; sobranceira á matta das primeiras capellas; isolada do arvoredo que encobre as outras obras, esta parte do Sanctuario avista-se por isso de grande distancia, destacando imponente da ondeante verdura, que de todos os lados a fecha e cérca.

Majestosa porém como é, e de variado gosto e sempre ingenhosa construcção, não é menos rica de pensamentos religiosos.

Medita nos mysterios da paixão de Christo; observa a moral do Evangelho; segue o exemplo dos sanctos varões. Estas são as primeiras lições do Christianismo. Doutrinado com ellas, resta ao homem um só degráu para chegar ao templo da Gloria, — ter *fé,* porque Jesus Christo prometteu o paraiso aos que de coração e com os labios cressem e confessassem ser elle o Filho de Deus resuscitado (1): — ter *esperança,* porque a palavra de Christo e a promessa d'uma vida futura são a ancora, que nos sustenta contra os perigos do mundo (2): — ter *caridade,* porque esta faz perfeito o homem. «Ama o proximo por amor de Deus» eis a maior perfeição: com a fé póde o homem esperar e ser justo; mas será perfeito, se tiver caridade (3), que é a columna mystica da Egreja, firmada sobre dois pés, o amor

(1)
(2) Inscripções das estatuas do escadorio das virtudes.
(3)

de Deus e do proximo, tendo por base d'ouro a fé e a esperança (1).

E essa é a estrada, traçada por Deus para o templo da sua Gloria. As portas d'este encontrará patentes quem a percorrer. E essa estrada é indicada ao visitante no monte do Sanctuario. As capellas da vida e paixão de Christo; a fonte das cinco chagas, emblema dos tormentos do Salvador (2); as estatuas e fontes dos sentidos, apontando ao homem a lei do Evangelho, e amostrando-lhe as duas paginas do livro da vida; as tres virtudes, abrindo-lhe o ultimo caminho da salvação, vão-no guiando pouco e pouco a lavar-se nas aguas da purificação, representadas pela cascata, para entrar puro no templo da Gloria, que no alto se eleva, como o termo dos trabalhos, o premio da virtude.

Singular grandeza! Objecto digno de profundas reflexões! Imaginação fertil de quem soube pintar na encosta de elevado monte com as cores do mundo os mysterios da religião, o mundo e a eternidade, guiando d'um modo insinuante o homem por todos os degráus da vida ao templo da Gloria!

(1) Assim se exprimem os PP. da Egreja.

(2) Os PP. da Egreja entendem, no sentido mystico, por Jesus Christo a pedra, e pelas chagas as aberturas d'esta.

PARTE TERCEIRA

Das capellas da crucifixão e do descimento da cruz; avenida e suas capellas; grande alameda; terreiro dos Evangelistas; rua da mãe d'agua; resto do monte

I

Das capellas da crucifixão e descimento da cruz; avenida e suas capellas

As duas escadarias, que sobem do terreiro da cascata, conduzem ás capellas da crucifixão e do descimento da cruz. Cada uma d'estas tem a fórma d'um prisma octagonal sobre largo patim, cobertura em oito aguas que termina em pyramide, dimensões muito maiores que as da primeira parte do monte (1), e como todas as mais capellas portas altas com largas gelosias.

A capella ao cimo da escadaria do sul, ou direita de quem sobe, representa o acto da crucifixão em substituição da antiga capella do mesmo passo (2). Por ora não tem no retabulo a inscripção.

Referem-se a este passo da paixão de Christo as quatro estatuas com suas inscripções, que d'este lado fecham o adro do templo.

A capella fronteira, ao cimo da outra escadaria, representa o acto do descimento da cruz, e tem a inscripção (3):

... DEPONENTES EUM DE LIGNO
ACT. APOST. C. 13 V. 29.

Estão por isso d'este lado as outras quatro estatuas do adro, cujas inscripções se referem ao acto representado na capella.

São expressivas as figuras d'uma e outra; e se não tem grande valor artistico, o conjuncto d'ellas e em ambas a naturalidade das attitudes e a viveza dos passos represen-

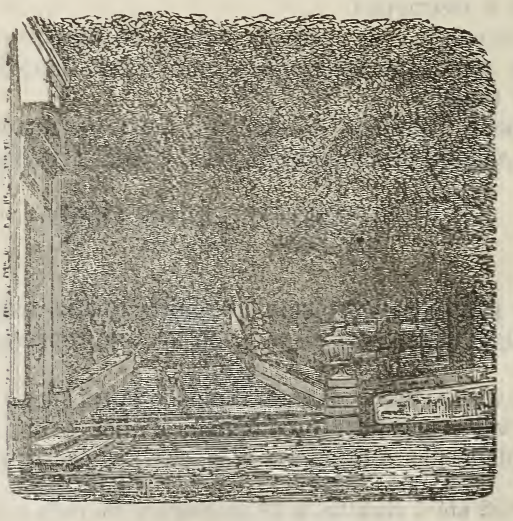
(1) 6m,82 até á cimalha, e 3m de largura em cada lado com excepção dos cunhaes de cada panno.
(2) Pagina 12.
(3) « ... Tirando-o do madeiro». (A. P.)

tados tem algum merecimento. Nas paredes interiores da primeira está desenhado a grandes traços a fresco o panorama de Jerusalem.

Ao lado direito da capella do descimento da cruz acha-se sobre o parapeito uma fonte de risco simples, cuja agua, cahindo sobre bacia, esvae-se para outra, que lhe fica no lado posterior sobre o terreiro de Longuinhos. Para este terreiro descem aos lados da fonte alguns degráus. Não indica a sua architectura allegoria alguma; e não sabemos nem o nome da fonte, nem o nome, risco e allegoria da que deve fazer-se juncto á capella fronteira.

Cada uma das capellas communica por pequena avenida, que se abre em frente (1), com o adro, e a segunda tambem com a formosa alameda, que fica superior aos jardins e terrassos do *escadorio* das virtudes.

Á esquerda da capella do descimento da cruz continúa em direcção de nordeste com suavissimo declive uma avenida ou compridissima rua (2), que por fóra dos parapeitos acompanham alas de majestosas arvores.



(1) De comprimento 20m e de largura 7m.
(2) De comprimento 180m e de largura 6m.

Estão nesta rua as capellas da uncção e da resurreição com suas fontes mythologicas. Estas capellas tem architectura similhante ás anteriores da crucifixão e descimento da cruz.

A primeira, á direita de quem sobe, construida sobre patim cinco degráus acima do pavimento da rua, é sextavada (1), e tem a inscripção (2):

POSUERUNT
EUM IN
MONUMENTO
Act. Apost. c. 13 *v.* 29.

Representa a uncção. Sobresáe entre as suas figuras a de Nossa Senhora, de joelhos sobre o corpo do Senhor. Lagrimas que se vêem borbulhar e entornar-se pelo rosto pallido e macerado; expressão natural e viva de angustia e saudade.

Defronte da capella está a fonte, que é simples. Os emblemas mythologicos, se os teve, desappareceram inteiramente. Não tem por isso signal algum, por onde possa revelar-se a sua allusão. Cremos porém ter sido a fonte de Jano, porque lhe corresponde no reverso outra fonte, talvez de proposito collocada nessa posição para significar aquella divindade mythologica, que os antigos pintavam com duas caras, alludindo aos seus attributos, — conhecimento do passado e previsão do futuro. D'esta segunda fonte sahe a agua por sete castellos, abertos em alto relevo no retabulo, tendo em volta da tarja a inscripção (3), já quasi desfeita:

Rodericus Archiepiscopus Primas Hispaniarum an. 1723.

Segue-se a capella da resurreição, e defronte d'ella a sua fonte, aquella á esquerda, esta á direita de quem

(1) 6^{m} de altura até á cimalha, e 4^{m},62 de largura em cada face. Fica 56^{m} acima da capella do descimento da cruz.

(2) «... o pozeram no sepulchro». (A. P.)

(3) «Rodrigo Arcebispo primás das Hespanhas no anno de 1723».

*

sobe (1). A capella é quadrada (2). Rebenta do pavimento um repucho. A fonte é allegorisada pela figura grosseira d'um homem, de estatura menor que mediana, com o braço direito levantado em acção de arremeçar pesada massa, e a cavallo em uma hydra, que lança agua pela bocca e ouvidos. Termina em cruz. Esta fonte, construida defronte da capella da resurreição, é em nosso ver uma das mais engenhosas allegorias. Á imitação do sentido mystico das fontes das primeiras capellas, symbolisa o mais augusto mysterio da religião christã, — a salvação do genero humano pela resurreição de Christo. Á similhança do Hercules da fabula, que venceu a hydra de Lerna (3), Jesus Christo póde dizer-se o Hercules do Christianismo, esmagando com a sua resurreição o poder do inferno.

Continúa a rua até o terreiro dos Evangelistas (4).

D'um e outro lado d'esta rua, fóra d'ella ou de seus parapeitos, a matta não é fechada, e comquanto povoada de frondosas arvores, que a sombreiam inteiramente, está, como á esquerda e detraz do templo, muito longe do embellezamento de que é susceptivel, e que o zelo da Meza do governo da confraria não descurará por certo. São por ahi outros quarteis de residencia de capellães e de pessoas empregadas em serviço habitual do Sanctuario, — as casas dadas de arrendamento para hospedarias, — e outras que a Meza cede para habitação eventual de visitantes mediante esmola de qualquer valor, sempre bem acceita, para as obras do monte. É tambem ahi do lado esquerdo, logo ao principio da avenida, o terreiro, onde chegavam as antigas, tortuosas e íngremes trepadas, e onde conduz agora, tão suave, a nova estrada de mac-adam, que desde o portico e faldas contorneia o monte (5). Este terreiro é grande; tem a fonte referida dos sete castellos; dá serventia para a avenida, para o templo, matta e casas; e está, ainda que

(1) 69m adiante da capella anterior.
(2) Em quadro 6m.
(3) Um dos doze trabalhos, diz a fabula, a que Juno sujeitára Hercules, foi o de vencer na lagôa de Lerna uma hydra de muitas cabeças, que renasciam á proporção que lh'as cegava.
(4) Acima 35m.
(5) Pagina 2.

mal, terraplanado e assombrado por algumas das gigantescas arvores, de que vão sempre acompanhados os parapeitos da grande avenida. Nelle está a melhor hospedaria do monte, excellente casa construida quasi rez do chão pelo lado do terreiro, e que merece o nome de — *Bella vista*, gravado sobre a entrada em grande taboleta com grossas letras, porque, sobre ser espaçosa, com vastas salas e bons quartos, tem das janellas e varandas do lado posterior, em grande altura sobre o declive do monte, panorama extenso e variadissimo por poente, norte e nascente.

Do outro lado da avenida, subindo em seguida ao terreiro que cérca o templo, foi de ha muitos annos construida uma boa casa, conhecida pelo nome de — *casa da Mesa*, porque serve para as conferencias d'esta e para guarda e conservação de objectos de interesse do Sanctuario. D'uma de suas paredes sahe abundante uma fonte de pura e fresquissima agua. Outras casas continuam em seguida; e ao cimo de todas uma de boa apparencia e maiores dimensões, onde está outra hospedaria.

II

Do terreiro dos Evangelistas e da grande alameda

Sobre o cume do monte, em sitio escondido de todos os lados por frondoso arvoredo, o visitante, que pela vez primeira subir ao monte da Sancta Cruz, mal pensará encontrar alli uma das melhores obras do Sanctuario.

O terreiro dos Evangelistas fica oito degráus acima da grande avenida. É octogonal (1), e tem no centro em patim com quatro degráus um grande e formoso chafariz, que remata em esphera e cruz, de cuja hastea e braços cahem

(1) Em toda a volta 156m.

em chuveiro fios de chrystallina agua sobre uma bacia e d'esta para um tanque, uma e outro circulares. As arvores, que por fóra dos parapeitos cercam o terreiro, alargando suas cimas per sobre elle, formam-lhe toldo em toda a volta.

Estão ahi as tres ultimas capellas, de architectura similhante ás do descimento da cruz e crucifixão, sobre grandes patins, cinco degráus acima do terreiro. Com as capellas intermeiam quatro fontes, cada uma das quaes tem a estatua d'um dos Evangelistas com seus emblemas (1).

A primeira capella, que é á esquerda de quem entra, representa a apparição de Christo a Maria Magdalena, e tem a inscripção (2):

APPARUIT
PRIMO MA-
RIÆ MAG-
DALENÆ.
MARC. c. 16, 9.

A seguinte, fronteira a esta (3), contém o castello de Emauz com a inscripção (4):

COGNOVE-
RUNT EUM
IN FRA-
CTIONE
PANIS.
LUC. 24, 35.

Eram frequentes nas paredes d'estas capellas e em outras paredes os versos, as allusões, as recordações, e os nomes de visitantes, memorias, não raras vezes commentadas pelos que vinham depois, e todas ellas, se não spécimen de decadencia do estro, amostra do máo gosto na escolha do logar e do objecto. A Meza do governo da confraria talvez por isso achou de conveniencia mandar pintar

(1) Pagina 50.
(2) «Appareceu primeiramente a Maria Magdalena». (A. P.)
(3) Cada uma d'estas capellas dista da entrada do terreiro 29m.
(4) «Conheceram a Jesus ao partir do pão». (A. P.)

a negro até meia altura as paredes exteriores d'estas capellas e d'outros logares.

Em meio dos espaços entre a entrada do terreiro e cada uma d'essas capellas estão as fontes de S. Marcos e S. Matheus com as estatuas d'estes Evangelistas, lançando agua, — aquella pela bocca d'um rosto humano, esta pela d'um leão.

Na de S. Marcos lê-se (1):

LIBER GENERATIONIS JESU
CHRISTI FILII DAVID FI-
LII ABRAHAM.
MATTH. C. IV V. I.

E na de S. Marcos (2):

SICUT SCRIPTUM EST
IN ISAIA PROPHETA...
VOX CLAMANTIS IN DESERTO.
MARC. C. I VV. 2, 3.

Existe nesta fonte uma lembrança de gratidão a um dos maiores bemfeitores do Sanctuario, a cujo zelo e riqueza é devida uma grande parte das obras feitas desde o templo. São as seguintes palavras, já quasi sumidas pelo tempo, gravadas na face externa do pedestal da estatua:

ANO DE 1767 SEN-
DO ZELLADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RA-
BELLO DA COSTA.

A ultima capella fica onde faz metade o terreiro (3). Mais alta e espaçosa que todas as outras, de cobertura muito

(1) «Livro da creação de Jesus Christo, filho de David, filho de Abrahão». (A. P.)

(2) «Conforme está escripto no profeta Isaias... voz do que clama no deserto»... (A. P.)

(3) $27^{m},15$ distante de cada uma das outras.

elevada, que remata em pyramide elegante e com sumptuosa fachada, esta capella é a melhor do monte, e digna do seu objecto.

É representada nella a ascensão de Christo, que se eleva em nuvem cercada d'anjos d'entre um formoso grupo, composto das estatuas de Nossa Senhora e dos Apostolos, admiraveis todas pela propriedade e viveza das attitudes.

A inscripção sobre a porta diz (1):

... ASSUMP-
TUS EST
IN COELŨ.
MARC. 16, 19.

Do lado posterior d'esta capella disfructa-se uma perspectiva differente dos outros pontos de vista do monte. Um valle profundo e comprido, que separa o monte do Bom Jesus do outro monte Espinho, abre-se diante dos olhos em grande despenhadeiro. Por elle discorre socegada e em triste murmurio a ribeira Este ou D'Este, que atravessando d'este lado as freguezias de S. Mamede e de S. Pedro d'Este e ao poente do Sanctuario a estrada dos Peões vem passar ao sul de Braga no fim das ruas de S. João da Ponte e dos Pellames. Ao longo d'ella, em todo o valle, e mais ao longe onde póde chegar a vista, alguns casaes alvejando por entre poucos retalhos de verdura, — á direita os pequenos montes de Pedralva, povoados de pinheiros de pouca altura, — um pouco alem para nascente as serras de Carvalho d'Este, Nossa Senhora da Abbadia, S. João do Campo, Soajo e Castro Laboreiro, — e mais adiante sobre o horizonte os negros, calvos e agrestes pincaros das do Gerez, avistando-se por entre as quebradas d'aquellas, e alevantando-se gigantes, coroados de penedias encrespadas e apicadissimas, compõem um painel melancholico, em partes carregado, mas soberbo. A natureza, que pelo extensissimo e variado panorama de norte e poente se ha mostrado tão alegre, perde aqui o seu aspecto risonho.

(1) «... foi assumpto ao céo»... (A. P.)
Já declarámos no prologo que a traducção dos textos da Sagrada Escriptura é do padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Aos lados da capella da Ascensão, no meio da distancia d'esta ás outras do terreiro, estão as fontes de S. João e de S. Lucas. A agua d'aquella sahe pela bocca d'uma aguia, a d'esta pela d'um touro.

A fonte de S. João tem a inscripção (1):

IN PRINCIPIO ERAT VERBUM
ET VERBUM ERAT APUD DE-
UM, ET DEUS ERAT VERBUM.
JOAN. C. I V. I.

Na de S. Lucas lê-se (2):

FUIT IN DIEBUS HERODIS
REGIS JUDÆÆ SACERDOS
QUIDÃ NOMINE ZACHARIAS.
LUC. C. I V. 5.

Aberturas nos parapeitos aos lados das fontes, com degráus de cantaria onde o declive o exige, communicam o terreiro dos Evangelistas com a matta, ora plana e ao nivel d'elle, ora em despenhadeiro, formando melancholicos retiros em uns sitios, e em outros extensas alamedas. Uma d'estas, a maior de todas, principia juncto do terreiro da primeira hospedaria; segue ao lado do resto da avenida; e extende-se ao longo de parte do terreiro dos Evangelistas. É povoada de grandes arvores, e tem vistas variadas de monte e prado. Em uma das extremidades havia ainda ha pouco debaixo de frondoso carvalho duas mezas de cantaria com assentos em volta e sobre o declive do monte. Fôra feliz a lembrança... Muitas vezes, em tempos que já lá vão, e de que nos ficou viva saudade, passámos ahi esquecidas horas em companhia de parentes e amigos; era natural procurar esse retiro apoz a fadiga pelo extenso monte. Em vão o procurámos agora... Tinham substituido a meza e assentos... alguns toscos fornos de cozer pão, e alguns, ainda mais toscos e nimiamente prosaicos, alpen-

(1) «No principio estava o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus». (A. P.)

(2) «Houve em tempo de Herodes, Rei da Judéa, um sacerdote por nome Zacharias». (A. P.)

dres de madeira... por ventura para commodidade dos povos visinhos, que frequentes vezes sobem em romaria ao monte da Sancta Cruz.

Ainda assim ninguem deixe de visitar a grande alameda, e demorar-se largo espaço á borda do declive. O sitio é pittoresco. Assim como em toda a avenida, goza-se ahi o ar fresco de manhã de primavera nos mais ardentes dias do estio; e como fica sobranceira ao valle, que lhe corre na base, disfructa-se dalli a mimosa perspectiva dos ferteis campos e ajardinados prados, que pelas faldas e encostas dos oiteiros se extendem gradualmente até alem da Abbadia e de Sanfins, alcatifados de casaes, por entre os quaes serpeia, occultando-se aqui e tornando a apparecer acolá, a nova estrada, ainda em construcção, para Chaves.

III

Da rua da mãe d'agua; do resto do monte do Sanctuario; e do Monumento do monte Sameiro

Sahindo do terreiro dos Evangelistas pelas aberturas dos parapeitos juncto da fonte de S. Marcos, na direcção de sueste, encontra-se a poucos metros apoz curta trepada uma rua larga (1) e comprida, em parte tapetada de musgo e folhas. Esta rua conduz em matta de copado arvoredo a um tosco reservatorio d'agua, que lhe fica ao fim com assentos egualmente toscos e meza de cantaria; extende-se ao longo do muro da cêrca do Sanctuario, e em curta distancia d'elle é acompanhada d'um aqueducto descoberto, que principia juncto do reservatorio (2).

É um sitio ameno o da mãe d'agua. O piso, muitas vezes

(1) De largura cêrca de 5m.

(2) Depois de composta esta folha constou-nos que a Meza do governo da confraria mandára demolir o aqueducto, e que a mãe d'agua teria egual sorte. Surprehendeu-nos esta noticia, porque, sem a minima idêa de censura, parecia-nos que o dinheiro empregado nestas e noutras obras de pedra e cal fôra mais proveitosamente empregado em aproveitar a matta nos melhoramentos que indicamos.

sobre folhas; o aqueducto em parapeito grosseiro e despido d'arte, mas em muitas partes coberto de heras e musgo; a agua sussurrando; e o sombrio do arvoredo, cujos ramos, tocando-se brandamente, fazem um som soidoso, lembram as encantadas ruas do Bussaco, e produzem como estas doce melancholia.

.....

Ao longo das primeiras capellas até o *escadorio* a matta sobe em declive aspero, e sempre desegual. Em volta da grande alameda e do terreiro dos Evangelistas descáe em despenhadeiro, apenas cortado por tortuosos e ingremes carreiros para as proximas povoações. Mas ao lado da rua da mãe d'agua tem espaçosa cumeada, donde, entremeada de terras de sementeira, hortas e algumas oliveiras, desce para o templo, e para os *escadorios*. Uma estrada em zigue-zagues, larga e bastante extensa, corta esta parte da matta, começando á mãe d'agua, e terminando na formosa alameda, contigua aos jardins e terrassos do *escadorio* das virtudes.

Alem da estrada de mac-adam, que do portico sobe para o terreiro das hospedarias, aquell'outra estrada é no resto da cêrca do Sanctuario o unico melhoramento d'esta natureza. Ninguem conhece a matta desde o portico ao longo das primeiras capellas; poucos apreciam a riqueza da formosa alameda ao lado da grande avenida; alguem de maravilha terá descido os carreiros, que descahem do terreiro dos Evangelistas; e só depois da estrada aberta na alta cumeada pôde afoitar-se o visitante a percorrer esta parte da cêrca. Tão desaproveitado está o monte, e tão rude o accesso aos pontos menos difficeis! E todavia acham-se escondidos por toda a matta logares encantadores... sitios pittorescos... retiros amenos... bosques fechados... penhascos de proporções gigantescas... grutas em meio d'estes... por toda a parte innumeras bellezas naturaes, que fôra facil aproveitar com engenho e arte, e que o zelo da Meza da confraria ha de aproveitar em futuros melhoramentos. Fôra mister, primeiro que tudo, evitar o corte de madeiras e ramagens, — infelizmente muito frequente onde chega a avidez dos logarejos vizinhos, e onde não póde chegar a vigilancia dos empregados da confraria. Devêra adoptar-se

um systema geral e constante de plantação, cobrindo de arvores frondosas não só as grandes clareiras da matta, mas as terras de semeadura e os infezados olivaes, que por entre ella ainda se encontram a dar testemunho de ignorancia e máo gosto das gerações passadas. E apoz tudo isto deve distribuir-se a matta em ruas estreitas e tortuosas; aproveitar em fontes rusticas as abundantes nascentes, que andam extraviadas; levantar mirantes sobre os grandes penedos; formar *challets* e casas de recreio no interior da matta e sobre os despenhadeiros, donde possam gozar-se os variados e deslumbrantes panoramas; — auxiliar a natureza, que tão próvida é nestes sitios, e que infelizmente está tão esquecida e desprezada (1). A par do sentimento religioso, que respiram todas as grandes obras actuaes, e sem desviar do destino principal d'este monumento, póde o monte da Sancta Cruz converter-se, quando bem aproveitado, no mais aprazivel e poetico retiro. Tem o Bussaco para modelo; e sem ir mais longe, o formoso jardim da proxima casa do sr. Torres e Almeida, da qual já em outro logar démos passageira noticia (2), é em miniatura, e circumscripto a pequenissimo circulo, o que póde ser em vasta extensão e grandes proporções o monte do Sanctuario do Bom Jesus.

. . . . . .

. . . . . .

Não faz parte do Sanctuario, mas não deve deixar de ser visitado, o monumento, que principia de erigir-se na cumeada do monte Sameiro em memoria da definição do dogma da Conceição Immaculada de Nossa Senhora.

O monte Sameiro segue-se para sueste ao do Bom Jesus. Uma commissão, que devotamente tomou a seu cargo este encargo, difficil pela falta de recursos, mas por isso mais

(1) O sr. conselheiro Ayres de Sá Nogueira, cuja variada instrucção ninguem desconhece, e que no vasto campo da arboricultura, e em tantos outros serviços de interesse publico, tem sido um dos homens mais distinctos, passando alguns dias comnosco em agosto ultimo no Bom Jesus do monte, aventou a idêa d'um grande emprestimo para auxiliar naquelle empenho a Meza do governo da confraria. Fôra feliz idêa, que a Meza deve aproveitar.

(2) Pagina 2.

honroso, mandou abrir para alli uma estrada, que já vai em adiantada construcção, e que, prendendo na que sobe do portico do Sanctuario (1), costeia a matta d'este ao longo do terreiro dos Evangelistas, e dahi ha de seguir pela cumeada do monte. Para visitar o monumento é preciso por ora atravessar o muro da cêrca juncto da mãe d'agua, e caminhar cêrca de tres kilometros em leito desegual, pouco trilhado, e por vezes ingreme.

Principiou a construir-se o monumento em 1863 á custa de donativos e esmolas. Foi lançada a primeira pedra em 14 de junho, collocada a imagem da Virgem em 12 de agosto de 1869, e benzida em 29 do mesmo mez. Fórma um grande quadrado, que tem em cada um dos lados uma *escada composta* á similhança dos *escadorios* do Sanctuario do Bom Jesus, dirigindo-se todos os lanços a um vasto terrasso, no centro do qual está collocada a imagem sobre alto pedestal.

É de boas proporções esta imagem; a sua attitude é natural, distincta a expressão, e bom o desempenho d'arte (1).

Proximo do monumento estão lançados os alicerces d'um templo: e as obras d'um e do outro progridem apenas entretidas, como a da estrada, por alguns donativos e pela caridade e devoção do povo.

Ainda que estejam longe do seu termo, já o monumento é constante objecto da veneração do povo de Braga e cercanias, e estimulo perenne de piedosas peregrinações. Mas a romaria principal é no anniversario do dia em que foi benzida a imagem, — 29 de agosto, fazendo-se a festividade religiosa, á falta de templo proprio, no do Bom Jesus, donde sahe devota procissão em visita ao monte Sameiro.

O monumento commemorativo da Immaculada Conceição de Nossa Senhora é uma recordação do mais notavel acontecimento religioso do seculo actual; um testemunho respeitoso, indelevel, venerando, da fé e piedade do povo portuguez, e de devoção pela Padroeira do Reino.

.....

(1) Pagina 2.
(2) Foi feita na officina do sr. Amatucci do Porto.

É concorrido em todas as epochas do anno o monte do Bom Jesus. Na quadra, que de ha muito atravessamos, de dissenções politicas, alegra-se o coração por encontrar alli em convivencia affectuosa os que nos campos da politica fizeram inimigos opiniões differentes e crenças oppostas. Mas não é isso de admirar. Podem na maioria dos habitantes de Braga, especialmente na sua classe fina, mais que paixões partidarias ou interesses particulares, o bom nome da sua terra, o respeito reciproco de concidadãos, e o obsequio leal para com extranhos. Pensando assim, não nos cega a gratidão, comquanto muito grande seja, por finezas feitas a alguns de nossos mais proximos parentes e a nós mesmos. Mas se alguem nos alcunhar de lisongeiros... vá a Braga, estude o coração de seus habitantes, pague-lhes franqueza com franqueza, e diga-nos depois se de maravilha não é encontrar por outras partes o que tão vulgar é, e tão natural, na maioria d'elles.

Entre as romarias das cercanias de Braga, e principalmente do monte do Bom Jesus, sobresáe a romaria annual no triduo da Paschoa de Pentecoste (Espirito Sancto). Tivemos occasião de assistir ha annos, entre outras, a uma d'estas, da qual por isso damos mais individuada noticia.

As capellas estavam todas abertas, e apenas defendidas com pequena grade de madeira; tinham por fóra cortinas de damasco e as figuras adornadas de flores, ramos e velas. Ranchos de romeiros, fazendo desde o portico a *via-sacra,* subiam d'umas para outras capellas, orando em meia voz, e quando chegados ao patim ajoelhavam, lia um dos romeiros a respectiva estação da *Via-sacra* (1), e terminavam a visita, cantando ou rezando em voz alta algumas orações. Os *escadorios* offereciam aspecto differente, que produzia outras sensações. Não era já a doce melancholia nem o recolhimento religioso tão natural na primeira parte do monte. Os *escadorios* offereciam risonha e variada perspectiva. As estatuas estavam enfeitadas de cintas e corôas de flores; e numero immenso de romeiros subia e descia em folgança e grita alegre. A grande avenida estava coberta de tendas ao longo dos parapeitos. Esta, o adro, os terreiros das casas

(1) Vej. pagina 11.

e hospedarias, o dos Evangelistas, a grande alameda, a mesma rua da mãe d'agua, e algumas partes da matta,— tudo estava mais ou menos povoado. Comquanto alguns ranchos continuassem, como pela primeira parte do monte, a via-sacra das capellas da avenida e terreiro dos Evangelistas, não era egual a devoção á da visita das primeiras capellas. Com estes ranchos cruzavam-se outros, cantando e dançando, e os homens com suas clarinetas, violas, cavaquinhos e rebecas (os quatro instrumentos favoritos nestas reuniões de provincia) acompanhavam as cantigas campestres das animadas minhotas. Toda esta parte mais alta do monte não parecia um sitio consagrado aos louvores do Altissimo. Aquelles canticos ao som dos rudes e desafinados instrumentos substituiam as vozes de penitencia e de amor de Deus. Era um arraial cheio de vida, de alegria, de danças, de folguedo. Dura tres dias a romaria; e comquanto os ranchos da cidade recolham á noute, continuando por largo espaço as folias do dia no *campo* da Senhora a Branca, não deixa por isso de ficar povoado o monte do Sanctuario, porque os romeiros de mais longe, que não cabem nas hospedarias e casas do monte, ficam pela matta, descançando por ahi ao relento (porque felizmente Deus dá a roupa conforme o frio) as poucas horas, que lhes sobram da noite até o raiar do dia, em que de novo começam as visitas das capellas, as orações, as festas religiosas, e entremeadas com estas as cantigas campestres, as danças e folguedos do dia anterior.

A policia do arraial era feita, como de costume em quasi todas as grandes reuniões de egual natureza, pelos cabos de policia das povoações proximas. Com tal arreganho de policia, em meio de povo immenso, a quem não faltavam immensos meios de excitação, seja dicto em honra do bom povo do Minho, o socego fôra completo. Os mantenedores da ordem publica não tiveram occasião de fazer alarde do seu espirito marcial, nem felizmente as suas armas caçadeiras de mostrar a fina tempera. Louvor a Deus que succedesse assim, porque a julgar pela respeitabilidade d'aquellas caras, onde o espirito da paz era desenhado a largos traços, amaldiçoariam certamente cargo e honra, se a patria afflicta lhes pedisse o sacrificio do seu sangue.

Louvado Deus, — que se não fôra a sancta paz, de que vinham possuidos todos os romeiros, haveria razão de dizer-se mais uma vez que... uma boa retirada vale tanto como uma grande victoria...

No *campo* da Senhora a Branca o arraial dos romeiros da cidade era imponente. Numero consideravel de tendas alastrava o terreiro. A fachada da capella estava illuminada por multiplices luzes de variadas côres. Os arcos triumphaes; as arvores de luz; os postes altissimos, adornados de bandeiras que desfraldavam ao vento, communicando d'uns para outros flammulas e galhardetes, davam á praça aspecto deslumbrante. Depois, e como forçado remate, o fogo preso e do ar. Foi demorado e brilhante este; os innumeros foguetes de lagrimas e valverdes, os balões de côres, deixando apoz de si luminoso rasto de estrellas, e grinaldas enormes de multiplices côres illuminavam por largo espaço, como clarão electrico, aquelle *campo* e todo o de S. Anna. Terminára o fogo por uma girandola de centos de foguetes de lagrimas, que fizeram um formosissimo ramalhete, matizado de variegadas côres de maravilhoso effeito.

A festividade de igreja é celebrada com toda a solemnidade e grandeza pela fórma seguinte, que transcrevemos dos Estatutos da confraria.

«Na Paschoa de Pentecoste de cada um anno celebrar-se-ha neste nosso Sanctuario com a maior e mais pomposa solemnidade possivel a festa principal d'esta nossa confraria, e do mesmo Sanctuario, o que os mesarios e principalmente o juiz executarão do seguinte modo.

«No sabbado, vespera da festividade do Espirito Sancto, cantar-se-ha no altar mór a missa solemne da exposição, e no fim d'ella será o Sanctissimo Sacramento conduzido em procissão á sua capella, na qual ficará exposto e patente por todo o dia.

«No Domingo de Pentecoste, logo que o clero estiver juncto, expor-se-ha na sua capella o mesmo Sanctissimo Sacramento, e depois da sua exposição cantar-se-ha no altar mór a missa da mesma, ficando o Sanctissimo Sacramento patente no seu throno até á tarde, na qual a horas convenientes se cantarão na referida capella mór solemnissimas vesperas, e no fim d'estas ir-se-ha em procissão á capella

do Sanctissimo, e ahi se encerrará, cantando os hymnos e preces competentes.

«Segunda-feira, que é a primeira oitava, expor-se-ha logo de manhã o Sanctissimo Sacramento, e no fim da sua exposição cantar-se-ha a missa solemne no altar da capella mór, tudo na fórma do dia antecedente.

«De tarde haverá sermão, no qual se publicarão as eleições dos novos mordomos das capellas; e no fim d'este far-se-ha a procissão solemne com o Sanctissimo Sacramento em volta da egreja, ou por aquelles arruamentos contiguos, que bem parecer á Meza, comtanto que não haja indecencias, nem se exponha o Sacramento a profanações; e recolhendo-se á capella mór ahi ficará exposto sobre o seu altar; e immediatamente se lhe cantará um solemne *Te-Deum* em acção de graças; e dada a costumada benção ao povo, será conduzido em procissão á sua capella, e ahi recluso no sacrario».

. . . . . .

. . . . . .

Temos concluido a parte descriptiva do Sanctuario do Bom Jesus do monte. Narrar com exactidão todas as bellezas d'este monumento religioso não fôra possivel; nem podéra exprimil-as a lingua, nem descrevel-as a penna.

Oxalá que este nosso humilde trabalho, preito de admiração e de religioso acatamento, tivera a fortuna de despertar desejos de verificar a verdade. Fôra então beneficio para o Sanctuario, que sustentam apenas a Providencia Divina e a piedade dos fieis; e a nós caber-nos-hia quinhão no seu credito, porque os povos, que de longe viessem vel-o, exclamariam como a rainha de Sabá, quando presenciou as maravilhas de Salomão:

... Major est.... opera tua quam rumor, quem audivi ... (1).

(1) «São maiores as tuas obras do que a fama que temos ouvido». (A. P.) (Reis cap. x v. 7.)

PARTE QUARTA

Instituição e progresso do Sanctuario;
graças espirituaes;
fundos e administração da confraria.

I

Instituição e progresso do Sanctuario

O Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles diz na sua — *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* ser tradição que no anno de 1474 edificára o Arcebispo D. Jorge da Costa no monte Espinho uma ermida com a invocação da Sancta Cruz, onde os povos íam em romaria no dia 3 de maio por ser este o da sua invenção. Foi edificada essa capella onde é hoje o novo *escadorio*.

Em 1522 o Deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, reedificou-a e ampliou-a, e mandou abrir em uma das paredes lateraes a legenda, que se vê hoje em uma das paredes d'este *escadorio* (1)

Desamparada, e quasi esquecida após um seculo pelas ruinas, a que a reduziram o tempo e a pouca vigilancia dos successores de D. João, conseguiram alguns devotos reparal-a á sua custa e com esmolas, restituindo-a ao antigo estado de devoção; collocaram nella uma imagem de Christo com a invocação de Bom Jesus do monte; e erigiram confraria em 1629.

Muito curaram os primeiros confrades da conservação da ermida, e grandes obras premeditaram de fazer ahi, que por sua fama attrahissem os povos de longe.

Para supprir a tão grandes despesas, para as quaes não tinham rendimentos proprios, elevaram *bailos* e passos da S. Escriptura por occasião das festividades do SS. Sacramento. Com o producto d'estes e com esmolas paramentaram a ermida, fizeram alguns quarteis e casas, algumas

(1) Pagina 36.

capellas da vida e paixão de Christo e a da resurreição, differentes das actuaes, e o antigo *escadorio* com os seus mirantes de verdura; e nomearam um ermitão.

Em 1608 e 1610 o Deão Francisco Pereira da Silva pretendeu apropriar-se dos direitos e benesses da confraria com o fundamento de pertencer-lhe a inspecção e administração da capella, como successor de D. João da Guarda, e pelo direito de apresentação, como abbade da freguezia de Sancta Eulalia de Tunões, annexa á sua dignidade. E porque os confrades se temeram da riqueza e poderio do Deão, ficou este de posse da ermida, até que em 1720, renovada a demanda contra elle, o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, dispensando nos estatutos da confraria, devolveu a si por decreto seu de 7 de junho de 1722 a eleição da Meza, e nomeou-se a si para juiz, e para mezarios alguns conegos e outras pessoas de sua confiança.

Terminou então a contenda, e o Deão assignou perante a Meza em 30 de junho d'esse anno, em seu nome e no de seus successores, termo de composição amigavel, pelo qual desistia de quaesquer direitos, que podesse ter nas capellas, casas, devezas, ou outras propriedades sitas no monte da Sancta Cruz, dentro ou fóra da cêrca, ainda que fossem pertença da referida freguezia e seus passaes, tudo a troco d'um modico fôro para si e para o vigario d'esta, e reservando a escolha do ermitão d'entre tres nomes, que para esse logar a Meza lhe apresentasse. Este termo, julgado por sentença a 4 de agosto do mesmo anno, foi confirmado pela Sancta Sé a 4 de setembro de 1724.

D'este modo ficou a confraria no gozo pacifico de seus direitos até 1759. Mas pretendendo neste tempo o vigario de Sancta Eulalia assumir toda a inspecção sobre celebração de missas e escolha de capellães e de quaesquer outros sacerdotes e acolytos, como dependencia de seus direitos parochiaes, foi tambem decidida em favor da confraria esta nova questão por sentença do tribunal da legacia, que a considerou unica padroeira do Bom Jesus do monte sem dependencia da freguezia.

Apezar d'estas difficuldades continuaram as obras, começadas desde 1722 sob a direcção d'aquelle Prelado.

São d'esta epocha, — a estrada anterior de Braga desde

o sitio dos *peões,* que sendo má veiu substituir outra muito peior, ingreme e quasi intransitavel por causa das aguas das serras e oiteiros proximos; — a fonte, ainda ha poucos annos existente, no muro da *bouça* da Sancta Cruz, por vezes reformada, e actualmente uma das que dizemos em outro logar (1); — as rampas actuaes, ainda ingremes, mas relativamente superiores aos anteriores carreiros; — o portico, novas capellas em logar das primeiras, a fonte dos castellos onde é hoje a das cinco chagas, o muro da cêrca, a compra e demarcação de devezas para alargamento d'esta, — o primeiro templo no sitio da actual *cascata,* e outras obras, hoje reformadas, entre as quaes sobresaíam as seguintes.

D'um terreiro irregular, que se seguia ao antigo *escadorio,* subiam dois lanços, cada um de quinze degráus, para um patim quadrangular com parapeitos e assentos. Fôra ahi o logar da primeira ermida; e no pavimento do patim estava a lapide da sepultura do primeiro ermitão (2).

Seguia-se uma gruta com a imagem de Maria Magdalena no meio d'um côro de anjos, um dos quaes tinha pendente da mão o letreiro (3):

VENI SPONSA CHRISTI, ACCIPE CORONAM.

Dentro da gruta havia uma fonte.

Ao lado direito estava sobre elevado penedo a estatua de Moysés na acção de feril-o, e com a inscripção na peanha (4):

PERCUSSIENS VIRGA BIS SILICEM,
EGRESSAE SUNT AQUAE LARGISSIMAE.
NUM. 20, 11.

Viam-se em redor do penedo outras estatuas na attitude de tomar da agua.

(1) Pagina 2.
(2) Pagina 35.
(3) «Vem, esposa de Christo, recebe a corôa». (A. P.)
(4) «Ferindo duas vezes com a vara a pederneira, sahiram d'ella aguas copiosissimas». (A. P.)

De cada lado da gruta, contorneando-a, subiam sete degraus em caracol para o adro do templo.

Este era redondo (1); e o adro circumdava-o. Em volta d'elle, em varanda rendada superior á cimalha, algumas estatuas d'anjos tinham nas mãos os instrumentos da paixão. Sobre a porta principal, que rematavam as armas archiepiscopaes, havia a seguinte inscripção (2):

> CRUCIFIXO DOMINO SACRATUM HOC TEMPLUM POSTERITATI COMMENDAT ET ANIMAM SUAM ILLUSTRISSIMUS DOMINUS RODERICUS A MOURA TELLES, ARCHIEPISCOPUS BRACHARENSIS, HISPANIARUM PRIMAS, ANNO DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI MILLESIMO SEPTINGENTESIMO ET VIGESIMO QUINTO.

Tinha sobre o altar-mór calvario como o do templo actual, detraz d'elle uma pequena sachristia, e nas paredes lateraes os altares de Sancto Antonio e S. Rodrigo.

Á direita do templo erguia-se uma rocha com a torre. Sobre esta rocha, hoje quasi soterrada, está a estatua de Longuinhos. Entre ella e o penedo de Moysés subia em meia volta uma escada de cantaria para a *casa da torre* (3).

Do lado opposto havia casas de romeiros em um terreiro, que tinha no centro um chafariz, chamado — *das lagrimas,* rematando com esphera armilar, da qual se esparzia a agua sobre grande bacia, e d'esta para um tanque. Julgamos ser este chafariz o que está actualmente no terreiro dos Evangelistas (4).

Algumas d'estas obras conservaram-se largo espaço; a refórma não se fez seguidamente. Em 1842, que pela primeira vez visitámos o Bom Jesus do monte, estava já con-

(1) 59m em circumferencia.

(2) «O muito illustre senhor D. Rodrigo de Moura e Telles, arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas, encommenda este templo, consagrado ao Senhor crucificado, e tambem a sua alma á posteridade no anno de N. S. Jesus Christo de 1725».

(3) Pagina 37.

(4) Pagina 69 e 70.

struido o novo *escadorio* em vez do antigo templo, e todavia ainda existia a gruta da Magdalena, a escada entre os dois penedos, e alguns restos das anteriores obras.

A vida do Arcebispo D. Rodrigo foi curta para as esperanças do Sanctuario. Falleceu a 4 de setembro de 1728, e jaz na capella de S. Geraldo da cathedral (1).

D. Gaspar de Bragança, um dos successores de D. Rodrigo na mitra archiepiscopal, succedeu-lhe tambem no zelo pelo engrandecimento do Sanctuario. Um dos seus mais importantes actos foi a concessão á confraria por provisão do 1.º de janeiro de 1765 para ter sacrario no templo, consignando a mesa dotação conveniente para conservação do culto. Concorreu tambem muito para a edificação do novo templo durante os cinco annos, que lhe restaram de vida. Falleceu a 18 de janeiro de 1789, e jaz na capella mór da cathedral na mesma sepultura do arcebispo D. José.

Entre os bemfeitores, que no tempo e depois de D. Gaspar mais contribuiram para a edificação do novo templo, foram Pedro José da Silva e Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Aquelle collocou-lhe a ultima pedra, e além d'outros beneficios alcançou pela regia resolução de 27 de janeiro de 1806 a provisão para a cêrca. Este dirigiu, como engenheiro architecto, toda a obra. O seu nome é conhecido no paiz, e respeitado em Braga. Foram tambem obra sua, entre outras de menor valia, — no monte do Bom Jesus o *escadorio* das virtudes e a capella do descimento da cruz, da qual foi tirado modelo para todas as que se fizeram depois, — em Braga o convento do Populo e o hospital de S. Marcos, — em Amarante a ponte sobre o rio, — no Porto o templo da SS. Trindade, a egreja das almas ás Taipas, o edificio da Academia, e a antiga ponte de barcas sobre o Douro, — e na praça de Valença a reparação das fortificações. Umas d'estas obras foram concluidas em sua vida; para outras deixou risco e modelos. De todas ellas porém foi o templo do Bom Jesus a corôa de sua gloria, e a que lhe mereceu maior dedicação. Concebeu-a e delineou-a antes de ser engenheiro; presidiu a todos os trabalhos até ser encarregado pelo governo da Regencia da cadeira de desenho em Lisboa;

(1) Veja-se nesta mesma obra a — Noticia ou roteiro de Braga.

continuou a dirigil-a de Lisboa, como a dirigira do Porto, de Valença, de toda a parte, onde o chamára o serviço publico, prestando sempre gratuitamente seus cuidados, trabalhos, riscos, desenhos e instrucções. Faleceu no Porto em janeiro de 1815, e jaz na egreja da SS. Trindade. A confraria do Bom Jesus conferiu á sua memoria o unico premio, de que podia dispor, — preito humilde mas valioso, collocando na sacristia dos bemfeitores o seu retrato na acção de traçar o risco do templo.

Existem ainda em Braga descendentes seus, os quaes conservam importantes documentos para sua biographia, e uma preciosa collecção de seus desenhos.

Os tempos de devoção e interesse religioso dos instituidores ainda não passaram. As mezas, que se têm seguido, succederam tambem nas virtudes e ardente zelo dos insignes Prelados e bemfeitores, que as precederam.

II

Graças espirituaes concedidas ao Sanctuario, e suas principaes festividades

Se a fama do Bom Jesus do monte tem voado ao longe pelas grandiosas obras, com que a mão do homem converteu escabrosa montanha em ameno retiro, torna-se ainda maior e mais duradoura a sua grandeza pelas graças espirituaes, que o céu derrama sobre elle por mão dos Summos Pontifices.

Obra toda do mundo, simples passeio de recreação, fôra o Sanctuario, se lhe faltára a benção do céu, que o torna retiro de devoção e penitencia, onde o homem vai buscar a expiação dos crimes do mundo no derramamento das graças divinas.

Coube ao Prelado D. Gaspar a gloria de completar as grandezas do Sanctuario, alcançando de Clemente XIV tres

breves de graças, indulgencias e privilegios, que foram concedidos a 20 de julho de 1773.

O primeiro, que principia — *In iis, per quae animarum Christi fidelium salus procuratur,* concede 1.º por vinte annos, e em cada anno, um plenissimo jubileu aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus, e nelle orarem pela concordia entre os principes christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Sancta Madre Egreja: 2.º pelo mesmo tempo, e por cada vez, aos que, ainda sem confissão, visitarem as capellas da paixão e resurreição, as indulgencias, remissão de peccados e relaxação de penitencias, que têm os que visitam as estações da *via crucis* em Jerusalem; 3.º aos confessores approvados, designados pelo Arcebispo para confessar neste jubileu, os poderes para absolver no fôro da consciencia de quaesquer peccados, censuras, penas ecclesiasticas, e casos reservados, á excepção dos de heresia, simonia, duello, violação da clausura de convento de freiras, e de recursos aos juizes leigos contra a fórma dos sagrados canones, e para commutar os votos simplices em outra obra pia, regulada a seu prudente arbitrio, não obstante quaesquer constituições apostolicas e concilios.

O segundo — *Ad augendam fidelium religionem et animarum salutem* concede para sempre indulgencia plenaria e remissão dos peccados aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus, e nelle orarem pela concordia entre os principes christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Sancta Madre Egreja nos dias da Invenção da Sancta Cruz, Ascensão do Senhor, domingos de ramos, da resurreição e pentescostes de cada anno desde as primeiras vesperas até o sol posto.

O terceiro — *Sacra interdum loca* concede perpetuamente ao templo do Bom Jesus um altar privilegiado, que for designado pelo Ordinario, no qual os sacerdotes, celebrando missa por alguma alma, possam applicar-lhe a indulgencia, e conseguil-a por modo de suffragio.

Graças tão grandes como estas não podiam deixar de despertar fervorosa devoção no povo do Minho, naturalmente religioso. Em especial a confraria do Bom Jesus, auxiliada pelo mesmo Arcebispo, tractou de espalhar por longe a

fama do Sanctuario, publicando-as, para que soassem como uma trombeta, segundo diz o Psalmista (1), chamando os povos a vir adorar a cruz de Christo; e cuidou de demonstrar publicamente o seu regosijo por procissão ou passo sagrado, que representasse o jubileu em figuras allegoricas.

Não tiveram comtudo logar nessa epocha os festejos, porque a execução dos breves foi prohibida pela mesa censoria com o fundamento de que *tinham sido extorquidos em nome do Arcebispo sem preceder consentimento seu; que a publicação, feita pela Meza, fôra clandestina, concebida em termos indiscretos e imprudentes, e com o fim de convocar os povos para d'elles tirar interesses pecuniarios e sordidos; que deixava preterida em silencio a bulla da cruzada, pela qual até eram suspensas as indulgencias maiores concedidas ás corporações ecclesiasticas seculares e regulares d'este reino; e que até fazia objecto de reserva e confissão os recursos ao juizo da coróa no mesmo espirito da bulla da céa.*

Este acontecimento diminuiu, como era natural, o concurso de romeiros; e fez cessar as disposições religiosas, já começadas para lucrar aquelles dons do céu.

Mas não desanimaram os confrades na piedosa tarefa; e supplicando a renovação das graças lograram alcançal-as de Pio VI por tres breves, dados em 18 de março de 1778, os quaes são repetição dos primeiros sem se referirem a elles. Tiveram então logar a procissão e festejos, projectados por occasião dos primeiros (2).

Além d'estas são do mesmo Pontifice as seguintes graças.

Em 20 de junho de 1778 concedeu, sem expedição de breve, indulgencia plenaria e perpetua aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus desde as vesperas até o sol posto dos dias da exaltação da Sancta Cruz, Natividade, Conceição, Annunciação, Purificação e Assumpção de Nossa Senhora em cada anno, e em todas as sextas feiras da quaresma.

No 1.º de julho do mesmo anno permittiu que fossem

(1) Psalm. XVIII v. 5. Levit. c. XXV v. 9.

(2) Existe no cartorio da confraria a noticia do jubileu e o edital da mesa censoria, que prohibindo a execução dos breves mandou recolher todos os exemplares d'esta noticia.

applicadas por modo de suffragio pelas almas do purgatorio as indulgencias concedidas no decurso de cada anno ao templo do Bom Jesus, cumprindo-se o theor dos respectivos breves e indultos.

No mesmo dia e a 13 de maio de 1780 conferiu poder a uns capellães do Sanctuario para benzer certo numero de veronicas, ou cruzes, ou crucifixos, e corôas de contas, e applicar-lhes a indulgencia plenaria para artigo de morte.

Em 18 do mesmo mez e a 22 de agosto fez perpetuas as indulgencias concedidas por vinte annos no seu primeiro breve.

No mesmo dia 22 de agosto concedeu perpetuamente aos habitantes de Braga, que por impedidos não podérem visitar o templo do Bom Jesus, alcançar as indulgencias, cumprindo em casa ou em alguma egreja da cidade as obras pias, em que o confessor lhes commutar esta visita.

A 4 de setembro transferiu para outro qualquer altar, que pelo Arcebispo fosse designado, o privilegio concedido em geral a um altar pelo terceiro breve, e commettido pelo Arcebispo ao altar de S. Rodrigo no templo antigo. Foi designado para este fim o altar mór do templo.

Em 21 de agosto de 1782 privilegiou perpetuamente os altares de qualquer egreja ou capella pública, em que se celebrarem missas pelos confrades defunctos, para que lhes aproveite este suffragio em cada uma d'ellas.

Em 9 de novembro permittiu aos confrades, impedidos de fazer a visita do templo do Bom Jesus, alcançar as mesmas indulgencias por meio d'alguma obra pia.

O Arcebispo D. Fr. Miguel da Madre de Deus concedeu por portaria de 26 de março de 1822 cincoenta dias de indulgencia aos devotos, que rezarem um padre nosso e uma ave maria diante da estampa do Senhor Bom Jesus do monte, rogando a Deus pela exaltação da sancta fé catholica, e pelas necessidades espirituaes e temporaes da egreja e do estado.

Finalmente os Summos Pontifices Pio VI e Pio IX concederam as indulgencias constantes das bullas, que se acham gravadas de teor na frontaria do templo, e que ficam transcriptas a paginas

As principaes festividades religiosas do Sanctuario são:

paschoa de pentecostes; domingo de ramos; ascensão do Senhor; as quatro primeiras domingas de quaresma; domingo de paschoa da resurreição; quinta feira de *Corpus Christi;* dias de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Thiago, da Natividade e Assumpção de Nossa Senhora; dia de todos os Sanctos; os da invenção da Sancta Cruz e do seu triumpho.

Nos primeiros tempos foi a invenção da Sancta Cruz a principal festividade do Sanctuario por ter tido esta invocação a primeira ermida, e fazerem ahi romaria nesse dia os povos das cercanias.

Hoje a principal festividade é no triduo da paschoa de pentecostes, e celebra-se nos termos, em outra parte transcriptos, dos estatutos da confraria (1).

Fundos e administração da confraria

Os fundos da confraria constam d'alguns poucos bens de raiz, capital a juro, joias de entrada dos confrades, legados e esmolas.

Os bens de raiz comprehendem só o monte do Sanctuario. Uma parte d'este é limitado por grandes marcos, em que se lêem as iniciaes B. J. (Bom Jesus), tendo pelo nascente 536^{m}, pelo norte 917^{m}, pelo poente 124^{m}, e pelo sul 983^{m}, como consta do atombamento, feito por virtude da regia resolução de 27 de janeiro de 1806, pela qual foi concedida á confraria essa porção do monte para usufruil-a, plantar arvoredo, e resguardar as nascentes d'agua. Esta é a *cêrca* do Sanctuario, murada desde por traz do castello de Emauz ao longo da rua da mãe d'agua até perto da antiga capella da crucifixão (2). E dentro d'esta demarcação formam os seus passaes apenas algumas poucas terras de sementeira, e a *bouça verde,* pequeno terreno de fóra da cêrca ao norte d'aquella capella. Todo o mais terreno é baldio e inculto por ser quasi todo pedregoso. Apezar d'isso prohibio

(1) Paginas 80 e 81.
(2) Pagina 12.

a mesma resolução regia que seja aforada a particulares, evitando assim que sob pretexto de melhoramentos de agricultura fossem cortadas arvores, ou diminuida a belleza natural do monte.

O capital a juro e joias de entrada e de legados chegou a somma consideravel. Uma parte porém d'elle foi consumida nas obras do novo templo, na compra de devezas para se arredondar a demarcação, e na reedificação das casas arruinadas na invasão franceza. Os estatutos da confraria providenceiam em bem da possivel reposição d'este desfalque, e para accrescentamento do capital.

Entre os fundos avultam os que recebe da piedade e devoção. Desde as primeiras obras, e principalmente depois da instituição da confraria, numero consideravel de bemfeitores e de visitantes levam-lhe diariamente suas offerendas, e não raras vezes donativos avultados em dinheiro, alfaias, e materiaes de toda a especie. Entre estes é muito grande o dos lavradores dos povos visinhos, que desde a edificação do novo templo ficaram no costume de fazer conduzir em seus carros e á sua custa a pedra necessaria para as obras do Sanctuario nos dias designados pelo respectivo vedor.

Os principaes e mais importantes beneficios e donativos, assim como os legados e encargos impostos nelles, constam dos termos das Mezas do governo da confraria, e documentos archivados no cartorio d'esta.

A confraria é governada por estatutos. Os ultimos datam de 1821. Não nos consta, pelo menos, da existencia d'outros. Por elles está dividida a administração em tres poderes, — a Meza do governo, a Juncta de deputados, e a da confraria.

A Meza é eleita annualmente pela Juncta da confraria, e compõe-se dos seguintes treze membros, cada um dos quaes tem differente encargo: — o juiz da confraria, e na sua falta um presidente da Meza, — o cartorario, — o secretario, — o ministro do culto divino, — os vereadores da fazenda e das obras, — os thesoureiros da confraria, e dos legados do Arcebispo D. Rodrigo e de José Pereira Ferraz, — os zeladores das esmolas, das estampas e das medidas do braço da imagem do Bom Jesus, — o procurador da confraria, — e os mordomos do templo e das capellas.

Para serem obrigatorias as deliberações tomadas em mesa devem estar presentes sete vogaes, pelo menos, e nove em certos casos.

A Juncta de deputados compõe-se da Meza e mais quatro vogaes dos que serviram no anno anterior, eleitos por esta em escrutinio secreto, logo que toma posse. As suas deliberações devem ser tomadas por treze vogaes pelo menos; e para supprir o logar dos que faltarem podem ser chamados até tres dos que já tiverem servido em Meza.

A Juncta, representante da confraria, compõe-se de vinte e cinco vogaes, em que entram os treze mezarios, sendo por esta eleitos os restantes.

Tem tambem o Sanctuario tres capellães fixos, um sachristão e um ermitão.

Como e quando é eleito cada um d'aquelles poderes; suas atribuições geraes, e segundo a gravidade das circumstancias as especiaes de cada vogal; e as dos capellães, sachristão e ermitão, acham-se extensamente determinadas nos estatutos da confraria.

APPENDICE

ÁS

MEMORIAS DO BOM JESUS

DO MONTE

ROTEIRO

OU

ABREVIADA NOTICIA

DE

BRAGA

Perde-se na noite dos tempos a origem da fundação de Braga. Nesta incerteza está o mais valioso titulo da sua antiguidade.

Não entra em nosso proposito, visto ser o fim principal d'esta obra a descripção e historia do *Sanctuario* do *Bom Jesus do Monte*, o narrar as phases por que passou esta cidade desde tempos tão remotos. Quem melhor quizer estudal-a na origem do seu nome, e conhecel-a em toda a sua comprida historia durante a dominação dos romanos, dos suevos e dos mouros, e nos tempos do senhorio de seus arcebispos, encontrará curiosas memorias na — *Corographia Portugueza* pelo padre Antonio Carvalho da Costa no tomo I, — no *Diccionario geographico das cidades, villas, aldeias e logares de Portugal e Algarve* pelo padre Luiz Cardoso, artigo Braga, — na *Geographia historica dos Estados soberanos da Europa* pelo padre D. Luiz Caetano de Lima tomo II, — na *Serie chronologica dos Arcebispos de Braga*, publicada anonyma pelo padre José Correia, — na *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* por D. Rodrigo da Cunha, — no tomo I das obras do Cardeal Sa-

raiva, D. Francisco de S. Luiz, reimpressas em 1872, — e na obra em hespanhol *Flores de España Excellencias de Portugal* por Antonio de Sousa de Macedo (Lisboa, 1631).

Na mesma *Serie dos Arcebispos* é exposta a parte, que teve cada um d'estes na reedificação e aformoseamento da cidade. E a respeito das reliquias archeologicas, encontradas na cidade e districto administrativo de Braga, contém valiosas noticias o — *Programma das conferencias familiares na sociedade democratica recreativa de Braga sobre monumentos archeologicos em geral, e a architectura christã das nossas provincias boreaes em particular,* pelo professor do lyceu de Braga Pereira Caldas, — e na *Viagem dos Imperadores do Brazil a Portugal em* 1872 (Coimbra, Imprensa da Universidade) alguns appontamentos subministrados pelo mesmo professor, e incluidos na obra a paginas 135-159.

Do que era Braga em 1594 com todos os seus antigos arruamentos, *campos* ou praças, e edificios mais notaveis dá idêa a *planta* desenhada por Gaspar Alvares Machado, e gravada em cobre nessa epocha. D'esta planta curiosa, e hoje muito rara, consta-nos haver um só exemplar em Braga em mão d'aquelle digno professor e distincto archeologo.

Dedicando algumas linhas á antiga cidade de S. Geraldo, como em roteiro que possa servir de luz ao visitante, limitamos-nos, porque mais não cabe em nosso intento, a uma simples lembrança do que é em nossos dias esta, por todos, nacionaes e extrangeiros, justamente decantada, Cintra das provincias do norte de Portugal.

Compõe-se Braga de praças espaçosas, e de boas ruas no centro da cidade: outras compridissimas irradiam d'esse centro em differentes direcções. Medeiam entre estas muitos quintaes, jardins e varzeas, que fertilizam abundantes correntes dos montes e oiteiros proximos. Das praças ainda hoje algumas têm o nome de *campos.*

A cidade é plana no centro; e pequeno declive tem algumas das ruas que d'ahi discorrem. É singela a architectura da maior parte de seus predios; apenas alguns edificios, publicos ou particulares, antigos e modernos, destacam d'esta geral simplicidade. Sobram comtudo estes para

darem á capital do Minho o nome, que bem lhe quadra, de formosa e ridente cidade.

Uma parte dos predios conserva ainda vidraças suspensas de dobradiças, e alguns tambem rotulas ou gelozias de madeira, — restos do antigo viver arabico, velhas usanças que os tempos e os novos costumes combatem, e pouco e pouco vão destruindo.

Offerece comtudo Braga dois aspectos differentes, — a nova e a velha cidade. Quem de passagem visita Braga, não sahe do centro, e não chega a conhecer as velhas travessas (congostas como alli lhe chamam), o genio, a industria, e os povoadores d'estas. São dois paizes limitrophes, differentes no physico, e inteiramente diversos no moral. Se desejar levar de Braga boas impressões, o viajante não deve passar d'aquella para esta parte da cidade. — Alli ruas mais ou menos espaçosas; muitas praças, formosas algumas; jardins particulares e passeios publicos; estabelecimentos de negocio, embora nem todos luxuosos, mas em consideravel numero, abundantemente e variadamente abastecidos; gente fina; uma população alegre e tractavel. — Aqui os vetustos bairros e as velhas *congostas;* ruas estreitissimas, e calçadas em largas pedras, deseguaes, e pela maior parte gastas do tempo; encrusilhadas, por onde entre innumeras casas negras e paredes carcomidas de derrocados predios alvejam poucos edificios menos antigos; muita gente de grosso tracto e trabalho rude, e muita outra de vida policiada. É a civilisação, mais ou menos adiantada, a par da barbarie: é a vida da renascença a par da vida mediéva. Viajante desconhecido, que em noite sombria e a horas mortas se aventurar neste labyrintho, arrisca-se, apezar das patrulhas, a não encontrar fio de salvação. «Nunca por aqui passo a deshoras sem levar a mão no revolver» dizia-nos um amigo, que sempre nos fazia a fineza de acompanhar-nos ao hotel. Todavia exaggerado receio!... o medo é mau conselheiro!... e nem os registros policiaes nem as estatisticas criminaes accusam razão para tão grande desfavor. Talvez esta carencia de factos, de que o nosso amigo se arreceia, seja devida á policia que é activa, e ás frequentes patrulhas, que percorrem constantemente todas as noites estes bairros.

Consta-nos no emtanto que a Camara municipal tem o louvavel projecto de transformar estes bairros, alastrando algumas das velhas vielas, como já fizera ás fronteiras da porta principal da cathedral, e abrindo ruas largas em communicação com o centro civilisado da cidade.

Os principaes *campos*, largos, praças, e ruas de Braga tem os seguintes nomes.

Campos, largos e praças

1.º Á entrada da cidade pelo poente, na estrada do Porto, — o pequeno largo de S. Pedro de Maximinos, juncto ao templo d'esta freguezia. — *Entrada da cidade*, diz tambem, como em outras avenidas, o letreiro do largo, — singular previdencia da Camara municipal, para que ao visitante não reste duvida do terreno que pisa! . . .

2.º A praça da alegria, a que bem quadra o nome, e que fôra chamada anteriormente *campo* das hortas pelas bellas hortas e quintas contiguas. — Tem alto cruzeiro; é rodeada de arvores; e corre-lhe ao lado a estrada para a proxima estação do caminho de ferro do Minho. Aformozeam-na alguns bons predios, sendo o principal d'elles o da familia Cunha Reis, onde ha quadros de subido valor em galeria digna de visitar-se, que seus donos cavalheiramente franqueiam, assim como os jardins contiguos á casa.

3.º Dentro da *porta nova*, ao lado da rua nova do Sousa, o pequeno largo da praça. — É a *porta nova* um formoso arco de cantaria, que remata uma estatua representando Braga. Pendem d'elle as quinas portuguezas, sobrepujadas pelo chapéo archiepiscopal, distinctivo do antigo senhorio dos arcebispos. Na parte interior tem uma imagem de muita devoção para os vizinhos da rua, com a invocação de Nossa Senhora da Nazareth. E é assim chamado *porta nova*, porque no arcebispado de D. Gaspar de Bragança substituiu uma das antigas portas da cidade, juncto da qual era costume fazer-se a cerimonia da entrega das chaves da cidade ao monarcha em occasião de visita sua.

4.º No local mais central da cidade, entre a rua nova

do Sousa e a praça de D. Luiz I, — a formosa praça municipal, chamada anteriormente *campo* dos touros. É ensombrada por frondosas arvores, tendo na extremidade inferior os paços do concelho, edificio majestoso, e na outra a parte posterior do paço archiepiscopal, que não era menos majestoso edificio, mas que foi quasi inteiramente destruida por incendio na noite de 15 de abril de 1866.

5.° O pequeno largo da galeria do paço, situado em frente e entre os lados salientes da principal fachada do paço archiepiscopal ao fundo da rua do Souto, tendo no centro um formoso chafariz.

6.° No fim das ruas seguidas do Sousa e do Souto — o largo do Barão de S. Martinho, chamado antigamente — da porta do Souto, pelo arco antigo, ha pouco tempo demolido.

7.° Ao cimo da rua dos capellistas, que d'antes era chamada da fonte da Carcova, e em frente do templo da ordem Terceira, — o largo de S. Francisco, no qual está hoje encorporado o antigo largo do Ourado.

8.° Inteira este pelo norte o da Senhora da Lapa.

9.° O largo dos penedos, que separa a rua dos chãos da de S. Vicente, e a do carvalhal da de Sancto André.

10.° A praça de D. Luiz I, chamada antigamente *campo* da vinha, muito extensa, mal terraplanada, e ainda não arborisada.

11.° Parallela com a anterior — a praça do novo mercado, ainda em construcção, e longe dos aformoseamentos que merece, e de que é susceptivel. Começa de povoar-se de casas: e para norte offerece d'uma cortina de parapeitos um variado e extenso panorama, sobranceiro ao rio Cávado.

12.° Em continuação ao mesmo *campo* da vinha ou praça de D. Luiz I — o largo de Sancto Agostinho.

13.° Voltando á praça da alegria, ou *campo* das hortas, e subindo d'este em suavissimo declive, — o *campo* de S. Miguel o anjo com a capella da mesma invocação. Esta vai ser demolida para alargamento e aformoseamento da espaçosa rua, que está em construcção em toda a largura da principal fachada da cathedral.

14.° Em seguimento do passeio publico das carvalheiras — o *campo* ou largo de S. Sebastião das carvalheiras com a capella da sua invocação.

15.º Entre as ruas do Alcaide e do Anjo — o *campo* de S. Thiago, tão desprezado como o *campo* da vinha, sem arvores, sem calçada, e quasi a monte, com um grande e feio chafariz no centro.

16.º Communicando com o *campo* de S. Thiago por vetusto arco — o pequeno largo de S. Paulo ou do collegio, assim chamado do antigo collegio dos Jesuitas, onde está hoje o das religiosas Ursulinas.

17.º Entre as ruas do Anjo e de S. Marcos — o *campo* dos remedios, onde ha tres notaveis edificios, — o convento de religiosas da ordem capucha de Nossa Senhora da Piedade, o hospital civil de S. Marcos e o templo da Sancta Cruz com seus pertences.

18.º Para nascente da cidade — o extenso e formoso *campo* de Sanct'Anna, hoje dividido em passeio publico e alameda, e um dos mais amplos e pittorescos das nossas povoações principaes.

19.º Parallela com o *campo* de Sanct'Anna, e communicando com elle pela pequena rua de S. Gonçalo — a praça nova, chamada tambem *campo* do reducto, e mais conhecida pelo nome de *campo* novo, — nome que apezar de velho ainda conserva. É quadrangular, e tão regular como a praça municipal, ou *campo* dos Touros. Tem fonte com umas poucas d'arvores. A cada um dos seus cantos desemboca uma rua — as de S. Gonçalo, de Sancto André, de Guadalupe, e da Oliveira. Uma singular physionomia apresentava até agora esta praça: todas as casas eram construidas pelo mesmo risco. O máu gosto do proprietario d'uma d'ellas quebrou ultimamente esta monotonia, reconstruindo d'outra fórma o seu predio.

20.º O pequeno largo de Sancta Thereza, em frente do convento de religiosas da ordem de carmelitas descalças. Separa a rua da Oliveira da travessa de S. Vicente. Quasi póde dizer-se continuação d'uma e da outra.

21.º Em continuação da alameda do *campo* de Sanct' Anna, apenas d'esta separado por alto cruzeiro, — o pequeno *campo* de Nossa Senhora a Branca ou das Neves. Começa d'ahi a comprida rua e subsequente estrada de mac-adam para o Sanctuario do Bom Jesus do monte.

Ruas principaes no centro da cidade

A rua nova do Sousa e a rua do Souto, seguidas desde o arco da porta nova até o largo do Barão de S. Martinho. Estas ruas atravessam o coração da cidade, sempre acompanhadas de bons predios, e tendo no centro, onde se distinguem, o largo da galeria com a principal fachada e entrada do paço archiepiscopal.

Parallela com a rua do Souto, e communicada com ella pelas estreitas ruas de Jano e de Nossa Senhora do Leite, — a rua de S. João, a que deu o nome o templo contiguo d'esta invocação.

As ruas, seguidas, de S. Marcos e do Anjo, separadas apenas pelo *campo* dos remedios, principiando a primeira no largo do Barão de S. Martinho, e desembocando a segunda no *campo* de S. Thiago.

Seguidamente entre este *campo* e o de S. Sebastião das carvalheiras — a rua do Alcaide.

Em frente da principal fachada e entrada da cathedral — a rua da Sé, que sendo até agora uma das muitas vielas dos velhos bairros da antiga cidade promette converter-se em espaçoso terreiro, porque foram expropriados e demolidos para esse fim desde o portico do templo até o *campo* de S. Miguel os muitos predios, que deturpavam e obstruiam o local, e escondiam a majestosa fachada do templo.

A rua dos Biscainhos, que da praça da alegria ou *campo* das hortas sobe em suavissimo declive para o largo de Sancto Agostinho, e d'ahi para a praça de D. Luiz I ou antigo *campo* da vinha. Foi esta rua assim chamada d'uns obreiros da Biscaia, que, se a tradição não mente, d'alli vieram trabalhar na reedificação da cathedral, e morando nesse local lhe deixaram o nome.

Ao cimo da praça de D. Luiz I, entre esta e os largos de S. Francisco e da Senhora da Lapa, — a rua dos capellistas, chamada anteriormente da fonte da Carcova.

Atravessando do largo de S. Francisco para o do Barão de S. Martinho e rua do Souto, — a rua do castello, defrontando em toda a extenção com a cadeia.

Em frente do extincto convento dos religiosos do Carmo, communicando com a mesma praça de D. Luiz I, — a pequena rua do Carmo, chamada antigamente do chiqueiro.

As ruas seguidas do Carvalhal, de Sancto André e de Guadalupe, desde a praça do novo mercado até á escadaria que sobe para o oiteiro de Sancta Margarida, onde está assente a capella de Nossa Senhora de Guadalupe, atravessando, onde termina a segunda e principia a terceira, a praça nova ou *campo* do reducto.

As duas ruas seguidas dos chãos de cima e chãos de baixo, junctas hoje debaixo do mesmo nome de policia — rua dos chãos, entre os largos da Lapa e dos Penedos.

Em seguida a este largo — a rua de S. Vicente, que termina no templo d'esta invocação.

Parallela com esta rua, começando ao convento do Carmo pela actual *congosta* da Escoura, e terminando na mesma egreja de S. Vicente, está em projecto uma outra rua com o nome de — rua do conselheiro Januario, do nome do actual Visconde de S. Januario, governador civil que foi em Braga por occasião da exposição agricola de 1863. Os estudos graphicos estão feitos; mas oppõem-se á abertura da rua conveniencias e interesses locaes com o intuito de substituil-a por outra, que saindo da praça do novo mercado termine egualmente no mesmo templo de S. Vicente.

As ruas seguidas de Sancto Antonio e da Misericordia, antigamente rua dos gatos, que atravessando ao cimo da praça municipal dão communicação da praça de D. Luiz I para a rua nova do Sousa.

A pequena rua de S. Gonçalo, que da alameda do *campo* de Sanct'Anna conduz para a praça nova ou *campo* do reducto.

A rua da Oliveira e seguidamente a travessa de S. Vicente, entre a mesma praça nova e o templo d'esta invocação, medeando entre ambas o pequeno largo de Sancta Thereza.

A rua do Raio, assim chamada do nome do fallecido Visconde de S. Lazaro, Miguel José Raio, que a expensas suas a fez abrir em frente do seu palacete da rua dos Granginhos, communicando este predio e o proximo *campo* dos remedios com as ruas das aguas e da ponte.

Com a abertura d'esta rua fechou-se a antiga *congosta* da palmatoria, onde existiam, — e ainda existem em um dos muros da cêrca do convento das religiosas d'aquelle *campo*, duas lapidas romanas, cuja explicação, feita pelo distincto archeologo o sr. Pereira Caldas, foi publicada com os desenhos respectivos no periodico litterario — *Artes e letras* n.º 9 da serie 3.ª, e reproduzida sem os desenhos em o n.º 48 do semanario de Braga — *O Brado Liberal*. É precioso esse trabalho, como tudo o que sahe da esclarecida penna d'este escriptor.

As duas estreitas, pequenas e tortuosas ruas de Jano e de Nossa Senhora do Leite, que ligam as do Souto e de S. João. A primeira d'estas ruas chamava-se antigamente — de *Jannes*. A segunda é a velha rua ou travessa de — *Ussias* ou *Adussias* (1). Dá-lhe o nome actual uma imagem da Virgem, pintada alli na parede, e muito venerada, como tantas outras, pelos vizinhos da localidade.

A rua de S. Sebastião, que do largo do mesmo nome desce em algum declive para as ruas seguidas da cruz de pedra e de S. Pedro de Maximinos.

A pequena rua de S. Miguel o Anjo, entre o *campo* do mesmo nome e a rua da cruz de pedra.

E as duas ruas lateraes, por norte e sul, do *campo* de Sanct'Anna, as quaes antes da formação do passeio publico e alameda tinham os impropriissimos nomes de *caes* de cima e de baixo, e não tem hoje nome algum de policia, conservando os do local a que pertencem.

Muitas outras ruas contém a cidade no seu centro, por exemplo as do Coelho, dos Granginhos, de D. Gualdim, do Poço, dos Sapateiros, a rua verde, a do couto do arvoredo, a de Sancta Maria ou do Poço, das quaes por serem de menor nomeada e menos importantes deixamos de fazer particular indicação. Perdem-se em bom numero nas encruzilhadas e travessas dos velhos bairros.

Na de D. Gualdim diz a tradição ter existido a casa dos Templarios, da qual fôra feito grão-mestre no seu regresso da Palestina o nosso D. Gualdim Paes, — o fundador, com

(1) Vejam-se a respeito da etymologia d'esta palavra o *Elucidario* de Viterbo, e os *Diccionarios* de Moraes e Constancio.

D. Arnaldo da Rocha, da ordem dos Templarios em Portugal. Só por essa circumstancia tem alguma nomeada esta rua, e modernamente porque está ahi estabelecida a associação catholica bracarense.

Ruas lateraes, que irradiam do centro

Para poente da cidade — as ruas seguidas de S. Pedro de Maximinos e da cruz de pedra, que principiando na praça da alegria ou antigo *campo* das hortas terminam no largo e templo da freguezia de S. Pedro, e prendem á entrada da cidade com a estrada do Porto por Villa Nova de Famalicão. Formam uma das compridissimas pernas da cidade.

Para sul — as ruas tambem seguidas de S. Geraldo e dos Pellames, que descem do *campo* de S. Thiago, formando outra compridissima perna. Passa-lhes ao fundo o ribeiro d'Este, o *Aliste* dos romanos, com uma pequena ponte de pedra, um pouco acima da qual existe a capella do antigo morgado de Torneiros com a invocação de Sancta Justa, administrada por duas confrarias. Não têm em si coisa alguma de notavel nem a capella nem a ponte; e o sitio é melancholico e campestre. Têm todavia estas duas ruas com o local da ponte, e as estreitissimas azinhagas proximas ao rio, uma pagina de sangue na historia das nossas dissenções politicas; porque foram theatro de scenas sanguinolentas, ahi feridas entre homens — embora divididos em crenças oppostas — todos portuguezes. E se a imparcialidade do historiador não fica offendida, quando allude com favor a factos heroicos d'um dos campos combatentes, seja-nos permittido, sem o minimo desfavor pelos vencidos, recordar o arrojo assombroso, e ainda hoje exaltado entre os homens que restam d'então, com que o commandante das forças do governo metteu por aquellas estreitissimas passagens debaixo de vivo fogo toda a sua brigada de cavallaria, apparecendo com ella onde prudencia humana não podéra esperal-a, e carregando á sua frente, com espanto de amigos e inimigos, as trincheiras levantadas e tenaz-

mente defendidas em differentes pontos d'estas ruas. Sobre o que se seguiu a essa memoravel carga... seja imparcial a historia!...

Para o mesmo lado, mas bastante distante d'aquellas — a grande perna formada pelas ruas das aguas e da ponte, que sahem do largo do Barão de S. Martinho, e terminam no mesmo ribeiro d'Este. Sobre este ainda ha a antiga ponte, que deu o nome á ultima das duas ruas, e ao lado da qual, a pequena distancia, foi construida uma outra de maiores proporções, que dá começo á nova estrada de Guimarães. Ao lado d'ambas e d'esta estrada existe ainda, melhorada e acompanhada de pequeno jardim e bom arvoredo, a capella de S. João. É pittoresco o sitio, e de muita frequencia principalmente nas tardes do estio.

No alto d'um monte fronteiro, atraz do Picoto que a nova estrada costeia, está edificada, dominando vasto horizonte, a capella de Sancta Maria Magdalena. Tem este monte o nome de serra da Falperra, e a capella fica a pequena distancia do extincto convento da ordem dos Missionarios Apostolicos, mais conhecidos pelo nome de Varatojanos, da sua casa do Varatojo, — a primeira que d'esta ordem foi instituida em Portugal em 1679 pelo Veneravel Fr. Antonio das Chagas, Franciscano da Provincia Seraphica dos Algarves, sendo os seus Estatutos approvados em 3 de novembro d'esse anno pelo Summo Pontifice Innocencio XI.

Para norte — a rua de Enfias, que principia no templo de S. Vicente. Na estrada, que se segue a esta rua, encontram-se a uma legua de distancia os rios *Cávado* e *Homem*, apenas separados por pequeno tracto de terreno, e que logo abaixo se reunem, desembocando este naquelle no sitio chamado o *vau do Bico*. Sobre cada um d'elles, quasi formando um só corpo, — porque do mesmo modo que os rios separa-as apenas aquelle terreno, estão construidas de cantaria as duas pontes *da Palmeira* ou *do Bico*, extensas, solidas, e de fórma elegante. Passam por ser neste genero as primeiras não só de Portugal, mas da Peninsula. Foram principiadas em 1863, sendo lançada a primeira pedra em 17 de agosto. É formosissimo o sitio, e offerece variado panorama, — triste e melancholico da parte de cima das pontes, risonho e ameno da parte de baixo, onde se ex-

tende á beira dos rios verdejante arvoredo de fertilissimas quintas.

Não deve esquecer este passeio ao visitante de Braga, seguindo dahi pela estrada da Torre e Soutello; voltando pela antiga ponte de cantaria, que no sitio do Prado, a uma legua abaixo das do *Bico,* atravessa o mesmo rio *Cávado;* e recolhendo a Braga pela estrada de Prado, que é continuação d'uma das pernas da cidade, e notavel pela grande população fabril ahi agglomerada em uma legua de extensão, quasi exclusivamente empregada no fabrico de prego e de pão trigo.

Para nordeste — a rua da boa vista, que sahe, como a rua central dos Biscainhos, do largo de Sancto Agostinho, e era antigamente chamada das conegas ou conega do povo, nome d'um convento de religiosas Agostinhas, ahi fundado em 1140 pelo Arcebispo D. João Peculiar. D'este convento não restam vestigios. A rua prende com a estrada do Prado; mas toda a communicação que se fazia por ella faz-se ha annos pela estrada, que sahindo de Braga para o Prado segue dahi, alem d'outras direcções, para Ponte do Lima e Vianna do Castello.

Finalmente para nascente — a rua de D. Pedro v, chamada antigamente das casas novas, que principia no *campo* da Senhora a Branca, e ainda hoje contém muitas e importantes officinas dos antigos chapéos de Braga. Prende com ella a estrada do Sanctuario do Bom Jesus do monte.

Templos

Os templos mais notaveis, alem das egrejas dos conventos, são os seguintes.

A cathedral — o de S. João do Souto — o de S. José de S. Lazaro — o de S. Pedro de Maximinos — o de S. Thiago da cividade — e o de S. Victor ou S. Victouro (1), — todos estes de freguezias da cidade; e os da Sancta Cruz — de S. Vicente — e da Misericordia, junctо e communicado com

(1) *Corographia* citada tratado II, cap. I.

a cathedral; — a capella de S. Antonio Esquecido, mais conhecida hoje pelo nome de capella do Senhor Morto, contigua ao templo de S. João; — e as de S. João da ponte — de S. Miguel o Anjo — de Nossa Senhora da Conceição — da Senhora de Guadelupe — da Senhora a Branca ou das Neves — e a de S. Sebastião.

O templo de S. João do Souto, situado ao fim da rua de S. João, fazia parte antigamente do velho castello da cidade. O arcebispo D. Diogo de Sousa reconstruiu-o em 1512 no local em que presentemente está. Do nome do templo veio o da rua, e do nome da rua proxima, com a qual está ligada a de S. João pela de Jano, o de S. João *do Souto*.

O templo de S. Victor pertenceu a um mosteiro da ordem de S. Bento, fundado em 565 por S. Martinho de Dume. Foi re-edificado e sagrado pelo arcebispo D. Paio Mendes em tempos de D. Affonso Henriques; e fez-lhe consideraveis melhoramentos em 1686 o arcebispo D. Luiz de Sousa.

Como fosse demasiadamente extensa a freguezia, desmembrou-a o arcebispo D. José de Bragança, creando em 1747 com parte d'ella a de S. José, — do seu nome, e dando-lhe para Matriz a egreja ou ermida de S. Lazaro na rua das aguas. D'aqui vem chamar-se a freguezia de S. José de S. Lazaro.

São dignas de especial visita a igreja de Sancta Cruz no *campo* dos remedios pela belleza e lavor da sua fachada, e a capella de Nossa Senhora da Conceição. Aquella foi construida em 1625 pela Irmandade erecta em 1581. Diz a tradição ser devida a instituição d'esta Irmandade á devoção de Jeronymo Portilho, mestre de meninos, que tinha por costume orar com elles juncto d'uma cruz alçada no local da actual igreja. A capella de Nossa Senhora da Conceição serve de capella mór ao templo de S. João. É quadrangular, em fórma de torre, com architectura gotica florida e finos rendilhados, em muitas partes já destruidos ou substituidos á feição moderna.

A collina da capella de Nossa Senhora de Guadelupe, chamada antigamente de Sancta Margarida, situada *a cavalleiro* da cidade, e para a qual sobe das ruas seguidas do Carvalhal, Sancto André e Guadelupe uma comprida e tosca escadaria, dominando da sua eminencia a cidade, o Sanctuario do Bom Jesus, e as varzeas dos arredores com for-

moso panorama em volta, não merecêra o desprezo, a que parece terem-na votado, umas apoz outras, as Camaras do Concelho de Braga. Assim a vimos pela primeira vez em 1842; assim a encontrámos, abandonada e pobre, todas as vezes que visitámos Braga até outubro ultimo de 1875. E todavia a capella com o passeio, que a rodeia, é obra de bom gosto, e o sitio um dos mais pittorescos de Braga e suas cercanias, que não tem rival senão no mirante rural da proxima casa do Reverendo Abbade de S. Lazaro, chamado a cruz do Abbade.

A capella de Nossa Senhora das Neves é principalmente conhecida pelo nome de *Senhora a Branca*. Fundou-a, quando recolheu de Roma, o arcebispo D. Diogo de Sousa em recordação do templo de *Sancta Maria ad nives*, alli consagrado a Nossa Senhora das Neves, cuja imagem fôra encontrada entre a neve no monte Esquilino, e que por isso ficou assim chamada. Outros attribuem o nome á alvura das suas roupagens. Tem capellania exercida por cinco capellães. A invocação da capella deu o nome ao *campo*.

Sobresahe porém a todos os templos, egrejas e capellas a cathedral.

Não consta de monumentos ou vestigios alguns a epocha precisa da sua fundação, nem o tempo da sua primeira sagração. Como não houvesse d'esta documento algum, — comquanto fosse provavel que tivesse existido, o arcebispo D. Agostinho de Jesus suppriu essa possivel falta, mandando proceder á solemnidade da sagração em 21 d'agosto de 1592.

Da sua fundação parece-nos poder affirmar-se com probabilidade, se não com segurança, que este mesmo templo ou outro no mesmo local deve ser coevo da epocha do dominio dos romanos, porque entre outros vestigios de menor vulto de sua antiguidade appareceu nos alicerces da egreja uma lapida com a seguinte inscripção (1):

CONDITUM . SUB....
IMP. CÆZARIS .....
PATRIS . PATRIAE...

(1) Veja-se *Corographia* citada, e — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga* pelo padre Jeronymo Contador de Argote, tomo I (Lisboa MDVV.XXXII).

Quer dizer em latim:

«Conditum sub imperio Caesaris, Patris Patriae...»

Em portuguez:

«Esta obra foi edificada, sendo imperador Cesar, pae da patria...»

A lapida não está inteira; e tal como foi encontrada acha-se embutida em uma das paredes lateraes da egreja. A inscripção é de letras maiusculas dos tempos dos primeiros Cesares, e refere-se, como todas as inscripções assim começadas, a um *Fulgur*, logar aberto consagrado ao raio, que os romanos deificavam.

Uma outra inscripção, embutida na parede posterior da capella de S. Geraldo, diz o seguinte (1):

ISIDI AUG. SACRUM
LUCRETIA FIDA SACERD. PER. P.
ROM. ET AUG.
CONVENTUS BRACAR. AUG. D.

Quer dizer em latim:

«Isidi Augustae sacrum Lucretia fida sacerdos perpetua Romae et Augusti conventus Bracaraugustanorum dedicavit».

Em portuguez:

«A chancellaria dos Bracarenses dedicou este templo á deosa Isis, sendo Lucrecia Fida sacerdotisa perpetua de Roma e de Augusto».

Eram os conventos juridicos romanos chancellarias, a que recorriam as partes de vinte e quatro povos, comarcas ou concelhos (2).

Além d'estes indicios, que o archeologo não póde desprezar, não é de menor importancia para o estudo da antiguidade da cathedral um lagiado em pedra de esquadria, encontrado agora por occasião das actuaes obras de demolição em frente da porta principal na profundidade de cêrca de um metro, o qual se extende ao longo da proxima travessa ao lado direito da fachada, e juncto aos ali-

(1) (2) Veja-se *Corographia* citada, e — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga* pelo padre D. Jeronymo contador de Argote, tomo I (Lisboa, M.DVV.XXXII).

cerces do edificio continha sepulturas e restos de ossadas humanas.

A architectura da cathedral não tem feição alguma saliente, que possa dar-nos luz neste labyrintho. Tão variada é ella, e tão grande a mistura e amalgama dos mais differentes estylos architectonicos e d'estes com as deturpações, que lhes fizeram innovações e reparações de epochas diversas. «Trechos de architectura gotica, diz o *Guia do viajante* «*de Braga* ha pouco publicado (1), misturados com lança- «mentos de architectura romana; alli uma ogiva, acolá «uma porta manuelina; adiante o rendilhado leve e ele- «gante; mais além um panno de muro nú, frio e pesado... «o ouro... proximo do tijolo caiado, a talha riquissima ao «lado do emmadeiramento ordinario...»

O templo é inferior em vastidão e majestade ao que fôra de esperar da sua nomeada e da honra de Primaz das Hespanhas. Principalmente a capella mór, comquanto por vezes acrescentada e reformada por differentes arcebispos, é pequenissima em comparação e proporção com o templo.

Contém esta alguns relevos e paineis de merecimento. Entre aquelles sobresáe no frontal primitivo o apostolado em pedra calcarea fina, — obra artistica de summo valor, que não tem rival senão em um outro frontal, esculpturado em madeira em uma das capellas lateraes, representando a religião triumphante. Acham-se tambem na capella mór os mausuleos do Conde D. Henrique e da Rainha D. Tareja, que foram transladados da capella de Nossa Senhora do Liberamento, e servem hoje de credencias.

No cruzeiro é digna de especial menção a capella do Sanctissimo Sacramento pela sua riqueza e pela devoção que naturalmente infunde. Foi fundada no seculo XVI pelo mesmo arcebispo que sagrára o templo, dotando-a com sufficientes rendas para o esplendor do culto.

No corpo da egreja não podem escapar ao apreciador a imagem do Senhor da Agonia, imagem de boa esculptura e grande veneração; a pia baptismal em figuras allegoricas; um antiquissimo portal com figuras em relevo; e em differentes logares alguns tumulos de prelados da egreja bracha-

(1) Porto — Imprensa Popular rua do Bom Jardim (1875.)

rense, e um em bronze do Infante D. Affonso, filho 2.º do Senhor Rei D. João I, fallecido em Braga aos dez annos de edade em 1400. Veio de Bolonha este mausoleu, offerecido para conter os restos mortaes do fallecido irmão pela Infante D. Izabel.

Por toda a parte aonde chegou a mão bemfazeja dos arcebispos as armas especiaes de cada um attestam da parte que tomaram na fundação, no aformoseamento ou na reparação da cathedral.

Todavia em tempos posteriores aos melhores tempos da egreja bracharense a cathedral tantó no seu interior como exterior tem sido victima por vezes do furor das innovações, como o foi a formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, e como o foram outros edificios em Braga e fóra d'ella. Mãos impuras tocaram nestes restos venerandos da antiga architectura, deixando indeleveis vestigios da sua lamentavel impressão. Antiguidades e bellezas, que resistiram por seculos á acção do tempo, não poderam resistir ao camartello da *civilisação,* que as affeiçoou ao gosto das modernas edificações!... As memoraveis columnas de cantaria, que sustentam o tecto do corpo da egreja, e em sete grandes arcos fazem as tres naves do templo, — bellezas que a historia refere do mais fino lavor e do mais depurado gosto em architectura antiga, acham-se..., como as do templo de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, cobertas em toda a sua altura de gramaço de grande grossura, faceadas dos quatro lados, e... caiadas!... Deus deu ao homem, como scentelha da sua intelligencia, a razão. Não raras vezes o homem abusa d'este dom sublime.

Duas cousas porém sobrelevam a todas as bellezas ainda existentes da cathedral, e tem por emquanto escapado ao gosto destruidor das eras posteriores á sua fundação, — a sachristia e o côro maior, — duas peças ricas e sumptuosas, talhadas ambas para edificio de maiores proporções.

O local da sachristia fôra occupado de principio por capella especial, que para sua sepultura mandára erigir o arcebispo D. João Martins de Soalhães no principio do seculo XIV. Sendo depois construida ahi a sachristia actual pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, aquella sepultura foi conservada, e ainda hoje existe com campa de marmore.

*

São dignos de ver-se ahi, e a lhaneza dos capitulares e dos empregados da fabrica não se recusa a esse favor, alguns antiquissimos vasos sagrados de fino lavor e baixo-relevo de ouro e prata, ricos paramentos archiepiscopaes e sacerdotaes, pesadissimos de seus bordados de prata e ouro, cópia grande de reliquias de muitos tamanhos, e abundantes quadros e pinturas de merecimento, entre as quaes são de superior valor as cabeças dos apostolos (1).

O côro maior é guarnecido das cadeiras capitulares, estantes e psalterios, tudo em páo sancto ou jacarandá com marchetados e talha. Tem bellissimas pinturas e soberbos orgãos de duplo teclado (2), assentes sobre formosissimos lavores, que descem, representando figuras allegoricas e mythologicas, sobre o corpo da egreja, e formam imponente arco sobre a nave central... «*Quis vidit huic simile!*» diz com razão, voltado para o interior do côro, um letreiro, aberto em letras de ouro sobre aquelle arco.

Fazem parte da cathedral em claustros contiguos, começados em 1801 e ainda não concluidos, além d'outras menores capellas com differentes invocações, a de Nossa Senhora da Gloria, a de Nossa Senhora do Liberamento, e a de S. Geraldo.

A capella de Nossa Senhora da Gloria tem a porta principal para um terreiro engradado sobre a rua do Souto, e foi fundada pelo arcebispo D. Gonçalo Pereira, — o fiel companheiro de D. Affonso IV na batalha do Salado. Dotou-a com rendas avultadas; instituiu nella clerezia propria; e jaz ahi em mausoleu de pedra. Eleva-se este no centro da capella a altura de cêrca de um metro; tem sobre a campa em tamanho natural a figura do arcebispo, revestido de pontifical; abertas em alto relevo nas faces do tumulo a imagem de Christo crucificado, a de Nossa Senhora, e as dos Apostolos e d'outros Sanctos; e em volta de todo

(1) Nos apontamentos dados pelo sr. Pereira Caldas para a citada obra — *Viagem dos Imperadores do Brasil a Portugal em* 1872, estão enumeradas e descriptas muitas das preciosidades, a que simplesmente alludimos, e que foram mostradas a estes Monarchas na sua visita a Braga.

(2) Consta que foram ahi collocados em 1737 e 1738, sendo seu auctor F. R. Simon Fontanes Gallencianus.

elle aberta a seguinte notavel legenda, que, se não leramos, não acreditáramos:

1348

«Aqui jaz o arcebispo D. Gonçalo Pereira, avô do Con-«destavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira, do qual «procede o Imperador Carlos v, e em todos os reinos de «christãos da Europa ou os reis ou rainhas d'elles, ou am-«bos, e reformada pelo Deão administrador D. Luiz no anno «de 1789».

Refere-se a *Deão administrador,* porque os administradores d'esta capella são sempre os Deões da Sé primacial por virtude do testamento do mesmo arcebispo, *comtanto que sejam portuguezes e filhos de portuguezes...* Tamanho era então o horror, inda hoje felizmente e profundamente enraizado em corações portuguezes, contra tudo que cheirava a dominação castelhana.

A capella de Nossa Senhora do Liberamento era conhecida pelo nome de capella dos reis, em quanto estiveram ahi os mausoleus do Conde D. Henrique e de sua mulher a Rainha D. Tareja, depois transladados para a capella mór da cathedral. Contém esta capella ao lado da epistola um singelo monumento, no qual, coberto com a sua effigie, está encerrado o corpo do arcebispo D. Lourenço. Foi de grande nomeada este Prelado na guerra da restauração, e á sua canonisação parece ter obstado a carta,— expressão de concentrado odio e mal disfarçado orgulho marcial, que depois da batalha de Aljubarrota, ainda quente a espada do sangue do adversario morto, escrevêra ao D. Abbade de Alcobaça, D. Frei João de Ornellas, nos seguintes termos (1):

«Dom Abbade, senhor, & amigo..... Aprouue a Deus, & «a santa Maria, que as ribeiradas do sangue do meo giluàs «seiom ia vedadas; & jos mestres vom de bem para melhor, «& eu o sinto bem em mim; *cà quem esta pespegou, cà nom «a leuou enxebres, nem irá contar em Castella ó soalheiro «o cruzamento da minha cara.....*

«Iam Vaz d'Almada, & Antom Vasques seo irmão, siue-

(1) *Chronica d'El-Rei Dom João* I por Fernão Lopes, — e *Historia dos Arcebispos de Braga* por D. Rodrigo da Cunha.

«rão aqvi Domingo, em sembra com Mem Rodrigues, & si-«uom a Lisboa, pera auer algum geito de empecer aos Cas-«tellãos, qve iazem na frota; mes eu lhe dixe, *qve nom «hiom elles de qà enxotados de geito, q̃ esperassẽ outro ru-«xóxó*».

Na capella de S. Geraldo é costume revestirem-se os arcebispos em dia de festividade pontifical, e d'ella sahem em procissão para a cathedral.

Nesta capella faz sensivel contraste com a sumptuosidade d'alguns dos mausoleus d'outras capellas o modesto jazigo do fundador do Sanctuario do Bom Jesus do monte, o arcebispo D. Rodrigo ou Ruy de Moura Telles, um dos mais insignes prelados da Egreja Primaz, e que não tem outro signal da sua sepultura senão uma simples campa com o seguinte epitaphio:

JAZ AQUI O ILLUSTRISSIMO S.^{or}
D. RODRIGO DE MOU-
RA E TELLES ARCEBISPO
QUE FOI DE BRAGA, PRI-
MAZ DAS HESPA-
NHAS, E GOVERNOU
COM INTEIREZA
24 ANNOS ESTA
DIOCESE, DE QUE TO-
MOU POSSE A 5 DE
JUNHO DE 1704. E
FALLECEO A 4 DE SE-
TEMBRO DE 1728.
REQUIEM ATERNAM DONA EI
DOMINE

Tocamos apenas com a possivel rapidez os pontos geraes, de que podémos obter mais seguras noticias. Nem cabe em nosso intento mais comprido esclarecimento; nem carecêra d'esta mesma pequena luz quem para saber miudamente da parte, que tiveram os antigos arcebispos na fundação, sagração e reedificação d'alguns dos templos e capellas de Braga, assim como o seu mais antigo destino, os mosteiros de que fizeram parte, e outras noticias impor-

tantes ácerca d'estes assumptos, consultar as obras citadas no principio d'este roteiro.

Conventos ou mosteiros

De *Mosteiros*, hoje extinctos, tinha Braga os das seguintes ordens religiosas.

1.º na rua do Carvalhal o convento dos carmelitas descalços com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, fundado em 1653 pelo padre Fr. José do Espirito Sancto. Á excepção da parte destinada para serviço da irmandade de Nossa Senhora do Carmo, a maior parte do mosteiro está occupado pelo hospital militar da guarnição da cidade. A cêrca havia sido vendida depois da extincção das ordens religiosas; e uma parte d'ella foi agora expropriada para abertura da nova praça do mercado. Nem o convento, nem a sua egreja, tem cousa alguma, que chame a attenção, a não ser a veneração popular pela sépultura de

Fr. João da Ascensão, mais conhecido pelo nome de Fr. João de Neiva, — da sua patria, S. Romão de Neiva, no

districto de Vianna do Castello, e vulgarmente chamado o *Fradinho de Braga*. Nasceu este em 26 de outubro de 1787; entrou para a ordem carmelita aos 16 annos de edade em Lisboa; falleceu no dia 16 de março de 1861 em cheiro de sanctidade; e jaz em sepultura rasa no cruzeiro da egreja do mosteiro. Sua muita piedade e reconhecidas virtudes; os milagres que a crença popular lhe attribue; e uma longa vida de penitencia e sanctidade deram-lhe respeitavel memoria entre grandes e pequenos, ricos e pobres, nobres e plebeos, conhecidos e desconhecidos, nacionaes e extrangeiros. A sua sepultura é constante objecto de visita para os da terra e para os de fóra. Quem entra em Braga julgára violar um sancto preceito, se não visitasse a sepultura do *Sancto Fradinho*, e lhe não deixasse o seu óbulo: donde por isso tira hoje a Irmandade recursos abundantes para o culto Divino. Comquanto,—que saibamos, o processo ácerca de seus milagres não tenha dado por ora effeito apreciavel para sua beatificação (1), sempre sobre a sua campa arde uma vela, e o povo ahi ajoelha reverente, implorando a sua intercessão perante o throno do Altissimo.

2.º No campo de S. Paulo o mosteiro dos Jesuitas com o nome de — collegio de S. Paulo da companhia de Jesus. Fundou-o e dotou-o em 1560 o arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. O cardeal-rei, occupando a cadeira primacial, augmentou-lhe as rendas, e instituiu nelle escholas, cujo professorado confiou aos collegiaes. Foi seu primeiro Reitor o beato Ignacio de Azevedo Barbosa, natural do Porto, da nobilissima familia d'estes appellidos. Foi mosteiro sempre notavel tanto em mestres como em escholares.

3.º No *campo* de Sanct'Anna a casa dos Padres Congregados, sem voto, da ordem de S. Philippe Nery com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. Foi fundada em 1689 pelos Reverendos José do Valle e Manuel de Vasconcellos.

D'este mosteiro só foi construida a metade oriental; e

(1) Da differença entre beatificação e canonisação veja-se — *Diccionaire* de Alonnier.

esta parte é já um vasto edificio, onde estão estabelecidas, como diremos adiante, algumas repartições publicas. A sua cêrca foi convertida em horto agricola, cujo producto é especialmente applicado a augmentar a bibliotheca bracharense.

4.° No mesmo *campo* o hospicio do mosteiro suburbano de S. Fructuoso, fundado pelos religiosos d'este no seculo XVII. Hoje é a casa dos herdeiros do Barão da Gramosa, da familia bracharense Costas Rebellos.

5.° No mesmo *campo* o mosteiro da congregação dos Loyos, da ordem dos conegos seculares de S. João Evangelista.

6.° No *campo* da vinha o hospicio do mosteiro dos monges da ordem de S. Bento de Tibães, fundado pelos monges d'este mosteiro. Hoje é a casa dos herdeiros de Antonio Vieira de Araujo.

7.° No mesmo *campo* o convento dos Gracianos, da ordem dos Eremitas de Sancto Agostinho. Conserva o antigo nome de convento do Pópulo, que tivera á similhança do — del Pópulo de Roma. O Summo Pontifice Paschoal II havia feito erigir em Roma em 1099 uma capella no sitio onde fôra o sepulchro dos Domicios. Sobre as ruinas d'esta capella foi edificado o mosteiro d'aquella ordem, chamado — *del pópulo* por ser fundado com donativos do povo romano; e d'elle tomou o nome a praça que o contém. Fr. Agostinho de Jesus, que no seculo era Pedro de Castro, de familia distincta de Lisboa, Eremita da mesma ordem, sendo arcebispo de Braga, fundou aqui em 1595 o do Pópulo em honra de Nossa Senhora da Consolação; mas deu-lhe esse nome em memoria do de Roma, e dotou-o largamente em bens, e com annexação de cinco egrejas, sob o encargo do ensino theologico em duas cadeiras para habilitação de alumnos, que se dedicassem á vida ecclesiastica.

Extinctas em Portugal as ordens religiosas do sexo masculino, este mosteiro, cuja historia merecêra sorte mais condigna do pensamento do fundador, foi convertido de ha muitos annos em quartel do 8.° regimento de infanteria. Felizmente, — e seja dicto em louvor, nem o edificio está deteriorado com o seu novo destino, antes pelo contrario obras importantes se lhe fizeram e fazem para aproveital-o,

nem o majestoso templo foi profanado, continuando a celebrar-se nelle o culto Divino com regularidade, aceio e decencia. Na sua capella mór devem merecer a attenção do visitante dois tumulos, — o do fundador e o de D. Fr. Aleixo de Menezes, da casa dos Condes de Cantanhede, que foi em tempos dos Philippes de Hespanha arcebispo primaz do Oriente, Viso-rei da India, presidente do consulado do reino de Castella, governador do Priorado de Guimarães, e depois arcebispo de Braga.

8.° No *campo* de S. Miguel o Anjo o hospicio dos conegos regrantes de Sancta Cruz, mais conhecidos pelo nome de cruzios, onde é hoje a hospedaria da Vista alegre.

9.° Na freguezia suburbana de S. Jeronymo o convento de S. Fructuoso, da ordem capucha da provincia da Soledade, fundado pelo arcebispo S. Fructuoso, e que em seu principio fôra de monges da ordem de S. Bento.

10.° A uma legua de Braga, para noroeste, o notavel mosteiro de Tibães da ordem de S. Bento. Este mosteiro era em Portugal cabeça e casa capitular da ordem. Ahi residia o Geral d'esta, que era o mesmo D. Abbade do mosteiro. Nelle se faziam as eleições do Geral, dos Dons Abbades, e de todas as Prelasias de cada um dos mosteiros da ordem. Edificio majestoso, imponente em si e pelas suas recordações, afrontando a custo as devastações do tempo, e a incuria dos homens, ainda mais devastadora que o tempo, — eil-o solitario, pobre, quasi abandonado, aparentando derrocar-se por todas as suas junctas, mas ainda de pé para attestar ás vindouras gerações a grandeza dos tempos que o viram florescer, e a imprevidencia dos que o vêem desfazer-se!... Foi fundado pelo rei Suevo Theodomiro a instancia de S. Martinho, Bispo de Dume, em 562, segundo uma lapida ahi encontrada, sendo dedicado a S. Martinho de Touron. Em 1070 foi ampliado e quasi que reedificado por D. Payo Guterres da Silva, Rico Homem e Adiantado neste reino por D. Affonso o 6.° de Castella, nesse tempo governador, com o titulo de Vigario d'el-rei, da provincia de Entre Douro e Minho.

Ao menos, para que tudo se não perdesse, a majestosa egreja foi salva do naufragio, e feita Matriz. Uma pequena parte do edificio dá residencia ao parocho: tudo o mais foi

vendido com a cêrca... ignoramos a quem... mas a quem certamente não comprehendeu o valor que recebia!... O edificio está em ruina, mas a cêrca é cuidadosamente explorada... *Sacra auri fames!...*

Conventos de religiosas, e recolhimentos

De pessoas do sexo feminino existem os seguintes.

1.° No *campo* dos remedios o convento de Nossa Senhora da Piedade, da ordem capucha de S. Francisco, fundado em 1547 pelo Bispo de Dume, D. Fr. André de Torquemada, Andaluz. Deram-lhe começo tres religiosas do mosteiro de Sanct'Anna de Vianna do Castello, da ordem de S. Bento. Tem este convento o privilegio de tanger sinos *sede vacante*, como na cathedral. Ácerca d'esta e d'outras regalias, e das pendencias a que deram logar em 1728 por obito do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, é curioso, e já muito raro, o opusculo — *Relação dos litigiosos debates* pelo Dr. Manuel Tinoco de Magalhães, em 4.°, Lisboa 1733.

2.° No *campo* da vinha, ou praça de D. Luiz I, o convento do Salvador, da ordem de S. Bento, fundado em 1602 pelo arcebispo D. Agostinho de Jesus, para se recolherem nelle as religiosas de Victorino das Donas no termo de Ponte do Lima. Como estas se obstinassem em não cumprir os mandados do Prelado, foram conduzidas para a cidade entre as justiças d'este: para o que foi mister arrombar a golpes de machado a portaria do recolhimento (1).

3.° No mesmo *campo* o recolhimento da caridade, dedicado á Sanctissima Trindade, de instituição particular para abrigo de donzellas e viuvas.

4.° No mesmo *campo* o recolhimento das *Beatas de Sancto Antonio*, fundado em 1588 pelo Reverendo Domingos Peres, Abbade reservatario de S. João da Balança, para donzellas, que desejarem consagrar-se a exercicios mysticos sem clausura regular.

(1) Serie dos Arcebispos de Braga, vida do alludido Prelado, paginas 73 e 74.

5.° Na rua dos Pellames o convento de Nossa Senhora da Conceição, da ordem capucha de S. Francisco, fundado e dotado em 1625 pelo Bacharel formado nos sagrados canones, o Reverendo Gonçalo Gomes, que fez conego da Sé de Braga o Summo Pontifice Xisto v. Foi o primeiro convento d'esta ordem em Portugal, e d'elle sahiram os fundadores d'outros da mesma ordem.

6.° No *campo* de Sanct'Anna havia ainda ha pouco, e acaba de ser supprimido segundo as leis actuaes do reino em consequencia do fallecimento da ultima religiosa, outro convento da mesma ordem do anterior, chamado da Penha de França. Foi fundado em 1727 pela religiosa do convento da Conceição, a Madre Maria Josepha de Jesus, mais conhecida por Maria da Trindade, a peccadora. Deu-lhe *Constituições* o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, approvadas pelo Summo Pontifice Benedicto XIII. Estas, apezar de terem sido impressas em 1789, são muito raras, faltando por isso na maior parte das collecções e escriptos monasticos dos nossos bibliophilos. Possuimos d'ellas um exemplar em 4.° Ouvimos que será transferido para este edificio o Asylo da infancia desvalida.

7.° No mesmo *campo* o recolhimento das convertidas de Sancta Maria Magdalena, á esquina da rua de S. Gonçalo. Foi fundado em 1722 pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Na sua origem fôra ermida de S. Gonçalo.

8.° No largo de Sancta Thereza, o mosteiro das carmelitas descalças, mais conhecidas pelo nome de Theresinhas, da ordem de Nossa Senhora do Carmo. Foi fundado por freiras Dominicanas da terceira ordem do recolhimento da Tamanca, sitio conjuncto á cidade, e actualmente parte d'esta. Principiou em 1756 debaixo da regra da observancia carmelita, e em 1760 passou para a das religiosas descalças sob a protecção do arcebispo D. Gaspar de Bragança.

9.° O collegio das Ursulinas, de religiosas da invocação de Sancta Ursula, onde tinha sido o mosteiro dos Jesuitas. Depois da extincção da ordem de S. Ignacio de Loyola habitaram este collegio antes das Ursulinas as religiosas franciscanas de Monção e Valença, as quaes posteriormente passaram para outros conventos.

O Instituto das Ursulinas foi fundado em 1537 em Bres-

chia, cidade de Italia, por Angela Merici. Na sua volta da visita aos logares sanctos havia esta formado uma associação de virtuosas mulheres, á similhança das modernas sociedades consoladoras, para visita dos hospitaes, serviço dos doentes, soccorro dos pobres, consolação dos afflictos, e ensino da mocidade. Deu-lhe a fundadora a invocação de Sancta Ursula, porque pela austeridade da sua vida, desprendimento das grandezas de que a cercava a sua hierarchia, cumprimento d'obras de misericordia, dedicação á educação e instrucção religiosa da mocidade, e martyrio que procurou com o brilhante cortejo de numerosas virgens, era esta sancta o espelho, que reflectia os grandes projectos da nascente associação. Professou este Instituto a regra da ordem Terceira de S. Francisco, de principio sem votos alguns, mesmo sem obrigação de vida commum. Foi confirmado em 1544 por Bulla do Summo Pontifice Paulo III. Em 1572 o Summo Pontifice Gregorio XIII elevou-o a ordem religiosa debaixo da regra de Sancto Agostinho com voto simples e vida em commum, comquanto sem voto de clausura, ao qual não obstante se sujeitaram de propria resolução as religiosas, compromettendo-se a não sahir das suas casas de communidade senão por motivos graves e sempre com licença dos superiores. Em 1617 o Summo Pontifice Paulo V elevou estas casas á ordem de mosteiros, o que importava na profissão o voto de pobreza.

A nova ordem espalhou-se por toda a Italia; passou á Allemanha; e sendo introduzida em França em 1811 foi suavisada no rigor de penitencias, que a religiosa Vigier, fundadora do collegio de Tolosa, converteu principalmente no ensino escholar, desenvolvendo-o.

Em Portugal havia sido estabelecida nos principios do seculo passado em Pereira, villa situada á margem esquerda do Mondego, uma pequena associação em casa particular, á similhança da de Breschia, sob a direcção de D. Luiza, filha de D. Francisco Botelho, cavalheiro nobre e rico d'esta villa, descendente da casa dos Condes de S. Miguel, a qual com suas companheiras nos exercicios de religião e caridade tomára o habito da ordem Terceira de S. Francisco, havida licença para este fim do Bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação. E em 1748, installada em casa propria esta

associação, tomou o nome de *Chagas de Christo*. São curiosos tres folhetos, dos quaes extractamos, assim como d'outros subsidios, esta ligeira noticia, publicados anonymos em Coimbra em 1850 sob os titulos — *Historia da ordem das Ursulinas*, — *Memoria sobre a fundação e progressos do real collegio das Ursulinas de Pereira*, e — *Descripção da visita do sr. arcebispo bispo conde a este collegio* em 1853. A respeito do nome de *Chagas de Christo*, adoptado pela nova associação, diz esta *Memoria* o seguinte: — «O molde «da primeira pedra (do collegio de Pereira) foi talhado por «D. Luiza com uma tarja quadrada de levantado relevo com «as cinco chagas e as letras I H S (Jesus) (1), o qual molde «ella dependurou ao pescoço e ao das suas companheiras; e «d'este emblema mysterioso tomou o recolhimento o nome «de *Chagas de Christo*».

Com a protecção do mesmo Bispo de Coimbra, a instancia da Rainha D. Marianna d'Austria, mulher do Senhor Rei D. João v, foi transformado o recolhimento de Pereira em collegio Ursulino, sendo adoptado, como os mais reformados, os Estatutos de Tolosa. Em 1753 fizeram as religiosas profissão nas mãos do mesmo Bispo da regra de S. Agostinho, mas trocando esta pela regra Seraphica de S. Francisco, debaixo da qual se haviam reunido, receberam do commissario da ordem o habito respectivo, e conservaram o nome de *Chagas de Christo*.

De Pereira passou o collegio para Coimbra em março de 1848 para o convento das religiosas Eremitas de S. Agostinho, que tem a invocação de Sanct'Anna (convento hoje considerado extincto em face das leis do reino pelo fallecimento da ultima freira); e ahi ficaram por algum tempo reunidas as duas communidades. D'este convento, e pouco depois do decreto de 21 de junho de 1857, pelo qual foi concedido ao collegio ursulino o extincto mosteiro da ordem dos carmelitas descalços, vulgarmente conhecido pelo seu antigo nome de convento de S. José dos Mariannos, foi aquelle collegio transladado para esta sua nova casa, donde tem sahido tão sazonados fructos em educação e instrucção, que bem póde dizer-se delicioso mel fabricado por enxame de colmêa rica.

(1) «*Jesus Hominum Salvator*».

Em 1778 foi fundado o collegio Ursulino da antiga villa de Vianna do Minho, hoje cidade de Vianna do Castello, pela mesma fundadora do collegio de Pereira, a qual com dezeseis de suas companheiras veio estabelecel-o no recolhimento dos Sanctos Martyres, edificado em memoria dos que padeceram alli martyrio no dominio dos Sarracenos.

A mesma religiosa fundou depois o de Braga, e nelle falleceu em 1795, coberta de bençãos de tantas familias, a quem dera em Pereira, Vianna e Braga educação religiosa e salutar instrucção.

10.º No referido sitio da Tamanca o Conservatorio do Menino Deus. Foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão para educação e recolhimento de meninas orphãs; e está sob a protecção do governo civil do districto mediante uma commissão encarregada da sua gerencia.

11.º No mesmo local o convento das recolhidas da Terceira ordem da Penitencia de S. Domingos. Foi fundado em 1726 pelas irmãs Agueda de Jesus e Maria de Jesus, do logar do Loureiro, da freguezia de S. João de Taboaças em terras de Vieira, com licença concedida em provisão de 18 de maio de 1724, passada pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. As suas *constituições* foram approvadas no 1.º de outubro de 1729 em cabido *sede vacante*. Deulh'as novas o Arcebispo D. Gaspar de Bragança, confirmadas em 18 de abril de 1810 pelo principe regente D. João.

Seminarios

São dois, ambos de grande nomeada, — o de S. Pedro para educação e instrucção de alumnos, que se destinarem ao estado ecclesiastico, — e o de S. Caetano para a de orphãos do sexo masculino, — ambos na praça de D. Luiz I ou *campo* da vinha. O primeiro foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres em 1564, — o segundo pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, que o concluiu em 1796. Os estatutos, que lhe deu e correm impressos, revelam a sabedoria do filho venerando da ordem Terceira da Penitencia, em que professára a 28 de novembro de 1759.

Asylos

Na rua das aguas está o primeiro dos quatro asylos da cidade. Tem a invocação de S. José, fundado em 1850 para pobres e invalidos.

Na rua do Alcaide o de D. Pedro para a infancia desvalida foi inaugurado em 23 de fevereiro de 1863 com estatutos approvados por alvará do 1.º de julho de 1862, e reformados pelo de 25 de outubro de 1873.

O hospicio dos expostos, apezar de ter casa propria na praça municipal ou *campo* dos Touros, acha-se por falta de capacidade d'esta em casa de renda na rua do Coelho sob a direcção da rodeira, e inspecção do respectivo vereador.

E na rua dos Pellames está em casa propria o collegio de regeneração para protecção e recolhimento de mulheres, que desejarem abandonar vida desregrada. Foi instituido em 18 de agosto de 1869 com o nome de casa de asylo de mulheres no logar do Areol, suburbios de Braga, por algumas «Filhas de Maria» sob a direcção do reverendo João Pedro Ferreira Airosa, capellão da irmandade de Nossa Senhora do Carmo. Tem juncto á casa amplo terreno para cultura e distracção. Os seus estatutos foram approvados em 15 de maio de 1874 pelas auctoridades ecclesiastica e administrativa na fórma do decreto de 22 de outubro de 1868.

Hospitaes

São tres: o da confraria de Sancta Cruz, o hospital civil de S. Marcos, e o hospital militar.

D'este já dissemos que está estabelecido no extincto convento do Carmo.

O de Sancta Cruz, constituido juncto ao templo d'esta invocação, recebe sómente os irmãos da confraria, erecta outr'ora neste templo.

O de S. Marcos foi fundado no *campo* dos remedios em

1508 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que para esse fim reuniu os tres pequenos hospitaes — o dos peregrinos — o dos lazaros — e o da Gafaria. Tem majestoso edificio, consideravelmente ampliado nos annos de 1770 a 1780, com egreja propria, onde é venerado o corpo de S. João Marcos, trasladado para alli do seu primitivo tumulo em 27 de abril de 1718. Foi administrado pelo senado municipal nos primeiros cincoenta annos. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres confiou-o depois á Sancta Casa da Misericordia, cuja boa administração é já proverbial em todo o paiz.

Cemiterios

São dois: o do hospital de S. Marcos, juncto a este hospital, e presentemente abandonado: e no sitio da bouça do Pavão, suburbios da cidade além da rua de Enfias, o novo cemiterio publico, espaçoso e bem exposto, e já povoado de bons mausoleus.

Dá-se um singular custume neste cemiterio,— em nenhum outro, que saibamos, adoptado pelas familias dos fallecidos, — o de terem quasi todos os mausuleus dois lampiões, que se accendem e conservam accesos na noite de vespera do dia de finados e neste dia.

O de S. Marcos é mais conhecido pelo nome de — cemiterio dos desprezos. Deu-lhe este nome a seguinte lenda. Havia nesse local uma cruz de páu, arvorada em calvario, como ainda ha pouco havia muitas em Braga e suas cercanias e nas estradas do Minho, com uma pintura de Christo crucificado. Em uma madrugada do anno de 1822 appareceu destruido o calvario, arrancada a cruz, e arremessada para o saguão da casa proxima ao templo de S. Thiago. O dono d'esta casa recolheu a cruz, e levantou-lhe em uma sala um altar, que expoz á veneração publica. Foi grande, como era natural, a concorrencia do povo,— d'uns por piedade, e era o maior numero certamente; d'outros por curiosidade em relação ao desacato commettido. Depois d'algum tempo de romaria foi a cruz transferida processionalmente para a capella do hospital com a invocação de «Senhor dos

Desprezos» em memoria do acontecimento. Dahi passou o nome para o cemiterio.

Do castello e cadeia publica de Braga

Do castello e cadeia publica pouco podemos dizer; tão repugnante é esta que se recusa a penna a descrevel-a,— e tão perdida está a memoria d'aquelle nas transformações da cidade.

Datam da epocha romana as primeiras fortificações de Braga. Pelos annos de 1300 e seguintes D. Diniz reconstruiu as que reparára e ampliára D. Affonso Henriques das que existiam dos tempos dos Arabes, dominadores dos Godos, como estes o haviam sido dos Suevos. D. Fernando accrescentou-as com torreões, terminando-as em 1375. O arcebispo D. Diogo de Sousa no seculo XVI poz-lhes mais no *campo* de Sanct'Anna dois baluartes ou torres de quatro castellos circulares, donde veiu o nome ás casas redondas, ahi situadas. Os restos das primeiras fortificações, ainda não ha muito tempo existentes nas terras de Urjaes, e que se extendiam da egreja de S. Pedro de Maximinos até alturas do hospital de S. Marcos, foram em grande parte desmoronados em 1872. Conservam-se todavia pedaços de muralha por traz da arcada fronteira ao actual passeio publico do *campo* de Sanct'Anna, ao lado occidental da rua de S. Marcos, e no alto do passeio das carvalheiras. Os restos d'este sitio extendem-se até o vetusto arco do largo do collegio e *campo* de S. Thiago, tendo duas torres, uma juncto d'este arco, e a outra onde é hoje a casa dos srs. Feios (Visconde da Torre e fallecido Barão de Soutello) no largo de S. Sebastião.

Naquella parte da cidade, por detraz da velha referida arcaria, defrontando com o largo de S. Francisco e em toda a extenção com a rua do castello, está situada a cadeia publica de Braga.

Cousa alguma tem de notavel esta habitação a não ser o aspecto lugubre do seu exterior e a tetrica perspectiva do seu interior!... E bem notavel é já tudo isso em uma

cidade, que tem justa razão para considerar-se civilisada; em um seculo, que se chama de luzes; em um regimen liberal; e perante successivas camaras municipaes, em grande parte compostas de cavalheiros, que pretendem passar por progressistas!...

E mais notavel ainda é tudo isso em uma cidade, que pretende hombrear com Evora, Coimbra e Ponta Delgada, disputando-lhes a honra de terceira cidade (1) do reino.

Quando a poetica rainha do Mondego, nossa amada patria, tinha á sua entrada a cadeia da *Portagem*, de ominosa memoria, alguem escreveu que na fronte veneranda da cidade das lettras estava estampado cartaz, onde se lia em gordas letras:

Aqui moram barbaros!

Coimbra de ha muitos annos raspou da sua fronte este ignominioso ferrete, construindo uma cadeia, senão boa absolutamente, relativamente uma das melhores do paiz.

Á vista da cadeia publica de Braga podéramos formar d'esta cidade conceito egual, se outros testemunhos não désse, inteiramente contrarios áquelle, da sua civilisação.

Dentro d'aquelle recinto ainda existem as referidas torres, sendo a do centro a de homenagem.

Passeios publicos

São dois os passeios publicos dentro da cidade: o do *campo* de Sanct'Anna e o das *carvalheiras*.

(1) Depois que as ilhas, chamadas por isso adjacentes, foram consideradas politica e administrativamente parte do reino ou do continente, póde ser caso de duvida se á cidade de Ponta Delgada cabe a categoria de terceira cidade do reino pela sua situação geographica, pelo seu porto maritimo, pelo seu importante movimento commercial, e pela sua população fixa e fluctuante. Braga e Coimbra têm razão todavia para disputar-lhe a primazia, aquella pela sua população e numero de fogos, muito superior (ao menos a população fixa) a Ponta Delgada e a Coimbra, além do importante movimento fabril, — esta, comquanto inferior em população a uma e outra, por ser a séde do primeiro e antiquissimo estabelecimento de instrucção superior do paiz.

*

O vastissimo *campo* de Sanct'Anna está dividido desde 1863 em duas partes. Na mais proxima do centro da cidade foi aberto um formoso passeio publico ajardinado, que embellezam alguns lagos, chalets, pavilhões de verdura, ruas tortuosas, variados e abundantes arbustos. Illuminado á luz de muitos candieiros de gaz em todas as noites do estio e com entrada franca é o sitio de maior concorrencia nesta epocha. O resto do *campo* contém uma extensa alameda. Ao longo de todo elle — passeio e alameda correm, acompanhadas de bons predios, as ruas lateraes, que mencionámos em seu logar.

O passeio publico das carvalheiras, ao cimo do largo de S. Miguel, é assim chamado de muitas d'estas arvores, antigas e majestosas, que o ensombram e quasi toldam. É formado em socalcos ou taboleiros, no centro de cada um dos quaes está uma larga bacia com repucho. Domina-o, já situada no largo de S. Sebastião, uma boa capella com a invocação d'este Sancto.

Em um dos taboleiros existe uma meza de pedra com o seguinte letreiro em volta — *Brachara Augusta Fidelis et Antiqua.*

Pedimos licença para transcrever do — *Mosaico* do sr. Camillo Castello Branco os seguintes trechos do artigo — *A Meza Mysteriosa.* Poupam-nos a trabalho maior, que teriamos sem maior garantia de melhor descoberta do mysterio, de ha seculos occulto naquelle bocado de pedra grossa e tosca. Não diriamos melhor, nem tão bem como o illustrado romancista, ainda quando tivessemos á mão a fonte limpa, — o manuscripto, a que recorreu para contestar o que da *nobre* procedencia da meza asseverára o famoso historiador de Braga (1).

Diz o sr. Castello Branco (e seja-nos tambem permittido supprimir sem alterar o sentido as linhas que não vem directamente para o caso):.....

.....

... «O leitor já foi ao *Largo das Carvalheiras,* em Braga, «e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella

(1) Citadas — *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga* tom. II cap. I.

«de S. Sebastião, uma meza de pedra com inscripção no «rebordo, que diz: BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET AN- «TIQUA). Se não se convenceu logo de que naquella meza «já comeram pretores romanos ou reis mouros, informou-se «com o Contador de Argote e ficou sem saber a serventia «da meza.

«De feito o famoso antiquario, como pessoa que recebia «as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou «de romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese «de que em 1625 os characteres que até áquella data esti- «veram na superficie da meza foram mudados para o bordo «onde hoje estão; sendo, alem d'isso, cousa clara ao inten- «dimento de Argote que a inscripção primitiva era sómente «BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET AN- «TIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções «usadas no tempo dos romanos .....

.....

«Quem idoneamente sabia a utilidade da meza era um «arcediago da Sé bracharense, sujeito que morreu ha mais «de tres seculos, e deixou um manuscripto que, ha duzentos «annos pouco mais ou menos, parava em posse de Estacio «de Novaes, cidadão de Braga.

«O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do «traslado, em quanto o governo me não ordenar que lhe «entregue o trabalho do monge para elle o fechar num ga- «binete onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

«Ora conta diffusamente o codice que em certos dias do «anno costumavam os bracharenses fazer montaria nas vi- «zinhanças da mesma cidade. Esta ceremonia, imitada dos «tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista...

.....

«Na vespera, pois, da festa faziam os bracharenses cava- «lhadas alem do rio Deste, e depois da folga monteavam «á imitação dos seus maiores.

«Com o dobar dos annos extinguiu-se a caça grossa, e «esmoitaram-se os grandes matagaes onde as feras se em- «brenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se absti- «veram da sua antiquissima usança. Inventaram o como ha- «viam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que «hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se

«a um *hoje* de ha trezentos annos) para assim cumprirem a «sua devoção.....

.....

... «Chegaram... os tempos de D. Diogo de Sousa (1), o «qual fundou uma capella de S. João Baptista logo alem «da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste; e como se «erigisse uma irmandade em honra do sancto, tomou esta «á sua conta dar os meios para continuarem os antigos cos- «tumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos: um mor- «domo obrigava-se a crear e manter todo o anno um cor- «polento porco de côr preta. Na madrugada do dia de S. João, «feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, «soltavam o cevado, e despediam atraz d'elle contra o rio «Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para «lhe estorvarem a passagem, e obrigal-o a vadear o rio. Á «aba do rio apinhoava-se povoleo d'aquelles sitios a escor- «raçar o porco para a ponte.....

.....

«Emfim, se o porco passava a ponte, era premio do gentio «fluvial, que o comia; se passava o rio, era dos moleiros, que «o comiam tambem.....

.....

«Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alameda de «S. Sebastião, e sobre uma pedra, que ainda hoje se conserva «em fórma de meza — prosegue o frade copiando o arce- «diago — a qual estava muito armada e cheia de cestinhos «com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo da con- «fraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas, «que elles levavam pela cidade com muita galhofa ás pes- «soas da sua obrigação. A ceremonia do porco não sei ha «que tempos acabou; porém a das cestas de fructa ainda «conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais «ou menos, que toda se extinguiu.

«Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade «(1665), aproximadamente calcular que no meado do seculo «de quinhentos acabou de todo a ceremonia das cestinhas de «fructa; e tão depressa se deliu a memoria da serventia da «pedra, que já fr. Manuel da Ascenção dizia: «Esta é a his-

(1) «Governou Braga desde 1505 até 1532.

«toria do porco preto tão decantada; e a serventia da pedra «de S. Sebastião, que tanto deu que cuidar aos auctores que «d'ella escreveram, sem até agora o saberem».....

.....

«Feitas as contas, a pedra que insinuou ao Contador de «Argote a existencia de uma chancellaria romana alli pelas «Carvalheiras, sae-nos pura e singelamente uma pertença á «festa dos porcos».....

.....

.....

Como raridades archeologicas, dignas por isso de sério estudo, acham-se nos mesmos taboleiros e juncto da capella de S. Sebastião quatorze columnas romanas, as quaes todas foram trasladadas para aqui do *campo* de Sanct'Anna, onde adornavam externamente uma capella com a invocação da Mãe da Virgem, fundada em 1506 e demolida em 1768. As suas inscripções estão quasi imperceptiveis, e mais apreciaveis pelo tacto do que pela vista, não só porque o tempo carcomiu o granito porphyroide, em que foram abertas,—tendo sido por isso mister pontear algumas letras, mas porque as columnas quebraram na trasladação, e a argamassa, que as pega, deturpou algumas consideravelmente.

Apezar do seu máo estado têm todas estas columnas grande valor como illucidação historica do dominio dos romanos nesta parte das provincias do Occidente. São em geral os famosos padrões ou marcos milliarios — de mil em mil passos, demarcação de vias militares, das quaes segundo o *Itinerario* de Antonino sahiam cinco de Braga, uma para Lisboa, e quatro para Astorga. D'estas quatro fôra a principal a da Geira pela serra do Gerez: e a todas alludem no geral aquellas columnas. As importantes obras — citadas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga* (1), e outra do mesmo auctor —*De antiquitatibus conventus Bracharaugustiani* tractam extensamente d'estas *vias militares* e seus *padrões*, e nellas estão decifradas e explicadas as inscripções, comquanto nem sempre a cópia haja sido fiel, antes algumas vezes seja differente, no fundo e na fórma, da que dos proprios cippos ti-

(1) Tomo II cap. IX e X.

rámos, e nem sempre a explicação dada nestas obras tenha seguido o necessario rigor epigraphico. Modernamente acharam-se vestigios d'outra via militar, sahida de Braga por Guimarães e Vizella para Amarante, donde por Cidadelhe nas fraldas do Marão se dividia em dois braços, um dos quaes se dirigia para Panoias de Villa-Real, e outro para terras de Caria, e d'alli para toda a Beira e Ribacôa (1).

Valiosas como cippos historicos são principalmente as duas columnas, que se referem a Caio Julio Vero Maximino e a Flavio Magnencio. Todas as outras recommendam-se apenas como estudo de vias militares. Sómente por isso d'aquellas, como amostra de valor archeologico, damos mais individuada descripção. Estão fronteiras uma á outra em um dos taboleiros do passeio, e contém as seguintes inscripções.

A de Maximino, á direita de quem sobe, diz:

IMP. CAESAR C. IULIUS
VERUS. MAXIMINUS. P. F.
AUG. GERMANIC. MAX. DACIC.
MAX. SARMATIC. MAX. PONT.
MAX. TRIB. POTESTATIS.
V. IMP. VII. P. P. CONS. PRO.
COS. ET C. JULIUS. VERUS
MAX. NOBILISSIMUS. CAESAR
GERMANIC. MAX. DACIC.
MAX. SARMATIC. MAX. PRINCEPS
IVENTUTIS. FILIUS. D. N. IMP. C.
JULI. VERI. MAXIMINI. P. F. AUG.
VIAS. ET. PONTES. TEMPORE
VETUSTATIS. CONLAPSOS
RESTITUERUNT. CURANTE Q.
DECIO. LEG. AUGG. PR. PR.
A BRAC. AUG. M. P. I.

(1) «*Elucidario de Viterbo* vb. *Caria*».

Por extenso quer dizer (1): «Imperator Cæsar Caius Julius Verus Maximinus, Pius, Felix, Augustus, Germanicus Maximus, Dacicus Maximus, Sarmaticus Maximus, Pontifex Maximus, Tribunitiæ Potestatis Quinquies, Imperator septies, Pater Patriæ, Consul, Proconsul; et Caius Julius Verus Maximus, Nobilissimus Cæsar, Germanicus Maximus, Dacicus Maximus, Sarmaticus Maximus, Princeps Juventutis, Filius Domini Nostri Imperatoris Caii Julii Veri Maximini, Pii, Felícis, Augusti, vias et pontes tempore vetustatis conlapsos restituerunt, curante Quinto Decio, Legato Augustorum, Prætor, Præfectus (2). A Bracara Augusta mille passuum unum».

E em portuguez (3):

«O imperador Cesar Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto, germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, pontifice maximo, com o poder tribunicio a quinta vez, e o imperatorio victorioso a septima vez, pae da patria, consul, proconsul; e Caio Julio Vero Maximo, nobilissimo Cesar, germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, principe da juventude, filho do nosso senhor o imperador Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto, reformaram as estradas e as pontes arruinadas pelo lapso de annos, sendo o *pretor* Quinto Decio, legado dos Augustos, o *superintendente dos trabalhos publicos*. Dista de Braga Augusta mil passos.

D'esta inscripção, e das inscripções das duas lapidas collocadas uma por cima da outra juncto á capella de S. Se-

(1) (2) (3) Devemos ao favor do illustrado professor do Lyceu de Braga, o sr. Pereira Caldas, a decifração em corrente latim d'esta e da seguinte inscripção e a sua versão em portuguez, que por nos parecer mais conforme com a inscripção original das columnas adoptamos de preferencia á que encontramos nas referidas — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tomo II cap. XI e XVII.

Traduzindo por *Prætor Præfectus* as abreviaturas PR. PR. (o que é objecto de controversia archeologica entre os epigraphistas), este distincto archeologo segue em favor da sua interpretação Masdeum — *Historia critica de Hispanha* tomo V n.º 473 e tomo XIX n.º 1514. Na divisão das provincias entre Augusto Cesar e o Senado eram de dignidade consular os Legados da Grecia, Asia e Africa, e de dignidade pretoriana os da Syria, Gallias e Hispanias. Excepções em contrario não destroem a regra geral.

bastião; d'outras existentes em Bertiandos de Ponte do Lima, no Pontão dos Possacos perto da ponte de Val de Telhas no rio Rabaçal (adiante de Chaves); e de dois outros padrões na Biscaia e Navarra consta com clareza o poder tribunicio e imperatorio de Caio Julio Vero Maximino (1) contra o testemunho de escriptores antigos e modernos (2); e que era Maximo, e não, como seu pai, Maximino, o filho d'este imperador (3).

A columna á esquerda de quem sobe, referindo-se a Flavio Magnencio, diz:

D. N.
IMPERATORI
TRIUMPHATORI.
SEMPER AU
GUSTO MAXIMO
MAGNENTIO
TERRA MARI
QUE VICTORI XVI

Por extenso quer dizer:

«Domino Nostro Imperatori. Triumphatori. Semper Augusto. Maximo. Magnentio. Terra Marique Victori Sexdecim».

E em portuguez:

«Ao nosso senhor o imperador, triumphador, sempre augusto e maximo, Magnencio, vencedor dezeseis vezes por terra e por mar».

É mencionada com pouca fidelidade esta inscripção nas dictas *Memorias para a historia do arcebispado de Braga* tomo III pag. XVI e XVII do supplemento ao tomo II, e nas — *Portugaliæ inscriptiones romanæ* n.º 198 pag. 309 do fallecido Visconde de Paiva Manso.

Com analogas inscripções foram encontradas em 1736 e 1742 outras columnas na serra do Gerez nos sitios da

(1) Citadas — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tomo II pag. 608, 616, 627 e 628: — *De antiquitatibus conventus Bracaraugustiani*, pag. 137, 142, 269 e 276: e — *Antiguidades de Cantabria* do padre Henao, liv. I cap. XL n.º 4.

(2) Borghesi — Dissertazion. della Pontif. Accad. Rom. di archeologia, tomo X pag. 147.

(3) Em contrario Capitolino e Aurelio Victor. Dictas — *Memorias*.

Portella d'Homem, da Leira dos Padrões, e na Volta do Côvo, mencionadas nas mesmas *Memorias* tomo II pag. 557, e tomo III pag. XXIV e XXV do referido supplemento, e nas obras — *De antiquitatibus conventus Bracaraugustani* pag. 415 e 416, e — *Portugaliæ inscriptiones* n.º 198 pag. 82.

Referem-se todos estes cippos á sublevação do general Flavio Magnencio na Gallia Narbonense contra Constante, o segundo dos tres filhos de Constantino Magno, á perseguição que lhe fez atravez dos Pyreneos, e depois de o matar em Elna no anno de 350 á usurpação do imperio, e seu reconhecimento como imperador nas Hispanias, como já o tinha sido nas Gallias, — facto de que rezam, e só d'este, os historiadores.

D'outras lapidas encontradas na mesma serra do Gerez consta que Flavio Magnencio nomeára seu successor a Magno Decencio, seu irmão, e repartira com este o governo d'aquellas regiões.

São estas antiguidades de summa importancia para o estudo da historia, porque dos historiadores da epocha em geral não constam todas essas circumstancias, nem outro facto de não menor importancia para o estudo da historia geral, — comquanto de pouca monta para o do nosso paiz, o de fazer-se tambem acclamar na mesma epocha imperador na Hungria Flavio Veterenion com o pretexto de vingar a morte de Constante, e assegurar a corôa imperial a Constantino, irmão d'este. Refere-se a este facto outra lapida achada em Mont Juich de Barcelona, e mencionada por Finestras — *Syloge inscriptionum* class. II Inscript. 39.

Em uma parede fronteira á *Meza Mysteriosa* está imbutida uma lapida sepulchral de valor muito inferior aos cippos milliarios. É de Fausto, escravo de Julia Severa.

Repartições publicas

Das *Repartições publicas* de Braga acham-se no convento dos Congregados o Lyceu nacional, a Bibliotheca publica, a Secretaria do governo civil, a Delegação do thesouro com

o cofre central do districto, e a estação telegraphica, elevada por decreto de 7 de abril de 1869 á classe de primeira ordem. Da bibliotheca publica apenas podemos dizer que nos pareceu variada a collecção de suas obras, importante o seu numero, e grande o movimento de leitores. Não sabemos, nem podémos verificar o n.º de volumes, que um dos roteiros de Braga, ultimamente e pelo mesmo tempo publicados no Porto, diz ser de 12:000, emquanto o outro o eleva a 40:000!

Os Paços do Concelho na praça municipal, ou antigo *campo* dos touros, contém, alem de todas as repartições da Camara municipal, a Administração do Concelho e a Escrivaninha da Fazenda.

Os tribunaes judiciaes, civil e commercial, tém casa propria em predio nacional no largo de Sancto Agostinho. Em casas de arrendamento estão na rua de Jano, na propria casa do actual Director, a Administração do correio, e na rua das aguas a Direcção geral das obras publicas e a repartição da engenharia districtal.

Para instrucção primaria d'um e outro sexo tem Braga, alem de muitas particulares, algumas escholas publicas. Entre estas são tres as destinadas ao sexo masculino, e uma d'ellas está na casa, para esse fim construida por effeito do legado do Conde de Ferreira no pequeno largo de Sancta Thereza. Esta eschola foi solemnemente inaugurada em 4 de fevereiro de 1874.

O Conde de Ferreira deixou em seu testamento legado avultado para serem construidas cem casas de escholas de instrucção primaria nos concelhos, cujas Camaras requeressem ser contempladas neste beneficio. Os testamenteiros resolveram que o pagamento da verba destinada á construcção de cada uma das escholas (1:200$000 réis) fosse feito ás Camaras em quatro prestações á proporção do adiantamento das obras. Não nos consta, nem outra cousa podemos colher das competentes Repartições, que a Camara de Braga recebesse mais do que a primeira prestação.

Das repartições ecclesiasticas dizemos no seguinte artigo.

Paço Archiepiscopal

O paço archiepiscopal é um vasto edificio com duas frentes, — uma ao sul sobre o largo da galeria e rua do Souto, — outra ao poente para a praça municipal (*campo* dos touros).

A primeira d'estas frentes é dividida em tres corpos, — o corpo central ou da entrada, e dois corpos salientes, um de cada lado, formando todos tres o largo da galeria, e defrontando com a rua do Souto as extremidades dos corpos lateraes. Tem o largo um grande chafariz, formoso e elegante, com figuras e brazões archiepiscopaes profusamente espalhados na taça e na principal columna. Pertencia antigamente ao paço archiepiscopal, e de suas fontes, como d'outros quatro chafarizes no interior do edificio, abastecia-se este abundantemente. Para o que, e por virtude do antigo senhorio dos arcebispos, as aguas da cidade haviam sido exploradas por estes, e encanadas para o paço. Hoje o venerando successor dos antigos senhores de Braga manda o seu gallego buscar agua... á fonte publica!..

Abrem sobre o largo vinte e cinco janellas rasgadas nos tres referidos corpos da fachada.

Em meio do corpo central está a porta principal, e por cima d'esta lê-se a inscripção (1):

«Ó DOMUS ANTIQUA QUAM
DISPARI DOMINO DOMINARIS»
— anno 1709.

Assim modestamente exclamára, repetindo *com sintido sospiro* (2) o dicto de Cicero (3), o arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando pela primeira vez entrou no paço, ao recordar-se de tantos varões illustres e Sanctos Prelados, que vinha substituir. Em 1709 mandou o arce-

(1) «Ó casa antiga! quanto é differente o Senhor que te possue!»
(2) Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres, por Fr. Luiz de Souza, liv. 1 cap. x.
(3) Cicero — *De officiis* Lib. 1.

bispo D. Rodrigo de Moura Telles gravar no logar indicado aquelle sentencioso dicto, e sobre a janella superior o seu brazão de armas.

Comquanto grandioso, é muito irregular este edificio, porque foi construido em epochas diversas desde o arcebispo S. Geraldo em 1096, e por isso em variados estylos de architectura. Assim o provam os brazões de armas, collocados sobre differentes portas, ás vezes nas mesmas partes do edificio, e em portas e paredes contiguas ou proximas, — os dos Castros (1), dos Mouras (2), e dos Sousas (3), pertencentes aos Prelados, que presidiram em epochas diversas á egreja Bracarense, — D. Agostinho de Jesus, D. Rodrigo de Moura Telles, D. Manuel de Sousa e D. José de Bragança.

Os aposentos sobre a praça municipal (*campo* dos touros), que formavam a fachada do poente, foram quasi inteiramente consummidos pelo incendio acontecido em 1866. D'este sinistro ficaram intactas sómente a majestosa capella do paço e a sua torre. Era talvez a melhor e mais grandiosa parte do edificio, do que dão ainda as ruinas sobeja prova.

Na parte posterior do paço ficam os seminarios de S. Pedro e de S. Caetano, com os quaes communica pelo grande jardim interior.

Tem o paço nove salas vastas e elegantes. A principal, que é a maior (4), — propriamente a da entrada, contém a collecção importante e valiosa de cento e quatorze quadros com os Prelados de Braga desde S. Pedro de Rattes, — o primeiro Bispo (foi S. Geraldo o primeiro Arcebispo) até á epocha presente. Entre estes Prelados são considerados de mais renome, alem d'aquelles dois, o Cardeal Rei D. Henrique, os Infantes D. José e D. Gaspar de Bragança,

(1) «Seis arruellas em duas palas».

(2) Veja-se pagina 3.

(3) «Escudo esquartelado, no 1.º as quinas, no 2.º um braço alado com espada em punho, no 3.º e 4.º um leão».

(4) Tem de comprimento 16m,65 e de largura 8m,6. Uma outra, onde está a Relação Metropolita, tem de comprimento 16m,40 e de largura 6m,45. A de S. Geraldo tem de comprimento 12m,80 e de largura 11m,5. São as maiores.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, D. Agostinho de Jesus, D. Aleixo de Menezes, que tambem foi Arcebispo de Gôa, D. Jorze da Costa, cognominado o Cardeal de Alpedrinha (1), D. Pedro Julião, que foi Papa com o nome de João XXI ou XXII, D. Mauricio Antipapa, D. Fr. Caetano Brandão, D. Rodrigo da Cunha, que foi o auctor das estimadissimas obras — *Historia dos Arcebispos de Braga, Catalogo dos Bispos do Porto* e *Historia da egreja de Lisboa,* o Cardeal D. Pedro Paulo de Figueiredo e Mello, que foi Lente de prima da Faculdade de Canones na Universidade de Coimbra, e o illustrado actual Arcebispo-Coadjutor D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, que foi Lente da Faculdade de Theologia na mesma Universidade, Bispo de Cabo Verde, arcebispo de Gôa e Primaz do Oriente, e vem substituir o actual Arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Ministro e Secretario de Estado Honorario. Á vista d'esta curiosa galeria de tão differentes e tão grandes varões, muitos já muito posteriores a D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, bem assenta a esta casa o famoso dicto de Cicero, repetido por aquelle venerando Prelado no acto de tomar posse do paço da sua residencia — *Ó domus antiqua! quam dispari domino dominaris!*

O Prelado-Coadjutor, que presentemente dirige a Diocese, occupa o lado direito saliente da fachada principal. São commodos e sumptuosos estes aposentos, quaes convêm a um Principe da egreja, e á dignidade do chefe da egreja Primaz das Hespanhas. Contém seis magnificas salas seguidas, que terminam em uma galeria (donde veio o nome ao largo) ou varanda envidraçada. D'esta póde o Prelado, sem ser visto, gozar para poente o panorama da rua nova do Sousa até perto da estação do caminho de ferro, e para nascente o da rua do Souto até o largo do Barão de S. Martinho e passeio do *campo* de Sanct'Anna.

A melhor e maior parte da mobilia d'estes aposentos

(1) «... natural do logar de Alpedrinha na Beira, de cujo va«lor e autoridade temos notaveis memorias neste reino do tempo «dos Reis Dom Afonso Quinto, e Dom Ioão segundo, que suas cro«nicas contão, e as historias Pontificaes apontão». Citada — Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres liv. II cap. XXVIII.

pertence ao mesmo Prelado-Coadjutor. Entre ella vimos as seguintes peças, como outras muitas, dignas de observação:

—Uma cadeira de honra, feita de páo sancto ou jacarandá, moldurada com uma almofada de veludo carmezim, que tem as armas nacionaes bordadas a ouro em alto relevo, — outra da mesma madeira, com embutidos de páo rosa, que foi do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, por aquelle Prelado adquirida e reformada, — um canapé de ébano, que s. ex.ª rev.ma trouxe da ilha de Ceilão, — um calvario aberto em uma só peça de marfim, com vinte e quatro figuras em alto relevo, da altura de 0m,10, dividido em sete quadros, cada um dos quaes representa os passos de Christo, — uma imagem do Bom Pastor, tambem de marfim, sobre monte da mesma substancia, onde figuram pastando muitas ovelhas, e no baixo d'elle em cavernas as imagens do Apostolo S. Pedro, de S. Jeronymo, e de Sancta Maria Magdalena. São tambem notaveis em uma d'estas salas o gabinete particular do insigne Prelado e a sua variada, escolhida e volumosa bibliotheca, qual convém ao filho distincto da Universidade, que pela sua dignidade pessoal, pelo seu saber, pela sua erudição, e pela sua eloquencia illustrou o claustro, a Academia e o pulpito, e é hoje pelos mesmos titulos um dos mais respeitaveis Prelados da egreja. Cabendo-nos a honra, sobre todas a maior, de ser considerado seu amigo, e tendo-nos s. ex.ª rev.ma recebido como tal á sua meza e nos seus gabinetes, seja-nos permittido, abusar da sua nimia lhaneza e franqueza, devassando o recinto da sua habitação, e dando neste logar testemunho sincero, e despido de lisonja, dos sentimentos, que lhe tributamos, de admiração, de respeito, de extrema dedicação, e mais que tudo isso de profundissima gratidão pelo evangelico amor, com que em crise funesta soube com as suas palavras de unção reanimar a vida que nos fugia, acerada de pungente dôr pela perda d'um... filho... querido...

Contém o paço archiepiscopal as seguintes repartições e archivos ecclesiasticos:

— O cartorio da camara ecclesiastica.

— O archivo dos autos de patrimonio.

— O archivo do registro parochial, pertencente a cêrca de mil e trezentas freguezias do arcebispado.

— O archivo da Mitra, conhecido pelo nome de — Archivo da Relação, por se achar collocado em uma casa proxima do Tribunal da Relação ecclesiastica. Este archivo é ainda rico e importante, comquanto esteja hoje muito prejudicado, desde que por ordem do governo foi permittido ao sr. Alexandre Herculano levar d'ahi grande numero de originaes.

— O cartorio da fazenda da Mitra.

— O cartorio da secretaria particular do Prelado.

— O cartorio e deposito de commissões da Bulla da cruzada.

— O Tribunal do Juizo ecclesiastico, e o da Relação Metropolitana.

Na casa d'este tribunal funccionou durante muitos annos o Tribunal de primeira instancia civil, e sobre a sua porta, sotoposto ao brazão de Sousas, lê-se o letreiro (1):

«Illustrandæ urbis causa sit-ve unde petantur jura nec «instabili dentur ut ante loco Souza, Pater Dominusque Urbis «magnusque Sacerdos Justitiæ, Emanuel nobile struxit «opus».

Tem finalmente o paço grandes celleiros, onde eram antigamente arrecadadas as valiosas rendas da Mitra, e nelle se encontravam, e ainda existem pela maior parte desertas, pobres e vazias, todas as accommodações d'uma sumptuosa casa, qual convinha ao elevado destino para que fôra construida, embora todas com os defeitos proprios das epochas da sua edificação.

(1) «Para illustrar a cidade, e haver um tribunal permanente, onde se administre justiça, e não instavel como d'antes, D. Manuel de Sousa, Pai e senhor da cidade, e grande sacerdote da Justiça, mandou construir este celebre edificio».

O cavalheiro, que nos fez a fineza de mandar-nos cópia exacta, que para maior certeza pedimos, do letreiro, acompanhou-a d'esta traducção.

Hospedarias

Entre outras menos conhecidas offerecem alguma commodidade as seguintes hospedarias, comquanto ainda muito longe do que fôra de esperar das actuaes condições economicas de Braga, e do seu importante movimento, — milagre que ha de fazer em breve o caminho de ferro.

— No *campo* de S. Miguel o Anjo, e no antigo hospicio dos conegos regulares de Sancta Cruz, a hospedaria da Vista-alegre, mais conhecida pelo nome de Hotel do Igo.

— No largo da praça a hospedaria particular.

— Na rua de S. João do Souto os hoteis — Real, da Estrella do norte, Leão d'ouro e Portuense.

— Na travessa d'esta rua o hotel Transmontano.

— No largo dos penedos a hospedaria Aveirense.

— E no *campo* de Sanct'Anna a dos dois amigos, a mais antiga de todas, renovada e ampliada ultimamente.

Bancos

Além das Agencias dos Bancos e companhias d'outras terras têm muito movimento os *Bancos* do Minho no *campo* de Sanct'Anna, o Commercial na praça de D. Luiz I ou *campo* da vinha, e o Mercantil na rua nova do Sousa. Foram fundados estes pela ordem em que os indicamos. Para o primeiro d'elles está em construcção no *campo* de Sanct'Anna, juncto ao theatro de S. Geraldo, um elegante edificio, apropriado ao fim a que é destinado.

Associações

Conta Braga entre as principaes as seguintes:

— No largo da Lapa a Associação commercial,

— No *campo* de Sanct'Anna o Club democratico-recreativo, a Assembléa Bracarense e o Monte-pio dos artistas,

— Na rua de D. Gualdim a Associação catholica.

Theatro

O theatro de S. Geraldo é o unico de Braga. Está em edificio construido com esse destino no *campo* de Sanct'Anna. Foi fundado em 1857 por uma companhia particular, e abriu-o ao publico, maravilhando os espectadores com o seu genio inspirado, a primeira actriz portugueza Emilia das Neves. Depois dos principaes theatros de Lisboa e do Porto, talvez inferior em vastidão ao theatro academico de Coimbra, mas muito superior a este nas demais condições, não conhecemos nenhum outro em Portugal, que se lhe possa avantajar.

Espirito religioso do Minho

Do espirito religioso do bom povo de Braga, e geralmente de todo o Minho, dão testemunho mil factos de todos os dias, que provam como felizmente conserva intactas as suas crenças no meio da, infelizmente geral, indifferença religiosa. As muitas capellas e pequenos oratorios, — os nichos com imagens, apenas alumiados á noite por tremula luz bruxuleante de pobres lanternas, — os terços, ainda não ha muito rezados nas ruas de casa para casa, e hoje não só no recinto domestico entre pessoas amigas, mas em alguns oratorios publicos (1), — os asylos e recolhimentos, em que a cidade abunda, — o numero consideravel de ecclesiasticos, alguns de reconhecida illustração, — a concorrencia todos os dias e em todos os templos aos officios Divinos, — as frequentes romarias e festividades religiosas, — estes e muitos outros factos de devoção e piedade characterizaram sempre a provincia do Minho.

(1) No largo do collegio, ao lado do arco vetusto, que separa este largo do *campo* de S. Thiago, existe uma capellinha, aberta em meio da muralha, com a invocação da Senhora da Torre. Illuminada á noite com muitas luzes a imagem e seu altar, são frequentes ahi as orações e terços, que o povo respeitosamente acompanha do terreiro e casas proximas.

*

Da principal romaria do Bom Jesus do monte damos comprida noticia em pagina 78. Fazem-se, principalmente em Braga, com grandeza e decencia as festividades religiosas, e as suas procissões eram ainda ha pouco tempo celebres pela antiga usança do *boi-bento* e do *carro das hervas,* e pelos *passos religiosos* que frequentes vezes representavam. Precedia as procissões um boi enfeitado de fitas de variadas côres; seguia-se um carro conduzindo alta carrada de ramos de castanheiro, loureiro e hervas cheirosas: vinham depois os seculares bombos com o cortejo de tambores, atroando os ares com descommunal estrondo. Eram principalmente notaveis as que se faziam em honra do Sanctissimo Sacramento, por commemoração da fugida de Nossa Senhora para o Egypto, e em dia de S. João Baptista, — verdadeiros passos mythologico-sacros, procissões singularissimas pela sumptuosidade dos carros emblematicos e pelas muitas figuras allegoricas de que eram compostas. Ainda não ha muitos annos assistimos a uma das do Sanctissimo, — a uma da fugida de Nossa Senhora, — e á de S. João. Precedia as duas primeiras, além do classico *boi-bento* e *carro das hervas,* o cortejo de seis bombos e doze tambores, tocando compassada mas estrondosamente. A segunda representava ao vivo o facto da fugida, figurado por uma imagem da Virgem, de molde construida para este effeito (1), cavalgando enfeitada jumenta, levando ao collo uma criança, sendo seguida d'um mocetão em vestes hebreas, que figurava de S. José. O passo mythologico-sacro de S. João percorria as casas de todos os mordomos da festividade, e sahindo ao sol nado recolhia ao sol posto. Estas e quejandas antigualhas tem a pouco e pouco decahido em desuso, sem prejuizo, talvez com aproveitamento, da nossa sancta religião, que de certo não se afervorava mais com similhantes scenas, em parte comicas, e seguramente menos religiosas que profanas.

Noticias interessantes de algumas mais notaveis d'estas procissões constam de chronicas e documentos, que a confraria do Bom Jesus do monte archiva em seu cartorio, e

(1) É feita de engonços, e chama-lhe o povo a Senhora da burrinha.

dos folhetins publicados no semanario Bracarense — *O Brado Liberal* pelo professor do lyceu, o sr. Pereira Caldas. Descreveu-as ahi este distincto escriptor em face de documentos impressos e manuscriptos, dos quaes deu a competente resenha bibliographica. São estes manuscriptos e impressos de grande valor archeologico, e guarda-os por isso em recato na sua bibliotheca o estudioso professor, prestando-lhes adoração, como apaixonado amante por donzella requestada. E tem razão: são os seus livros, principalmente os seus livros de antiguidades e os seus monumentos archeologicos, o seu viver domestico, o entretenimento das longas noites do inverno, a sua paixão favorita, o enlevo das horas que póde roubar ao cumprimento de deveres escholares. Paixão louvavel! desculpavel roubo!.. A sua bibliotheca, considerada uma das bibliothecas particulares de mór nomeada, — invejada de sabios e sollicitada de extrangeiros, que julgam pagar a ouro o que não póde pesar-se a ouro, — sempre franca aos seus amigos, e aos amadores bibliophilos, é numerosa, selecta e variada, tendo merecido por isso, e pelo nome do seu proprietario, a honra d'uma visita do intelligente, sempre chorado, Rei D. Pedro v, e ultimamente do Monarcha reinante do Brazil no seu passeio pela provincia do Minho em março de 1872.

A via ferrea

A via ferra entre o Porto e Braga foi aberta á circulação publica em 21 de maio de 1875. No dia anterior tinham vindo inaugural-a Suas Majestades com os Infantes, seus filhos. Foi um dia de verdadeiro e espontaneo jubilo nacional, em que o povo do Minho, agglomerando-se em todo o longo precurso da mesma via, e saudando em applausos freneticos o comboio real, alliava a sua proverbial dedicação pela casa de Bragança e pelo systema Monarchico ao natural enthusiasmo por esse acontecimento. Com effeito, em meio d'uma provincia populosa, rica e fertil, cortada de estradas que se cruzam em todas as direcções, a abertura d'uma via ferrea, como arteria geral de todas ellas, não podia deixar

de ser considerada um melhoramento de incalculaveis vantagens publicas. O povo do Minho comprehendeu-o, e saudou-o sincero, expansivo, enthusiasmado.

Diligencias

Já antes da abertura da via ferrea o movimento de diligencias era incessante. Depois d'esta augmentou consideravelmente. Todos os dias, a differentes horas e de diversas empresas, sáem e entram em Braga as de Vianna do Castello, umas por Ponte do Lima, outras por Barcellos; as de Guimarães, ou directamente ou por Villa Nova de Famalicão; as da Lixa, onde fazem entroncamento as estradas de Braga e Porto para Traz os montes; as de Amarante, de Villa-Real e de Chaves; as de Fafe e Gandarella de Basto por Guimarães; as de Monção por Villa-verde; as da Barca e Arcos de Val de Vez; as da Povoa de Lanhozo, e as da Povoa de Varzim por Barcellos. Algumas d'estas empresas extendem-se a terras da Galliza, e correspondem-se com outras do reino vizinho.

Á chegada dos comboios do caminho de ferro do Minho á estação de Braga são surprehendidos os passageiros por grande vozearia, que vem do largo exterior da estação. Um cocheiro em pé sobre o tombadilho d'um dos muitos char-à-bancs, e outros trens que estacionam alli, proclama em grita altisonante, voz clara e robusta, braços levantados, accento unisono, e rapidez incrivel sem lhe escapar ponto nem virgula, o seguinte pregão, que sem tomar fôlego repete, em quanto presente alma viva dentro da estação:

«Carreiras diarias da nova empresa de trens; Barca, «Arcos, Monção e Valença, Ponte do Lima e Vianna do Cas- «tello, Caminha, Villa Nova de Cerveira, Guimarães, Fafe, «Gandarella, Povoa de Lanhozo, Igreja nova, Cruz de real, «Tuy, Vigo, Redondella, Ponte vedra, Caldas e Padrão, «Sanct'lago, Corunha, Ferrol, Astorga, Valhadolid, Pouwi- «nho, Pontareias, Riba d'Avia, Mollão, Caniça e Orense; e «na estação central do caminho de ferro se fretam trens «para toda a parte que qualquer passageiro pretenda. Para

«a estação central a dois patacos, para os hoteis da cidade «a seis vintens, e trens para o Bom Jesus a 2$500 réis «ida e volta com a gorgeta do cocheiro».

É um cartaz vivo!..

Character geral da cidade

Como em todo o Minho, em Braga o paiz é rico, fertil o solo, ameno o clima, activo e diligente o trabalho, na sua maxima parte respeitoso o povo, com tracto lhano e cortez, e em todas as classes de genio emprehendedor. Os misteres differentes da sua variada labutação agricola, fabril e commercial conhecem-se dos mappas estadisticos da contribuição predial e industrial. São perfeitos em certos productos, de que manipulam bons artefactos em muitas fabricas e officinas de chapellaria, ferragens, couros, pannos de linho, obras em osso, e outras.

A cidade não parece populosa no seu centro. Illude-se quem apenas julgar da população de Braga, e genio industrioso do seu povo, pela industria e população das ruas principaes do centro da cidade, — pela parte, que em outro logar chamámos civilisada da cidade. A maior população, — a população essencialmente industrial agglomera-se compacta nas ruas e compridissimas pernas, que d'este centro irradiam; e alguma ainda se espalha pelas antigas congostas. A industria, principalmente a fabril, é ahi variada e grande.

Este constante labutar em um viver sempre laborioso; a sua perseverante actividade; e a perfeição fabril revelam-se na acceitação que o consumo comprova, e nos premios obtidos em exposições nacionaes e extrangeiras.

Da riqueza agricola, da variedade de seus productos, e do desinvolvimento de seus processos e instrumentos dão testemunho as abundantes e concorridissimas feiras semanaes de Braga, e a primeira grandiosa exposição agricola, que teve logar em principios do anno de 1792 por influencia do arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, — a primeira tambem na Europa, e que foi digna iniciação da que na mesma ci-

dade foi celebrada no anno de 1863. A respeito d'esta é curioso e digno de consultar-se e estudar-se o opusculo em 8.º com o titulo — «*Instrucções para os concorrentes* «*á exposição agricola de Braga em* 1863 *pelo secretario* «*da sessão central da grande commissão, o professor Pe-* «*reira Caldas*».

FIM.

INDICE

PARTE PRIMEIRA

Pag.

Topographia do monte, e descripção do portico e das tres primeiras capellas, suas fontes mythologicas, e estradas para o alto do monte 1

Das seguintes capellas da paixão, suas fontes e rampas..... 9

PARTE SEGUNDA

Dos *escadorios* 17

Do *escadorio* dos cinco sentidos 19

Do *escadorio* das virtudes 30

Da cascata 40

Do adro do templo..... 42

Do templo — exterior do templo 45

» — interior do templo 54

PARTE TERCEIRA

Das capellas da crucifixão e descimento da cruz; avenida e suas capellas..... 65

Do terreiro dos Evangelistas, e da grande alameda..... 69

Da rua da mãe d'agua; do resto do monte do Sanctuario; e do Monumento do monte Sameiro..... 74

PARTE QUARTA

Instituição e progressos do Sanctuario 85

Graças espirituaes concedidas ao Sanctuario, e suas principaes festividades..... 90

Fundos e administração da confraria..... 94

Appendice ás — *Memorias do Bom Jesus do monte* 97

Roteiro ou abreviada noticia de Braga 99

ERRATAS

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
54 nota	–	sitial ou	ou sit al
71	8	Na de S. Marcos lê-se (1):	Na de S. Mattheus lê se (1):
77	19	d'arte (1).	d'arte (2).
93	penultima	a paginas	a paginas 48.

SEGUNDO APPENDICE

NOS FINS DE JULHO DE 1877

SECUNDO APPENDICE

SEGUNDO APPENDICE

Em fins de julho de 1877

A pag. 12 diz o texto:

... *nas quaes entra... a construcção d'uma outra escadaria... parte da qual, o lanço superior, já está concluida... uma d'estas* (capellas) *ao norte do terreiro... já está em construcção...*

A nova escadaria está concluida; tem 45 degraus em tres lanços. Ambas as capellas estão em construcção.

A pag. 65:

... *Por ora não tem no retabulo a inscripção...*

A inscripção já está collocada, e diz:

ERAT AUTEM HORA TERTIA
ET CRUCIFIXERUNT EUM.

MARC. 15, 25.

A pag. 69:

Ouvimos que a *casa da Mesa* será demolida, a fim de alargar-se e regularisar-se o terreiro em volta do templo. Receiamos que esta obra e outras de pedra e cal projectadas, em que devem de consumir-se grossas sommas, compromettam outras, principalmente na matta, mais urgentes. Vej. o que diz o texto a pag. 76.

A pag. 74:

... Esta rua... extende-se ao longo do muro da cerca do Sanctuario; e em curta distancia d'elle é acompanhada d'um aqueducto descoberto, que principia juncto do reservatorio...

O muro da cerca foi recuado até á nova estrada do Sameiro, que em parte lhe fica inferior, e chega já a alturas da *mãe d'agua*, contorneando esse lado da matta. A obra foi boa. Quando estiver concluido o muro, este espaço de terreno, aproveitado para a matta com as suas grandes arvores, ha de offerecer agradavel passeio e formosos pontos de vista sobre os viçosos prados, que nas fraldas dos fronteiros montes circumdam pequenas povoações. Mas em compensação d'isto o aqueducto descoberto já não existe. Ouvimos que, para chegar mais pura ás fontes a agua do reservatorio, foi encanada por baixo da terra. A um lado da rua acha-se um espaço com assentos de cantaria, e no centro d'elle um pequeno obelisco, do meio do qual sáe agua, tocando-se em uma mola. A substituição do aqueducto pelo obelisco pareceu-nos não compensar a perda d'uma das maiores bellezas, que em nosso ver tinha a matta.

A pag. 102:

... a camara municipal tem o louvavel projecto de transformar estes bairros, alastrando algumas das velhas viellas...

Algumas d'estas obras estão em construcção.

A pag. 107:

... uma imagem da virgem, pintada alli na parede...

A imagem não é pintada, como por equivoco disse o texto. A imagem está em corpo, mettida em grande nicho entre dois brazões.

A pag. 111:

... a capella de Sancto Antonio Esquecido, mais conhecida hoje pelo nome de capella do Senhor morto... A capella de Nossa Senhora da Conceição serve de capella mór ao templo de S. João...

Houve aqui manifesta confusão. Nem a capella de Sancto Antonio é conhecida por aquell'outro nome, nem a de Nossa Senhora da Conceição serve de capella mór do templo de S. João. A capella de Nossa Senhora da Conceição, que tambem chamam — do *Senhor morto,* porque o corpo de Jesus está ahi em mausoleu, é uma pequena capella lateral do corpo da Igreja de S. João, communicando com esta por porta de ferro, e tendo porta para a rua de S. João. Sobre ella, e sem communicação alguma com o templo, está a de Sancto Antonio, edificada em elevação, para a qual sobe da rua uma comprida escadaria. De notavel sómente offerece uma grande antiguidade, um amontoado de toscas figuras, allusivas á historia do Sancto, e a curiosa historia, que da sua edificação, antigos possuidores e rendas proprias conta o bom velho, guarda das duas capellas e de suas fabricas.

A pag. 114 e 117:

... Acham-se tambem na capella mór (da Sé) *os mausoleus do Conde D. Henrique e da Rainha D. Tareja, que foram transladados da capella de Nossa Senhora do Liberamento, e servem hoje de credencias...*

... A capella de Nossa Senhora do Liberamento era conhecida pelo nome de capella dos reis, em quanto estiveram ahi os mausoleus do Conde D. Henrique e da Rainha D. Tareja, depois transladados para a capella mór da Cathedral. Contém esta capella ao lado da epistola um singelo monumento, no qual, coberto com a sua effigie, está encerrado o corpo do Arcebispo D. Lourenço...

O actual sr. Arcebispo mandou collocar aquelles dois mausoleus no seu antigo logar da capella de Nossa Senhora do Liberamento.

O mausoleu do Arcebispo D. Lourenço está mettido na parede, e tem a seguinte inscripção:

D. O. M.

DOMINUS LAURENTIUS ARCHIEP. BRACHAR. HISPANIARUM PRIMAZ LXXXVI SEPULTUS ANNO DNI. MCCCLXXXXVII TRANSLATUS E MEDIO SACELLI INTEGER ET INCORRUP. TUS DIE QUARTO JUNII 1663.

Por dentro da tampa, que fecha o mausoleu, lê-se sobre setim em letras douradas a traducção da inscripção nos termos seguintes:

DOM LOURENÇO (86) ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPANHAS FALESCEU NO ANNO DE 1397: SENDO TRANSLADADO DO MEIO D'ESTA CAPELLA NO DE 1663 FOI ACHADO INTEIRO E INCORRUPTO.

A pag. 122:

... *O notavel mosteiro de Tibães... aparentando derrocar-se por todas as suas junctas...*

Não podémos resistir á tentação de visital-o outra vez... Ninguem imagina o vandalismo que por alli vai! Além do templo tem por ora escapado a casa do capitulo e uma capella interior, confiadas aos cuidados do respeitavel parocho. Os riquissimos quadros, que adornam as paredes d'estas peças, revelam as preciosidades do mesmo genero, que pelos vastos esburacados corredores do mosteiro se acham agora ennegrecidos, destruidos, esfarrapados pelo temporal, que entra por toda a parte. Na propria cerca, extensa propriedade de fertil torrão e abundantes nascentes, encontram-se ainda vestigios caducos de bellezas artisticas. Tapámos o rosto de dó e vergonha... Ninguem deixe todavia de visitar estes restos venerandos... Ao menos o passeio é lindo.

A pag. 141:

O letreiro da porta do Paço Archiepiscopal está gravado na fórma seguinte:

Ó DOMUS ANTIQUA
QUAM DISPARI DOMINO
DOMINARIS — ANNO 1709.

A pag. 150:

... *A chegada dos comboios do caminho de ferro do Minho etc....*

O *cartaz vivo* já não existe: o carro americano substituiu alli, como em outras partes, o char-à-bancs, assim como este havia substituido as antigas caleças e as legendarias liteiras, emblemas d'uma pausada civilisação. Os americanos de Braga foram uma novidade, que nos surprehendeu e encheu de justo jubilo pelo engrandecimento d'esta cidade, nossa pela affeição.

São frequentes, e por preço diminuto, as suas carreiras entre a estação do caminho de ferro e a cidade, e entre uma e outra e o portico do Sanctuario do Bom Jesus. Onde ainda ha pouco o accesso era difficil a pé e a cavallo, e asperissimo para trens, sobe ahi o americano. E cedo subirá ás hospedarias,—que a companhia é emprehendedora, e o americano a vapor conta galgar breve a ingreme trepada. O americano porém não desgraciou as anteriores *locomotivas*. O movimento d'estas parece crescer com o auxilio que lhes trouxe aquelle em gente e mercadorias. Principalmente a companhia—*Viação do Minho* medra a olhos vistos, e as pequenas empresas alimentam-se da vida d'aquella. Braga promette um grande futuro.

Do mesmo auctor:

Annotações ou Synthese annotada do Codigo do commercio portuguez,—nova edição em 4 volumes, contendo os dois primeiros o commercio terrestre, o terceiro o commercio maritimo, e o quarto o projecto de reforma pelo mesmo auctor e seus motivos, e os projectos de reforma parcial pelo conselheiro (fallecido) Gaspar Pereira da Silva.

É combinada esta nova edição com o Codigo civil, com os trabalhos da primeira commissão revisora da legislação commercial, e com aquelles projectos.

Sendo annotados em fórma synthetica por grupos os artigos do Codigo, o tomo terceiro contém uma tabella de todos estes artigos em ordem numerica, e designa os logares das—*Annotações*, onde cada um se acha.

Além d'estas vantagens sobre a anterior edição, contém esta nova edição não só a legislação posterior, que foi incorporada no texto, mas o desinvolvimento de novas materias, como as das sociedades anonymas pela lei de 22 de junho de 1867, e do acto de navegação pelo decreto de 8 de julho de 1863.

Vende-se em Lisboa, Porto e Coimbra.

TERCEIRO APPENDICE

EM SETEMBRO DE 1879

TERCEIRO APPENDICE

Em setembro de 1879

A pag. 75 e 76 diz o texto:

... ao lado da rua da mãe d'agua. Tão desaproveitado está o monte...

Os nossos desejos estão em parte cumpridos. Na visita, que fizemos no mez passado ao Sanctuario do Bom Jesus, encontrámos transformada esta parte da matta. Ruas espaçosas, outras em zig-zag e tortuosas, chalets, mirantes, e vasta plantação retalham e embellezam o que era, ainda ha pouco, matta informe. Um lago extenso e formosissimo, rodeando uma ilha, e serpenteando a perder-se de vista por debaixo de pontes, substituiu os antigos infezados olivaes, e os magros terrenos de semeadura, que desde a origem do Sanctuario attestavam do mau gosto d'outras eras. No lago ha gondolas, de que podem servir-se os visitantes. Soterranea ao lago, uma gruta espaçosa com fonte e tanque é uma das novas obras de melhor gosto. D'esta e do lago com suas pontes, passeios em derredor, chalets e mirantes, vendem-se photographias no Sanctuario.

Resta comtudo muito a fazer; e uma das obras mais urgentes n'este sentido é o aproveitamento da matta, que sobe do portico, para que o accesso seja facil e agradavel.

Outros melhoramentos, de menor importancia, encontrámos no Sanctuario e em Braga.

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

E

ROTEIRO OU ABREVIADA NOTICIA DE BRAGA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1876

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Feb. 2006

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 017 354 233 1